

Vida, Morte e Reencarnação

**Paul Bodier - Charles Lancelin
Gustave Geley - Francesco Zingaropoli**

Tradução do Dr. Francisco Klors Werneck



*Jean Baptiste Camille Corot
Paisagem*



Conteúdo resumido

O que é a morte? Perguntam leigos e mesmo os doutos. Para os espíritas é uma mera passagem da vida corporal para a vida espiritual. Para os materialistas é o nada, é a transformação do corpo físico em pó. Quando Jesus Cristo ressurgiu dos mortos e se mostrou aos seus discípulos em corpo espiritual provou que a morte não existe.

Nestas 4 pequenas obras de autores espíritas são citados vários tópicos tais como: A morte aparente, O momento final da morte, As Faculdades do espírito, O desdobramento do espírito, A reencarnação do espírito, A vida do espírito no mundo espiritual e outros.

Prefácio

O grande êxito alcançado pelas três obras por mim traduzidas: "O livro do médium curador" e "O fenômeno das mesas falantes", de José Lhomme e "Como desenvolver a mediunidade", de Paul Bodier, obras populares e destinadas, principalmente, aos iniciantes no Espiritismo, levou-me a reunir, sob o sugestivo título de "Vida, Morte e Reencarnação", quatro pequenos, mas importantes trabalhos de autores todos espiritualistas, cuja produção literária relacionamos abaixo para que o leitor se capacite da competência de cada um nos assuntos tratados.

Charles Lancelin

Como se morre - Como se nasce
(Comment on meurt - Comment on naît)

Este autor francês se diz um estudioso e pesquisador, não filiado a qualquer corrente espiritualista, embora se mostre mais inclinado pelo Espiritismo.

Na brochura que traduzi, ele começa pela morte, porque aceita, como todos nós, que a morte é o início ou reinício de nova vida, ao passo que seguimos a antiga ordem.

São de sua autoria as seguintes obras:

L'au-delà et ses problèmes.

Méthode de dédoublement personnel.

La réincarnation.

L'âme humaine.

La vie posthume.

L'humanité posthume et le monde angélique.

L'occultisme et la science.

L'évocation des morts.

La sorcellerie des campagnes.

Paul Bodier

A vida e a morte (La vie et la mort)

Conhecido escritor espírita francês, autor de "A granja do silêncio" e "Como desenvolver a mediunidade", que são as duas primeiras obras, já traduzidas em português, constantes da relação abaixo:

La villa du silence.

Comment on devient medium.

L'esprit consolateur.

L'apôtre.

Francesco Zingaropoli

A morte aparente (La morte apparente)

Ilustre escritor e advogado italiano, diretor da revista *Mondo Occolto*, de Nápoles, escreveu os seguintes trabalhos:

Telepatia e sogno.
Sedute negative.
L'anima degli animali.

Gustave Geley

A reencarnação (La réincarnation)

Culto médico francês, 1^a diretor do Instituto Metapsíquico Internacional (1919-1924) e autor de obras notáveis, como:

Essai de revue générale et d'interprétation synthétique du Spiritisme.

L'être subconscient.
De l'inconscient au conscient.
L'ectoplasmie et clairvoyance.

O trabalho aqui incluído sob o título de “A reencarnação” é uma longa carta que ele dirigiu ao Dr. Innocenzo Calderone, diretor-fundador da revista *Filosofia della Scienza*, de Palermo, Itália, quando este fez um vasto inquérito mundial sobre o assunto. Tão magistral foi a resposta do Dr. Geley que Lês Editions Jean Meyer, de Paris, a imprimiu em um opúsculo de onde a traduzi devido à sua

importância, pois ela responde a todas as objeções apresentadas contra a doutrina palingenésica.

Para maiores detalhes sobre os assuntos tratados, indicamos ao leitor três interessantíssimas obras: “A reencarnação”, de Gabriel Delanne, “A crise da morte”, de Ernesto Bozzano, já traduzidas, e “O que é a morte”, de Carlos Imbassahy.

Como não há muita coisa escrita a propósito da morte aparente, resolvemos tratar do assunto em um apêndice com palpitantes e curiosos casos recolhidos em vários países.

Pensamos, assim, tornar mais preciosa esta coletânea intitulada “Vida, Morte e Reencarnação”.

Francisco Klors Werneck

1 - Obra

Charles Lancelin

**Como se Morre - Como se Nasce
(Comment on meurt - Coment on naît)**

I

Lado físico da morte

Como se morre?

Para esta pergunta cada um tem a sua resposta já pronta, mais ou menos científica, mais ou menos exata, segundo o ponto de vista em que se coloca.

O fisiologista dirá: pela sufocação; o espiritualista: pela ruptura entre o corpo e o espírito; o materialista: pela destruição e desagregação das células; o higienista: pela

ignorância; o fatalista: pelo destino; o padre: pela vontade de Deus, etc.

Todas estas respostas só são verdadeiras se as consideramos do ponto de vista particular de cada um dos que a respondem; mas parece que, em um ponto de vista geral, há um estudo especial a fazer do mecanismo da morte: é o que vou tentar fazer aqui.

O Espiritismo divide o ser em três princípios corpo, espírito e perispírito; já o Ocultismo, tanto o oriental como o ocidental, o divide, segundo as escolas, em cinco, seta e nove elementos, diante da quantidade dos quais o neófito se sente um pouco atrapalhado. Pela minha parte, a princípio, dei minha preferência ao ensino espírita que, pelo menos, apresenta uma simplicidade e uma clareza que logo seduzem: corpo físico, espírito e intermediário plástico, mas, de uma parte, já há um certo tempo, espíritas esclarecidos foram levados a admitir a divisão do corpo material em sarcosoma (*) ou corpo material propriamente dito e em duplo etéreo. De outra parte, pareceu-me que o perispírito, intermediário plástico ou aerosoma, é infinitamente mais complexo do que se pensa, por conseqüência, o ensino ocultista da divisão em nove princípios me pareceu aproximar-se mais da realidade e deve ser aceito de preferência a qualquer outro.

() - Este termo "sarcosoma", que não encontramos no nosso dicionário de português, é dado por Lancelin ao corpo físico, em oposição a "aerosoma" ou perispírito. Vem do grego sarkos, carne, e soma, que convém ao corpo. (Nota do tradutor.)*

A experiência, porém, é que poderia dar-me alguma certeza sobre o assunto. Ora, um estudo aprofundado do fantasma dos vivos, empreendido com atenção nestes dois

últimos anos, me demonstrou, à evidência, que o ser é constituídos pelos seguintes princípios:

Corpo material

Duplo etéreo (constituindo o fantasma aproximadamente do corpo físico)

Corpo astral

Corpo mental

Corpo causal e princípios superiores do ser, ainda não abordados pela experiência (constituindo o fantasma afastado do corpo físico)

O corpo material não tomará o nosso tempo, pois todo o mundo já o conhece.

O duplo etéreo, depositário da vida física, dotado da forma humana, pois que é de qualquer forma a capa do sarcosoma, constitui o apoio do fantasma que evolui junto ao corpo físico, do qual não se afasta nunca e no qual reentra desde que os elementos superiores dele se afastem.

O corpo astral, depositário da sensibilidade (força nêurica), constitui o apoio fluídico do fantasma que evolui longe do corpo físico, possuindo geralmente a forma humana. (*)

(*) - *Sobre as saídas em astral conscientes, vide o meu Méthode de dédoublement personnel e a obra de Hector Durville Le fantôme des vivants.*

O corpo mental, depositário da inteligência, não possui nenhuma forma própria; é uma aura que envolve e penetra o corpo físico e que é particularmente brilhante nas regiões imediatas do cérebro.

O corpo causal não foi senão simplesmente entrevisto por pessoas magnetizadas, postas em estado de vidência, sob a forma de uma aura muito leve formando uma espécie de chama, cuja extremidade superior é cercada de um halo assaz brilhante. Ele parece ser a sede das faculdades intelectuais

mais elevadas: vontade, memória, etc., mas não se pôde ainda nem isolá-lo, para se estudá-lo à parte, nem fotografá-lo.

Quanto aos elementos superiores do ser, certo é que eles existem, pois as diversas escolas ocultistas e, em particular, a Teosofia dão, no que lhes diz respeito, os mais variados detalhes, mas não quero, neste estudo, afastar-me da base precisa e segura que nos oferece a experimentação, pelo que ater-me-ei aos elementos precedentes dos quais venho de fazer rápida análise.

Ora, que papel desempenham todos esses diversos elementos na desagregação do ser?

Não falo aqui nem da morte súbita ou violenta que aniquila bruscamente a vida material, nem da cujos processos é muito rápido para permitir um estudo seguido de fenômenos. Tomarei, para exemplo, a morte produzida por um enfraquecimento geral devido à velhice ou por uma enfermidade bem longa, o que constitui, em suma, a morte natural.

O médico murmura, afastando-se, ao ouvido do parente mais próximo: "Nada mais posso fazer; é uma questão de horas. Esperai, pois, o desenlace de um momento para outro."

O enfermo repousa, sem forças, em seu leito. Ele pronuncia, de tempos em tempos, algumas frases soltas que só podem ser percebidas por um ouvido atento. Sua respiração é lenta e opressa, seu olhar vago, seus gestos indecisos. Algumas palavras entrecortadas, piedosamente ouvidas, lhe escapam do lábios, é uma recordação da infância que parece reviver e cada um lhe busca em vão a causa. Depois, são outras lembranças que reaparecem, a

maior parte esquecida ou desconhecida dos presentes porque o moribundo nunca lhes falou delas.

Porque, a que propósito, essas recordações ressurgem do esquecimento?

Subitamente, uma dessas recordações lembra ao enfermo uma intenção que teve outrora e que não executou. Nesse momento supremo, ele vê a necessidade de realizá-la e faz a esse respeito uma recomendação... Que se passa?

O corpo causal sai pouco a pouco, lentamente, progressivamente, do moribundo. Detentor da memória, ele repassa todo o tempo decorrido desde os anos mais remotos, faz renascer no cérebro o vestígio dos mais afastados acontecimentos, mesmo os mais fúteis, ou, numa palavra: ele passa, em revista, sua vida inteira e revê a vida que vai findar.

Nesse período, como no do sono, o tempo não tem valor e vivem-se anos, dia a dia, em poucos minutos. (*)

() - É a "visão panorâmica" ou "memória sintética", objeto de uma monografia do Professor Ernesto Bozzano que já traduzi e que na oportunidade será publicada. (Nota do tradutor.)*

A vontade ainda existe e é ela que assinala os últimos desejos, que ordena as recomendações supremas; é ela que fazia Sócrates dizer, ao expirar; "Não nos esqueçamos de que devemos o sacrifício de um galo a Esculápio."

O moribundo experimenta, porém, um espasmo e se cala... O corpo causal acaba de retirar-se, levando consigo a memória e a vontade. A partir desse momento, o agonizante fala ainda, mas as suas palavras não são mais coordenadas pelas faculdades da inteligência, agora ausentes; elas não são mais motivadas.

O corpo mental ainda está aí, pois ele emite sempre idéias, mas a essas falta ligação já que as faculdades

superiores do ser não mais existem para coordená-las. O moribundo fala unicamente do que lhe fere os sentidos, seja realidade, seja alucinação; mistura tudo e faz associações de idéias que, em outras circunstâncias, provocariam o riso.

A título de exemplo, citarei um caso de que fui testemunha: um enfermo, prefeito da comuna, ia entrar em agonia quando lhe disseram que o seu adjunto viera pedir notícias de seu estado. Ele perguntou então, procurando olhar o relógio, que horas eram e, quando lhe responderam, indagou porque todos os seus conselheiros municipais estavam dependurados atrás do relógio. Nesse momento, deu-se nele uma associação mecânica de idéias disparatadas, encaixada numa alucinação.

O corpo mental, gerador dos pensamentos, ainda os emite, mas a esses faltam, então, direção e coordenação. Como se diz vulgarmente, o moribundo disparata. As próprias idéias se enfraquecem, sua produção se espaça e o doente guarda longos silêncios... É o corpo mental que se exterioriza por sua vez e, quando ele tiver deixado completamente o agonizante, esse ainda poderá falar, mas de modo automático. Pronunciará algumas palavras soltas cujo sentido lhe escapa, sob a influência única de um cérebro que funciona mecanicamente sem mais ser dirigido pelo corpo mental.

Começa então a agonia.

O corpo astral, sede da sensibilidade, se exterioriza por sua vez, o influxo nervoso se torna mais lento e, em conseqüência, todos os sentidos se obliteram, se entorpecem e desaparecem sucessivamente; o olhar se apaga, os ouvidos deixam de perceber os sons, as sensações táteis não se produzem mais: a morte está próxima. As palavras

proferidas durante esse período só constituem sons vagos de sílabas sem qualquer sentido: o corpo astral acaba de retirar-se do moribundo, cujo sarcosoma só fica animado pelo seu duplo etéreo, detentor da vida física, que o fantasma exteriorizado procura arrastar atrás de si. Esse, por sua vez, se evade progressivamente: o coração, privado de impulsão e regulação, não bate senão irregularmente; os músculos torácicos não têm mais força para agir e os pulmões só aspiram muito pouco ar por aspiração fraca e compassada; as extremidades se esfriam e esse esfriamento se estende, ganha pouco a pouco os centros vitais. O duplo etéreo finalmente evadiu-se e vai juntar-se às outras partes do fantasma já exteriorizadas. Produz-se então, muito geralmente, um fenômeno particular. O agonizante faz certos gestos que parecem puramente instintivos e mecânicos, cuja razão escapa aos assistentes e cujo conjunto é conhecido sob o nome de carfologia. Ele move as mãos diante do peito. Que significa esse gesto? Algumas pessoas pensam que ele tem frio e querem cobri-lo, outras vêem nisso o resultado de uma opressão intensa; todas acham aí o indício de certo sofrimento...

Na minha opinião, é preciso procurar a causa e a origem desse movimento automático. O agonizante sofre, mas de um sofrimento de que não tem consciência: ele quer libertar-se...

Qual o motivo dessa dor?

Sabemos, por nossas experiências sobre o fantasma dos vivos, que esse está sempre ligado ao corpo físico por um laço fluídico que tem o seu ponto de ligação no lado esquerdo do peito. É esse laço que, por um movimento reflexo, quer o moribundo romper para se ver mais depressa liberto da matéria.

Um outro fenômeno, de uma natureza especial, se passa finalmente, com muita frequência, nesse instante. Vimos, mais acima, que o duplo etéreo só faz parte do fantasma quando esse fantasma evolui nas regiões imediatas do corpo físico. Desde que o fantasma dele se afasta, o duplo etéreo, conservador das vida física, reintegra a sua prisão de carne. Parece que se passa então algo de semelhante, mas com uma modificação especial.

Pode-se pensar, vendo o fantasma que se afasta definitivamente do corpo material para não mais voltar, que o duplo etéreo, que recebe do sarcosoma elementos semimateriais sem os quais não pode ter existência, sente o seu instinto próprio revoltar-se contra o seu próximo desaparecimento. Ele reintegra, então, o sarcosoma, segundo o mecanismo que lhe é habitual, (*) mas fazendo enérgico esforço para aí reter o resto do fantasma. Isso consegue, às vezes, por alguns segundos, e daí vem que alguns moribundos, no momento de expirar, parecem despertar e pronunciam, distintamente, algumas palavras sensatas. É o que vulgarmente se chama o "melhor do fim".

() - O desdobramento do vivo, ainda que mal conhecido, é um fenômeno muito comum entre nós. Muitas distrações, ausências, sonhos, são resultados dele. Sobre o assunto recomendo o meu Méthode de dédoublement personnel e a obra de Hector Durville Le fantôme des vivants, já citados.*

Esse, porém, é o último esforço do duplo etéreo e logo o fantasma se retira de novo, e, dessa vez para todo o sempre, do que agora só é um cadáver. Deve-se então dizer, desde esse momento, que a morte é completa? Longe disso! O fantasma está unido ao seu antigo corpo, onde continua a viver o duplo etéreo, por um laço fluídico cuja força diminui a cada instante, isto é, à medida que morrem as células que compõem o corpo, à proporção que os elementos deles se

desagregam, à medida também, que em seguida e como consequência, se enfraquece o duplo etéreo.

Depois da morte aparente, oficial, a vida subsiste ainda, mais de modo latente, sem coesão e como que individualizada entre todas as células que morrem, por sua vez, umas após outras. O corpo etéreo se dissolve progressivamente no éter e, quando morre por sua vez, ao cabo de alguns dias, o laço fluídico já se rompeu e o fantasma, então liberto, se afasta definitivamente para os seus destinos póstumos. Vê-se, pois, que o mecanismo da morte é o de um verdadeiro e múltiplo parto, desde a moléstia, que se assemelha aos pródromas dolorosos da parturição, até à secção do laço fluídico, que torna a morte perfeita como a secção do cordão umbilical dá vida própria ao recém-nascido.

Do mesmo modo que a mãe que dá à luz está cercada de pessoas amigas, nesse momento crítico, da mesma forma o fantasma, que nasce para a vida superior, encontra em torno de si, no Além, espíritos afins e protetores para trazer-lhe socorro nesse instante de angústia e permitir-lhe assim desembaraçar-se mais facilmente da matéria.

Eis um importantíssimo assunto de discussão que abordarei mais adiante, quando tratar do lado astral da morte. Não quero estudar, aqui, senão o mecanismo puro e simples da morte, tal qual parece funcionar no corpo físico, isto é, deste lado do véu.

Desde o momento, tirarei uma dupla conclusão do estudo que fizemos.

A primeira é que a cremação, que, à primeira vista, parece um progresso, deve ser, na realidade, considerada como uma volta para trás no caminho da civilização ideal. A

natureza faz com perfeição a sua obra. Dissociando progressivamente os elementos constitutivos do que foi um corpo vivo, ela permite ao espírito propriamente dito libertar-se lentamente e com facilidade e ao duplo etéreo dissolver-se no éter, onde volvem os seus elementos, pouco a pouco, com o mínimo sofrimento. Ao contrário, a cremação é um ato de violência, que, dissolvendo instantaneamente o corpo físico, inflinge uma dor atroz, ao mesmo tempo, ao fantasma, cujo apoio, o corpo astral, depositário da sensibilidade na vida, está ainda carregado de força nêurica e sente romper brutalmente o laço fluídico que o liga ao cadáver, e ao duplo etéreo que, ainda depositário do que subsiste da vida física, deve experimentar uma tortura indizível ao sentir-se desagregado, ao mesmo tempo em que o próprio cadáver, pela chama devoradora.

A segunda conclusão é esta: a morte constitui apenas um desdobramento definitivo em vez de um desdobramento temporário. Ora, sendo o desdobramento um fenômeno muito comum, sem que dele se possa duvidar, espero que o homem que estudou a teoria desse fenômeno, que sobretudo o experimentou subjetivamente, que, numa palavra, conhece o mecanismo do desdobramento, este, quando a sua última hora soar, saberá, melhor e mais facilmente do que qualquer outro, e sobretudo com menos sofrimento, desembaraçar-se dos laços terrestres e libertar dos laços da matéria a parte superior e imortal do seu ser.

II

Lado astral da morte

Estudei, precedentemente, o mecanismo ordinário da morte, do ponto de vista do plano físico, e comparei-a a um parto múltiplo no qual a enfermidade representa as dores do parto.

Vou agora procurar descrever o que se passa, em semelhante ocasião, no plano astral. Não escondo que o terreno em que piso parece, ao primeiro relance, muito menos sólido do que o anterior, mas, como possuímos certos dados muito sérios, resultados, quer de experiências magnéticas realizadas, quer de princípios demonstrados da Psicologia, vou tentar demonstrar a realidade da coisa.

É desejo meu não utilizar-me dos dados da filosofia ocultista ou espírita senão quando esses dados tiverem sido confirmados, antes, pela experimentação.

A comparação de um parto múltiplo que fiz, no ponto de vista do plano físico, vai prosseguir no plano astral. Do mesmo modo que na Terra a mulher, em trabalho de parto, tem junto de si o cirurgião, a parteira, o marido, a mãe, para suavizar-lhe esses momentos dolorosos, assim não se deve crer que o ser que renasce para a vida superior não seja assistido por entes queridos que lhe trazem auxílio e conforto.

O belíssimo ensino, ainda que ligeiramente deformado, do Catolicismo a respeito do anjo da guarda repousa no fundo de uma inegável verdade. Sabemos que a cada um de nós estão ligadas entidades espirituais que têm por missão guiar-nos, fazer-nos progredir no caminho do bem que nos deve conduzir aos planos superiores do Universo. A prova objetiva disto está em que possuímos uma consciência e que, após o mal, experimentamos remorsos. Se assim não fosse, dever-se-ia perguntar de onde vem a voz de nossa

consciência tantas vezes, ai de nós, em oposição a atos nossos, refletidos e praticados, indagar-se-ia quem cria os nossos remorsos, que, como toda a evidência, têm uma causa exterior. A consciência e os remorsos são, pois, fatos provando, inegavelmente, a existência, em torno de nós, de entidades superiores que nos guiam e nos confortam nas misérias da vida. Isto admitido, é lógico, é possível pensar que somos abandonados por esses auxiliares invisíveis no momento mesmo da prova mais dolorosa qual seja a em que vamos deixar aqueles que amamos, abandonando-os ao sabor da sorte da miséria, do mal? Seríamos loucos em pensar tal coisa! Ao contrário, essas entidades amigas, no momento supremo, se comprimem ao redor de nós para facilitarem a nossa tarefa, para nos tornarem menos terríveis a dor moral da separação e a dor física da morte.

Todas as escolas ocultistas estão de acordo a este respeito e a existência, nesta vida, da consciência e dos remorsos, nos mostra que o seu ensino repousa em bases sérias.

Vimos, em nosso precedente estudo, que a morte é constituída pelo desprendimento sucessivo:

1.º dos princípios superiores do ser, levados consigo pelo corpo causal, detentor da memória e da vontade;

2.º do corpo mental, depositário da inteligência;

3.º do corpo astral, detentor da sensibilidade, formado, na sua parte mais próxima da materialidade, pela força-substância nêurica;

4.º do duplo etéreo, detentor da vida física, ligado intimamente ao corpo material e ao corpo astral.

Vimos ainda que esses elementos se desprendem pouco a pouco e sucessivamente do moribundo. Que se passa então no plano astral?

Para explicá-lo e descrevê-lo, não vá o leitor pensar que me lançarei no domínio da fantasia e darei livre curso à imaginação. Longe disto! Apoiar-me-ei em experiências seriamente conduzidas, cujos resultados podem ser olhados como absolutamente verdadeiros.

No que diz respeito á vida póstuma, não estamos desprovidos de documentos científicos obtidos na prática do magnetismo, principalmente pelo processo dito de regressão da memória.

Darei apenas um exemplo que demonstrará tudo o que se pode tirar desta fonte.

No Congresso Espírita de 1900, o Sr. José Fernandez Colavida, de Barcelona, Espanha, fez uma comunicação a respeito da qual extraio a parte mais importante:

"O médium foi profundamente adormecido por meio de passes magnéticos e se lhe ordenou dizer o que fizera na véspera, na antevéspera, numa semana, num mês, num ano antes e sucessivamente fê-lo remontar à sua infância, que fez explicar em todos os seus detalhes. Sempre impellido pela mesma vontade, o médium contou a sua vida no Espaço, a morte na sua última encarnação e, continuamente impellido pelo magnetizador, chegou até a quatro encarnações anteriores, a mais antiga das quais era uma existência inteiramente selvagem. Em cada existência, os traços do médium mudavam de expressão. Para retornar ao seu estado habitual, foi preciso fazê-lo voltar à sua presente existência, depois do que foi acordado. Algum tempo após, de improviso, com o fim de comprovação, o experimentador fez

magnetizar o mesmo individuo por outra pessoa, que lhe sugeriu que as suas precedentes narrações eram imaginárias. Apesar dessa sugestão, o médium reproduziu a série das quatro existências anteriores; como antes fizera. O despertar das recordações e o seu encadeamento foram idênticos aos resultados obtidos na primeira experiência."

O Coronel Albert de Rochas e outros, depois dele, fizeram experiências semelhantes e, em consequência, não estamos desprovidos de documentação.

O fantasma se forma, progressivamente, à esquerda (pelo menos de modo geral, a julgar-se segundo os fatos de desdobramento experimental) do moribundo. Os corpos causal e mental, exteriorizados os primeiros, não têm, no começo do fenômeno, outra perturbação que a que lhe causa a dor do corpo físico. Acontece-lhe muitas vezes, com efeito, sair desse corpo (sono profundo, sonhos, etc.) e isto lhe parece coisa natural. Ele crê num sono do sarcosoma e não se apercebe do que se passa.

Vê ao redor de si entidades amigas que vieram socorrê-lo, mas não sabe o que pensar: tudo o que se passa lhe parece um desses sonhos aos quais já está habituado. Eis, porém, que se lhes ajunta o corpo astral, todo dolorido pela enfermidade e que, com o seu papel de detentor da sensibilidade, devia ligá-lo ao sarcosoma. Nesse momento, uma perturbação enorme o invade e o espírito, que paira acima de todos esses diversos elementos, fica como que confuso, o espanto o domina e ele fere cega e desesperadamente o infinito que começa a se lhe revelar; uma angústia espantosa o oprime e ele não tem a lucidez precisa para analisar o que lhe sucede.

Ele está desorientado, atônito, como que mergulhado em um terrível pesadelo. As entidades amigas então se aproximam da pobre alma errante e aterrada, a cercam com o seu amor, a sustentam com o seu conforto e buscam levá-la à compreensão do que se passa. O espírito, porém, continua preso de louca angústia. O que se passa lhe parece impossível, monstruoso: ele não pode acreditar que tudo acabou; sente que ainda está unido, por um laço fluídico, ao seu sarcosoma em dissolução e ele quer, sim, ele quer animá-lo. Nesse momento, os últimos restos do corpo astral se desprendem, voltam a se ajuntar ao fantasma e levam-lhe o supremo pensamento do moribundo, o qual determina a afinidade que possuirá a entidade humana logo depois da morte.

O desejo, com efeito, é a base do ser. Ora, o desejo mais intenso, que se manifestou antes da morte, determina o sentido da impulsão dada a essa parte do ser humano. O moribundo está animado de um grande desejo de felicidade, espera o céu prometido pela sua religião e está certo de atingi-lo. A tendência do ser é de ser levado para o Alto, mas sua elevação espiritual é que determinará se irá para o plano superior ou inferior (infeta, inferno). No primeiro caso, a afinidade o levará para o amor e a síntese e, no segundo caso, para o ódio e a perturbação.

É evidente, porém, que essa afinidade só subsiste nos primeiros tempos: é, de qualquer forma, um resto da vida terrena e, com o tempo, quando o espírito tiver alcançado a plenitude da posse de si mesmo, ele refletirá e se desligará dessa afinidade por assim dizer instintiva.

O fantasma está então quase completamente constituído fora do moribundo: só falta o duplo etéreo, depositário da vida física, o qual, por sua vez, se exterioriza.

Vimos, nas páginas precedentes, que o duplo etéreo, quando o seu instinto lhe faz pressentir que ele vai abandonar para sempre esse corpo agonizante sem o qual não pode viver, tem um momento de espanto e, por um enérgico esforço, procura atrair ao corpo inerte, para animá-lo ainda, os elementos superiores do ser que despertam, às vezes, no moribundo, no momento supremo, um instante de razão. Quando esse fato se produz, e ele é bastante freqüente, é nesse momento que se gera o monodeísmo que vai produzir essa afinidade póstuma que deve durar e prolongar-se certo tempo depois da morte.

Se um avarento pensa em seu tesouro, é junto desse tesouro que permanecerá o seu fantasma e, por pouco que seja, mais tarde, se encontrar, no duplo etéreo de um sensitivo qualquer, a força-substância, que possa assimilar para se materializar, se tornará "a alma guardiã de um tesouro" das lendas.

Se viveu toda a sua vida no egoísmo mais absoluto, não experimentará, no seu instante supremo, senão pesares por si mesmo, pesares que o perseguirão no Além e lhe impedirão todo o progresso, tanto menos quanto menos dele se desembaraçar. Ao contrário, se o seu último pensamento for um ato de altruísmo, a dor de abandonar os que ama na Terra ficará perto deles até os seus desencarnes e, nesses momentos, os auxiliará como ele próprio foi auxiliado na sua hora extrema por aqueles que o amaram e que as saudades o conservaram junto de si.

Mas esse apelo enérgico aos princípios superiores do ser só se produz por alguns instantes e logo o organismo do moribundo deixa de funcionar: a morte física se produziu.

Que fazem então os diversos elementos que compõem o fantasma?

Sabemos pelas experiências do Coronel Albert de Rochas e Hector Durville que o corpo astral, fundamento e apoio dos princípios superiores do ser, está unido ao duplo etéreo por um laço fluídico quase infinitamente extensível, embora esse não possa afastar-se senão alguns metros do sarcosoma ao qual o retém outro laço fluídico bem pouco elástico.

Pode-se então representar o ser humano, no momento da morte, como um balão cativo (corpo astral e elementos superiores) retido por um comprido massame ao seu cabrestante (duplo etéreo) que está fixo a um suporte de pranchas apodrecidos (corpo físico) Esta comparação me parece tanto mais exata porque o corpo astral, durante as experiências com os fantasmas dos vivos, tem sempre tendência a deixar a Terra em que se sente aprisionado, o que dá certo trabalho para fazê-lo voltar ao corpo físico.

Estudando em 1887, com a sensitiva Srta. Lux, a separação do corpo astral e do duplo etéreo, o Coronel de Rochas notou, por diversas vezes, que o primeiro, antes de atingir uma região de beatitude, tinha de atravessar uma zona que o aterrava, na qual monstros horríveis tentavam retê-lo. Ora, a maior parte das religiões ensina que, por ocasião da morte, os seres devotados ao mal disputam a alma que deixou a Terra.

Existe aí uma verdade oculta sob um mito ou um simbolismo a ser interpretado. Eis, creio, a interpretação dessa crença.

O Cristianismo nos ensina, de uma parte, a existência de demônios ou espíritos maus e, de outra, nos diz que todas os nossos pensamentos, todas as nossas ações nesta vida, estão inscritos no "Grande Livro do Juízo". Por sua vez o Ocultismo nos ensina que todos os nossos pensamentos, todos os nossos atos, ficam gravados na parte inteligente (corpo mental) do corpo astral já desligado. Neste caso, seriam os monstros os maus pensamentos que, como em um caleidoscópio, desfilam numa visão rápida por ocasião da morte. O primeiro caso nos mostra que existem no plano astral, na parte mais próxima de nós, seres que viveram no mal ou que ainda não evoluíram pouco que fosse. Esses seres, chumbados ao nosso globo por suas inferioridades, são devorados por um vivo ciúme contra as almas que vêm subir para os planos serenos da espiritualidade e se encarnizam em retê-las, como eles mesmos, nas regiões inferiores, enfim, na atmosfera do mal. É, então, de grande utilidade o auxílio de entidades boas e simpáticas que se comprimem em torno da pobre alma aterrada, a enlaçam, a protegem e a fazem franquiar essa zona de perturbação.

Parece, com efeito, que há, assim, segundo experiências feitas com pessoas magnetizadas assim como com indivíduos que tornaram à vida, um instante crítico a passar, do qual o único meio de evitar a angústia é o de ter vivido no bem.

Está, na verdade, provado que o homem que, durante a sua vida, evitou, tanto quanto pôde, pensamentos e atos malévolos, não arrastará atrás de si uma malta de espíritos

encarniçados em retê-lo na atmosfera da Terra e, de outra parte, não despertará a inveja de espíritos inferiores e estacionados no mal por seus pecados, por sua falta de energia ou mesmo por sua vontade. Ele terá formado, bem antes do momento supremo, uma guarda, pode-se assim dizer, mais numerosa e mais poderosa de entidades elevadas que, chegado esse momento, o faz franquiar, sob a sua égide e sem óbices, essa passagem crítica, rumo às regiões superiores.

Não nos esqueçamos de que o corpo astral, e com ele os elementos superiores do ser, está retido por um laço fluídico ao duplo etéreo que não pode, ele próprio, afastar-se do sarcosoma tornado cadáver.

Esse duplo etéreo, detentor da vida física, levava em si, no momento do desencarne, forças vitais armazenadas pelo fluxo constante vindo do sarcosoma, mas a sua fonte de força principal está esgotada, os órgãos não funcionam mais, o cadáver se desagrega lenta mas seguramente e o duplo etéreo vive uma vida latente, composta, pode-se dizer, de uma multidão de vidas individuais. Pouco a pouco, porém, essas morrem por sua vez e os seus elementos materiais se dissolvem no ambiente voltando à matéria inorgânica. O duplo etéreo se enfraquece cada vez mais à medida que se tornam menos numerosas as células ainda vivas e, quando a última desaparece, o duplo etéreo morre por sua vez. (*) Desde que ele não mais existe, o laço fluídico, que o une ao corpo astral, não tendo mais razão de ser, se dissolve como cai o cordão umbilical no recém-nascido, e os princípios superiores ficam livres de toda ligação material com a Terra. Resta, porém, romper ainda os laços morais e essa ruptura é ordinariamente bem longa.

() Para algumas escolas ocultistas, o duplo etéreo é apenas o fluido vital que, quando acaba, completamente, no corpo material, esse começa a esfriar e putrefazer-se. É por isso que se pronunciam contra a cremação, porque a saída às vezes não é total e o espírito, pelo apego à vida, ainda se acha unido ao corpo material. (Nota do tradutor)*

Aqui, preciso é dizê-lo, está a parte fraca do presente estudo, mas não estamos, todavia, desprovidos de provas, pois que, além das indicações dadas por certas pessoas magnetizadas submetidas à regressão da memória, temos as aparições de fantasmas de defuntos, das quais, pelo menos certo número, são irrecusáveis.

É pois, sobre experiências magnéticas e fatos, que vou estabelecer o que se segue. Quando falo de laços morais, não tenho apenas em vista essas paixões baixas, a avareza, por exemplo, que liga o defunto ao seu tesouro, o egoísmo que retém sua vítima aos lugares em que se julga feliz...

Este é em suma o inferno da doutrina católica, eterna como se diz, mas que, na verdade, não existe, porque as almas não são jamais nem precipitadas nem retidas nele. Cada um de nós está, mais ou menos, no seguinte caso:

"Os corpos só são vestes temporárias que as almas devem despir, mas aquelas, que obedecem à matéria nesta vida, formam um corpo interior ou veste fluídica que se torna a sua prisão e o seu suplício depois da morte, até o momento em que venha a se fundir na chama da luz divina onde o seu peso a impede de subir. Lá não chegam senão depois de esforços ingentes e com o auxílio dos justos que lhes estendem a mão. Durante esse tempo, elas são devoradas pela atividade interior do espírito cativo como numa fornalha ardente. As que passaram pela fogueira da expiação, lá as queimam como Hércules no monte Eta e se libertam das suas torturas, mas à maior parte falta coragem

diante dessa última prova que lhes parece uma segunda morte mais espantosa do que a primeira." (*)

(*) - Eliphas Levi Dogme et rituel de la haute magie (Dogma e ritual da alta magia).

Mas não são apenas os sentimentos inferiores que nos prendem à Terra; há também os sentimentos elevados, a preocupação de uma obra benemérita à qual consagramos a vida, o amor que levamos daqueles que deixamos atrás de nós, etc.

Tudo isto forma tantos laços morais que nos ligam ainda à vida terrena, como as saudades dos que nos amaram aqui nos chamam de vez em quando, saudades que se elevam para as regiões superiores em que são percebidas sob a forma das vibrações mentais. E todos esses laços, todas essas ligações morais, estão conservados na parte mais próxima da matéria do corpo astral. Isto dura certo tempo, durante o qual o espírito quase liberto, auxiliado por entidades superiores, retoma a consciência das suas vidas anteriores, vê qual o fim particular assinalado na sua última encarnação, verifica se o atingiu, estabelece, por um débito e crédito, o balanço das suas boas e más ações, busca os meios próprios para fazer frutificar algumas e reparar outras.

Pouco a pouco, porém, as suas obras terrenas têm a sorte de todas as obras da Terra: estão mortas ou foram desviadas de seu fim primordial e ele deixa de se interessar por elas. Pouco a pouco também os que ele conheceu e amou na Terra, por sua vez, suportaram a grande prova. Ele então vai em seu auxílio para facilitar-lhes a passagem para a verdadeira vida e acolhê-los do "outro lado do véu", assim os indiferentes que o conheceram, como os descendentes aos quais se falou do antepassado morto, cuja lembrança vaga ainda o atraía à Terra. O esquecimento agora já se fez para

ele e nada mais o atrai ao planeta, a esse mundo que foi sua morada temporária e ele pôde, por sua vez, despojar-se de toda a recordação terrestre, salvo a que fica registrada no seu carma. Pôde então subir para o plano espiritual que o atrai; para ele, desde tal momento, a morte se fez completa.(*)

() Tal é o resgate da ambição e da grandeza humanas. O humilde, o modesto, o ignorado é bem mais rapidamente que o poderoso e o ilustrado liberto dos últimos laços terrestres e pode mais depressa seguir sua vida ultraterrena.*

Vimos por esta rápida exposição, que estabeleci após uma série de experiências, que o fenômeno da morte é infinitamente mais complexo do que geralmente cremos, o qual, como definem os léxicos, é apenas a "cessação da vida".

Para não examinar o lado físico da morte, tal como esquematicamente estabeleci no estudo precedente, direi apenas que os fisiologistas são, mais ou menos, os únicos a saber que a morte pode ser parcial (gangrena, etc.) e que, em todos os casos, ela só é completa depois do aniquilamento da última célula ainda viva no cadáver.

Vimos, pela exposição anterior, que esse fenômeno, observado deste lado das portas da morte, apresenta complexidades e um processus de que não se suspeita. O fenômeno subjetivo, longe de ter a instantaneidade que se lhe empresta, ordinariamente se estende e prossegue em fases de tempos às vezes consideráveis e o que o vulgo chama morte não é senão uma série de fenômenos secundários que precedem uns aos outros e cujo encadeamento dura séculos.

Nas últimas linhas do estudo anterior, tirei duas conclusões práticas: 1.º evitar a incineração e mesmo o embalsamamento para não fazer o corpo astral suportar inúteis sofrimentos; 2.º estudar, se não praticamente, pelo menos teoricamente, o desdobramento do ser para, no último

momento, poupar ao corpo físico dores de uma agonia penosa.

Que conclusões devo tirar agora destas páginas? Uma única que contém todas as outras: o homem que, na sua passagem pela Terra, conduziu sua vida segundo a norma da Moral, da Justiça e do Bem, que praticou o altruísmo e se devotou a um ideal de bondade, de grandeza e de verdades celestiais para o qual dirigiu firmemente cada um de seus passos, esse homem criou, nos planos espirituais superiores, amigos divinos que estarão perto dele na hora inelutável das aflições e receios!

Como se nasce?

De onde vem o homem? De que meio sai a entidade, o espírito inteligente que nasce para a vida terrena?

Não devo fazer aqui, a este respeito, considerações que fornecerão matéria para um trabalho que depois executarei. Proponho-me, simplesmente, nestas páginas, estudar o processus da encarnação e estabelecer, com dados positivos, o mecanismo do nascimento.

Minhas fontes de informação são iguais às que me serviram para examinar Como se morre: afirmações de sensitivos magnetizados submetidos à experiência de regressão da memória, recordações comuns relatadas por outros sensitivos, adaptação da constituição humana aos fatos, etc.

Já em precedentes estudos, estabeleci, de modo seguro, creio eu, que, durante a vida, o homem está constantemente cercado de entidades astrais que o impelem pelo desejo e pela paixão ou a guiam pela consciência. Concluí que seria insensato acreditar, por um instante sequer, que, na hora suprema, de desencarnar, estivesse abandonado por essas

entidades que o acompanharam durante a vida terrena. Parece-me lógico acrescentar que é entre essas entidades astrais que ele deverá passar o tempo intermediário entre duas vidas sucessivas, pois se é do meio delas que vem quando nasce para a vida terrena.

Como ponto de partida, recordarei rapidamente a constituição do homem, tal qual sobressai das mais recentes experiências que acompanhei com atenção:

1.º - Corpo físico.

2.º - Duplo etéreo, do corpo material, dotado de uma coloração avermelhada e azulada, detentor da vida física, com a forma desse corpo, do qual sai com o fantasma, de que não se afasta jamais, e onde reentra desde que o fantasma dele se afasta.

3.º - Corpo astral, colorido de branco azulado, à base de força nêurica e, por conseguinte, detentor da sensibilidade material; ele tem geralmente a forma do corpo físico mas podendo mudá-la sob o impulso de sua vontade ou de um magnetizador.

4.º - Corpo mental, detentor da inteligência, tendo a forma de uma aura rodeando o corpo inteiro, bastante brilhante principalmente na parte superior, isto é, na parte que envolve o cérebro (bola mental do Dr. Baraduc).

5.º - Corpo causal (*), que não pôde ser ainda isolado: nossos sensitivos magnéticos, mergulhados em estado de vidência, apenas descreveram, quando a magnetização foi levada a fundo, a aparição, acima da bola mental, como uma chama cujo cimo é circunscrito por um halo brilhante e que parece ser o corpo causal, o qual mostra ser detentor das mais altas faculdades da alma: memória, vontade, etc.

(*) *Parece mesmo se desagregar completamente e ser substituído por um novo corpo astral quando o indivíduo passa de um sistema de mundo para um outro, questão complexa que não considero no presente estudo.*

6.º - Enfim, os elementos superiores do ser, não ainda estudados e que dominam o espírito.

Resulta, pois, deste conjunto de elementos e das explicações que acompanham cada um deles, que o fantasma, pois não se pode empregar a palavra corpo que dá a impressão de muito material, das entidades do plano espiritual é baseado no corpo astral, visto que, como indiquei no precedente estudo, o duplo etéreo, parte superior e quase imaterial do corpo físico, desaparece pouco tempo depois desse corpo.

A entidade astral compõe-se, pois, do corpo astral, o qual parece que perde no Espaço, depois da morte, a sua parte mais grosseira (*), do corpo mental, do corpo causal e dos elementos superiores do ser.

(*) - *Les vies successives (As vidas sucessivas) de A. de Rochas.*

Como se reencarnam todos esses elementos diversos? Eis o que disse, sobre o mistério da reencarnação, a sensitiva Josephine, desdobrada pelo Coronel de Rochas, por meio do magnetismo, comunicando o que viu na reencarnação de Joseph Bourdon:

"As trevas em que se achava mergulhado, rasgadas foram por alguns clarões de luz e ele teve a inspiração de reencarnar num corpo de mulher visto que as mulheres sofrem mais do que os homens e porque tinha de expiar faltas que havia cometido desencaminhando outras mulheres. Aproximou-se então daquela que ia ser mãe e "rodeou-a" até o momento de nascer a criança na qual se integrou pouco a pouco, Até cerca de sete anos, havia ao redor dessa criança

como que um nevoeiro flutuante pelo qual via muitas coisas que depois deixou de ver."

Todos os sensitivos magnetizados e desdobrados, ao relatarem, nesse estado, as impressões de suas existências passadas, aproximam-se muito na expressão "estar no escuro", "estar em trevas", que empregam para caracterizar o estado que, para eles, precede imediatamente o nascimento.

Estabeleci, no decorrer de meus precedentes estudos sobre a morte, baseando-me na existência inegável da consciência e dos remorsos, que, como disse antes, todos os indivíduos são acompanhados, durante esta vida, por entidades do Além. Mostrei que seria loucura supor que essas personalidades abandonassem os humanos no instante mesmo em que eles têm mais necessidade de seu auxílio: o momento da morte. Hoje concluo que, depois da morte, esses humanos, desencarnados, vivem entre essas entidades. É uma teoria, dir-se-á. Seja! É uma teoria - faço aqui tábua rasa dos ensinamentos espíritas para só basear-me na experiência - mas uma teoria fortalecida, de modo singular, pelos relatos de pessoas magnetizadas, desdobradas, que concordam com os ensinamentos espíritas, dos quais, repito, não quero lançar mão. Esta teoria é muito aceitável, para não dizer muito verdadeira.

Chegado, portanto, o momento em que termina uma existência espiritual para recomeçar uma nova, terrena, o ser que, por si só ou auxiliado por entidades superiores, estabeleceu o balanço de suas vidas passadas e compreendeu por que e em que progrediu, escolhe, sozinho ou ajudado, a prova terrena que lhe será mais útil. Ele viu o futuro terrestre que o seu passado lhe impõe e toma a resolução: "É essa a vida que eu viverei!"

A partir do momento em que a sua resolução é firme, ele se apega a essa vontade como os animais hibernantes à sua toca. Tudo à sua volta se torna vago, confuso; ele se acomoda a um estado sonambúlico no qual só é visitado pelas entidades que devem acompanhá-lo e ampará-lo no seu exílio terreno. A consciência do seu "eu" superior se eclipsa para deixar nascer nele um rudimento de consciência que se tornará, depois de desenvolvida, no seu "eu" da vida. E, quando mais tarde, sua consciência verdadeira, original e primordial, tiver sobressaltos de reminiscências, ou de previsões, não a compreenderá e a chamará de subconsciência.

Tal é o período de escuridão e trevas que antecipa o nascimento terrestre, de que falam todos os sensitivos magnetizados nos quais se provocou o fenômeno de regressão da memória.

Ora, durante esse tempo, que se passou na Terra? Um homem e uma mulher se uniram, obedecendo ao impulso produzido por sua mocidade. O amor fez a sua obra e um óvulo foi fecundado. Que acontece então?

Não descreverei os fenômenos fisiológicos que podem ser encontrados em obras técnicas. Encerrando-me no objeto deste estudo, direi apenas que parece isto: o pai dando a vida e, no fantasma exteriorizado, a vida física sendo detida no duplo etéreo, o duplo etéreo parece bem emanar do pai. Ao contrário, a mãe, tendo fornecido o óvulo e dando, durante todo o curso da gestação, a sua própria substância de que se nutre o feto, é à mãe que se pode ligar a origem do sarcosoma ou corpo físico. Ambos, o corpo físico e o duplo etéreo se desenvolvem paralelamente: o primeiro pela substância que lhe vem da mãe, e o segundo pelos elementos

ainda rudimentares e imprecisos que lança no feto em formação. Em uma, palavra, nesse período, um e outro se acham num estado igual de inanidade e fraqueza.

Parece-nos certo que o corpo material e o duplo etéreo se desenvolvem juntos durante esse estágio e eis em qual motivo baseio minha afirmação.

Nas experiências de regressão da memória, é sobre o duplo etéreo que se age magneticamente: esse duplo fica cada vez menor à medida que se faz remontar à infância.

Ora, quando é situado nos últimos tempos de sua vida uterina, ele toma, e o sensitivo o imita, a posição característica: os membros inferiores e superiores juntam-se sob o queixo, o pescoço encurva-se, etc. À medida que ele vai regressando aos primeiros tempos, vai tomando uma posição cada vez mais alongada e se detem como o germe que não suportou ainda a compreensão uterina. E essa mudança de posição foi fornecida por sensitivos sem instrução e que certamente o ignoravam no seu estado normal. Como, nesse, não se tem a haver senão com a memória própria do corpo etéreo, lógico é concluir daí que ele se recorda e que, por conseqüência, seguiu todo o período de desenvolvimento fetal, logo existia mesmo no dia da fecundação.

Em tal momento, entretanto, a entidade que deve encarnar-se está ainda fora da mãe. Que se passa?

A entidade está perto da mãe. Foi ela conduzida ali? Foi por si mesma? Isso não o sabemos, mas do que estamos certos é que, até o fim da gestação, se mantém no ambiente da mãe, que ela a envolve, segundo o termo invariável de todos os sensitivos magnéticos que a situa nesse período de sua existência.

Em que momento começa a tomar posse do organismo, ainda em formação e que deverá ser o seu? Para responder a esta pergunta, basta ater-se simplesmente aos fatos, considerando essa propriedade capital do corpo astral que é de deter em si a sensibilidade.

Nos primeiros momentos da vida uterina, que é o sistema nervoso do embrião? É embrionário ele próprio, num período, não direi já de desenvolvimento, mas muito simplesmente de formação. Ele começa por um simples germe de fio nervoso que se estenderá, que lançará, à esquerda e à direita, ramificações cada vez mais extensas e mais vastas para tornar-se, enfim, o sistema completo como existe no ser humano que entra na vida terrena. No decorrer, porém, desse desenvolvimento, a sensibilidade não tem motivo algum para exercer-se, e não se pode também dizer que ela é radicalmente nula, visto que os nervos existem, mas se pode afirmar que, nada havendo na ambiência que a possa despertar, está em estado latente - nada mais.

O embrião, porém, se desenvolve, torna-se feto e continua sua formação; opera-se então um trabalho especial: exerce-se sobre ele, de modo progressivo, a compressão das partes uterinas e abdominais da mãe. É preciso que o feto sinta dolorosamente essa compressão senão ficaria inerte, não faria esforço algum para libertar-se e provocaria a morte da futura mãe.

É, portanto, muito provável pelo sétimo mês da gestação que a entidade, que está para encarnar-se e que até então "rodeava" a mãe, penetre no ser fetal para comunicar-lhe a sensibilidade necessária. Essa penetração, segundo toda a aparência, opera-se por um modo de endosmose muito compreensível, pois que há, simplesmente, passagem,

através dos tecidos maternos, dessa parte do corpo astral que, por ser de essência muito aproximada da matéria, é mais fluídica ainda do que o duplo etéreo. Para concretizar o fato com uma expressão breve, diremos que havia até então justaposição (o corpo astral da criança "cingindo" o corpo físico da mãe) e depois intussuscepção.

Dotado, desde então, de sensibilidade, o feto sofre cada vez mais na sua prisão de carne e, instintivamente, faz esforços para evadir-se; são esses esforços, dia a dia mais pronunciados, que, juntos aos esforços de expulsão feitos pelos músculos do útero da mãe, provocam finalmente o nascimento.

O pequeno e frágil organismo faz então sua primeira inspiração que introduz nele todos os elementos superiores do corpo astral. Até então era ele apenas uma máquina de carne. Nesse primeiro período de vida física, a existência física do recém-nascido se limita a sensações puramente animais: sente-se bem ou sente-se mal. No primeiro caso, sua impressão traduz-se pelo sono ou pelo engordar; no segundo, por gritos ou emagrecimento, mas não está ainda de posse da centelha divina: o pensamento, que vem mais tarde.

Uma espécie de comunhão existe, portanto, nesses primeiros tempos de vida uterina, entre o espírito que acaba de revestir um corpo terrestre e o plano superior que acaba de deixar. Há ainda troca de idéias entre o recém-vindo à Terra e seus afins do plano espiritual que acabou de deixar, os quais prometem não abandoná-lo durante a via dolorosa na qual dá início para regressar mais tarde, mais depurado, evoluído e mais próximo do Absoluto.

Sobre tão importante assunto Papus diz o seguinte na sua obra "A Reencarnação"

"Assim, essa alma nasceu no mundo das formas e das provas e nele se desenvolverá. Seu elemento era o fluido celestial, a luz interior do Universo, o éter, o interior e o exterior da substância cosmogônica.

Ei-la no inverso, fora de seu elemento, em plena escuridão da carne. Já não vê seu corpo celeste; parece que o perdeu como perdeu a ciência, a consciência, a vida real. Sua inteligência fecha-se, já não tem a clarividência direta. Seu entendimento embruteceu, sua sensibilidade psíquica é muito restrita em todos os sentidos.

Entre ela e o Universo interpôs-se um terrível obstáculo, qualquer coisa de obscura e limitada, obtusa, espessa e morna, estranha composição que ruge e freme, cortina sábia e artisticamente tecida, dobrada sobre si mesmo e sobre ela, da qual todas as contexturas animadas, imagens do universo, em comunhão rigorosa com ela, figuras das faculdades da alma, em conjunção substancial e específica com ela, enlaçam e entrelaçam-na nos tortuosos meandros dos órgãos e das vísceras: é o corpo físico.

Nos primeiros dias, apenas o corpo astral anima a frágil criaturinha e somente depois, lenta e progressivamente, é que o corpo mental, até então livre e em comunicação com as esferas espirituais, estabelece o domicílio nessa flor de carne, onde vai exteriorizar, por meio das células cerebrais, as vibrações que são a manifestação da inteligência.

Pouco a pouco, com efeito, o pensamento terrestre - reflexo do outro - faz a sua aparição e depois sua educação no bebê. Limitado, no começo, às relações materiais, vê pouco a pouco estender-se, ao seu redor, o campo de suas

investigações até ao momento em que, estando o corpo mental completamente encarnado, será com o corpo causal levando consigo o germe das mais altas faculdades, ao mesmo tempo que os princípios superiores do ser, ainda ignorados em nossa grosseira análise, que começarão a depositar, na criança em crescimento, a semente das grandes idéias do futuro.

Essa bruma é constituída de fluidos astrais por onde a criança vê seus amigos do Além, aqueles que hão de acompanhá-la e guiá-la na Terra e que, aguardando a hora das árduas tarefas, a encorajam e confortam... e as crianças, sorrindo a esses rostos amigos, riem como os anjos.

No primeiro período da existência pueril, essas comunicações são contínuas. Então a criança é, poder-se-ia dizer, anfíbia, pois seu corpo vive a vida animal na matéria e sua alma vive espiritualmente no plano astral. Progressivamente, porém, a invasão da região cerebral do sarcosoma pelo corpo mental lhe restringe o campo dessas visões maravilhosas que terminam para se repetirem somente durante o sono, nos sonhos. Oh! os sonhos dos pequeninos! Qual o pensador, o filósofo, qual, mais simplesmente, o homem sensível e cheio de bondade que não tenha exclamado: "Como é difícil penetrar nos sonhos das crianças!"

Até então, isto é, até aos sete anos aproximadamente, quando se completa a encarnação do corpo mental, a criança tem freqüentes distrações, ausências, brinca com os anjos, dizem as comadres com mais verdade do que pensam. Não nos esqueçamos, efetivamente, de que até aos sete anos os indivíduos magnetizados, nos quais se procedeu a regressão da memória, declaram que "seu corpo está cercado de uma

camada brumosa flutuante na qual vê muitas coisas que não voltará a ver posteriormente".

Quando, porém, ela chega aos sete anos... adeus, adeus sonhos dourados, sonhos sedutores. Efetua-se, então, a encarnação do corpo causal e das mais elevadas faculdades da alma e a criança deixa de ser uma criatura ainda astral para tornar-se apenas uma exilada na matéria.

Esquece, então, os sonhos maravilhosos que não a visitam mais, como já se esqueceu dos "paraísos inefáveis" dos quais foi momentaneamente desterrada: a memória pessoal, criada pela vida terrena, obscureceu nela a memória real de seu ser; a lembrança da Terra substituiu, em seu espírito, o lugar da lembrança astral: o eu ínfimo e terrestre substituiu o eu radioso dos espaços maravilhosos...

Vai, criaturinha, segue o caminho que está traçado para tua prova atual. Caminha para o futuro que deve depurar-te e auxiliar-te a galgar mais um degrau da escada mística dos seres - a escada que Jacó viu outrora; esse futuro é, para a tua alma, a dor, a humilhação, a miséria, o crime, talvez... Mas vai, segue teu caminho de provações! Nas horas de desânimo que te esperam, terás relâmpagos de luz viva que te recordarão os esplendores dos sonhos de criança e que refletem magnificências astrais e talvez a voz de um amigo do Além se fará ouvir na tua consciência a murmurar-te: "Vai, carrega o teu fardo e leva-o corajosamente até ao seu término! Estas perspectivas sublimes que acabo de dar-te a perceber não são um mito, Tu não passas de uma exilada momentânea e tornarás a vê-las e revê-las um dia, desde que, nas ásperas lutas da Terra, saibas ser o que ama e não o que odeia, o que chora e não o que canta, o que ora e não o que

ameaça, o que consola e não o que aflige, o que conforta e não o que acabrunha, a vítima, talvez, e nunca o algoz!"

Charles Lancelin

2 - Obra Paul Bodier

A Vida e a Morte (La vie et la mort)

A Vida e a Morte

É costume representar-se a Morte sob a figura de um esqueleto descarnado, armado de uma foice e munido de uma ampulheta. Livre fica então o curso à imaginação do homem para fazer desta figura um símbolo de espanto e terror, porquanto este espectro horrendo encerra tudo o que a morte pode apresentar de pavoroso.

É a ignóbil ceifadeira que, quando a ampulheta indica haver soado a hora que o destino marcou, abate com a sua terrível arma, inexoravelmente e sem piedade, as vidas humanas. Moços e velhos, ricos e pobres, sãos e doentes, todos têm que ser por ela atingidos e jazer por terra, lado a lado. E, à medida que se alonga a fileira das vítimas, o macabro espectro a contempla com um ríctus horrível, na satisfação de ter cumprido e de cumprir, incessantemente e sem trégua, a sua lúgubre tarefa.

Apresentado sob esta forma, o símbolo da Morte nada tem, sem dúvida, de atraente e dele nos afastamos, com

pavor, o mais depressa possível, porém a sua verdadeira interpretação, baseada na ciência oculta, é muito outra e lhe tira imediatamente tudo o que nos possa repugnar.

A ampulheta indica, é certo, que a hora soou. A areia a correr significa que a nossa existência é medida. Ela o é, de fato, pelas possibilidades que nos são facultadas para que progredamos. Quando essas possibilidades se esgotarem todas, de nada nos serviria permanecer mais tempo aqui na Terra, cumprindo-nos então cuidar de colher o fruto das experiências vividas, a fim de nos nutrirmos espiritualmente e, depois de nos termos enriquecido com ele, prepararmos nova existência, que proporcionará outras oportunidades de progresso.

A hora soa para nós, mas a hora da colheita, da época da ceifa, que é o que a foice indica. Esta, no caso, deixa de ser arma terrível para ser o instrumento de que o ceifeiro se utiliza para cortar as espigas maduras. O ceifeiro outro não é que a individualidade permanente, cuja vida não pode ter fim, pois que é uma parte integrante da Vida Una, Universal, que se manifesta numa extensíssima série de existências sucessivas.

O que o ser colhe é o fruto das experiências vividas no corpo físico, isto é, o que delas subsiste depois de despojadas de todos os detalhes acessórios. Esse fruto indica-o, simbolicamente, o esqueleto, a parte mais duradoura do corpo físico, a que pendura quando tudo mais desapareceu.

Chegado que seja o término de nossa presente existência, somos chamados a outras atividades nos mundos invisíveis, onde o nosso corpo físico de nenhuma utilidade nos seria; por isso é que importa o abandonemos como deixamos de

lado uma roupa usada, que fez o seu tempo e de que não mais nos poderemos servir.

Vou esforçar-me para fazer compreensível, tão simplesmente quão possível, o mecanismo dessa separação que muitos videntes puderam em todos os tempos observar. As diferentes descrições, obtidas em diversos lugares e em épocas igualmente diversas, são todas concordes. Sobre este ponto, pois, a ciência oculta nos fornece provas de indiscutível valor.

A morte, ou, como dizem os espíritas, a desencarnação, mera passagem de um estado para outro estado, é ato infinitamente mais complexo e mais extenso do que geralmente se pensa.

Com efeito, a morte se desenvolve no tempo e compreende toda uma sucessão de fenômenos, mas, como estes, na sua maioria, escapam à observação direta e, como de outro lado, são quase sempre mal interpretados, costuma-se considerar a morte um ato brusco, determinando subitamente uma modificação total nas condições da existência do ser.

Absolutamente inexato é este modo de ver que provém de um erro profundo, devido; em grande parte, à ignorância corrente a respeito da natureza dos diversos elementos constitutivos do ser humano e acerca da complexidade de sua síntese.

Se, para todos, são idênticas as grandes linhas do processus da morte, já o mesmo não se dá no que concerne às circunstâncias de detalhe, tanto que bem se pode dizer que cada um tem a "sua morte", sendo ela função de um conjunto de contingências e condições que desempenham papel mais

ou menos importante no desdobramento dos fenômenos. As principais são:

a idade do defunto;

a natureza do trespasse (enfermidade longa, curta ou acidente brusco);

o modo de destruição do cadáver (enterramento ou incineração);

as crenças;

o estado evolutivo;

as últimas preocupações;

o apego maior ou menor à vida terrestre;

a natureza das aspirações habituais, etc.

Tais os múltiplas elementos que, por suas combinações, tornam, por assim dizer, infinitas as condições individuais da passagem de uma forma de vida para outra forma de vida

Mesmo não levando em conta senão a idade e a natureza do falecimento, achamo-nos em presença de condições muito diferentes.

Sabe-se que uma longa enfermidade insensivelmente prepara o desprendimento dos veículos superiores e, se o atingido por essa enfermidade for uma pessoa muito idosa, em que as células físicas já sofreram, no decorrer dos anos de velhice, alterações mais ou menos profundas, bem se compreenderá que o que chamamos morte será mais fácil para um velho do que para um moço cheio de vida, que um acidente mate de súbito. Ao passo que, no primeiro caso, os veículos sutis se destacam do corpo físico como o fruto maduro do galho donde pendia, no segundo haverá resistências semelhantes às que encontra quem queira arrancar de seu caroço a polpa de um fruto verde.

Podemos, por conseguinte, considerar a velhice e a enfermidade como condições de alguma sorte preparatórias e favoráveis à crise brusca da morte. Diremos mesmo que, neste caso, o fenômeno da morte começa o seu "processus" antes da ruptura aparente dos laços físicos, porquanto, se bem ainda vivo no plano terrestre, o indivíduo se prepara inconscientemente para a partida, realizando assim, por antecipação, uma parte dos fenômenos correlativos à passagem de um mundo para o outro.

Daí resulta que, já tendo realizado certas obrigações, o velho, que sucumbe a uma moléstia longa, vem achar-se em condições muito diversas das do jovem que um acidente mortal vitimou.

Ora, se só levando em conta a idade e a natureza do falecimento já chegamos a essa comprovação, podemos imaginar o que se dará quando intervierem as crenças (conscientes ou inconscientes), o modo de destruição do cadáver, o estado evolutivo, as aspirações profundas, etc., outros tantos fatores que exercem todos uma certa ação sobre os estados de consciência do ser na hora do trespasse e que atuam assim, mais ou menos profundamente, sobre a marcha do fenômeno.

Antes de examinarmos o que a tradição nos ensina acerca da ruptura dos laços físicos, lembremos primeiramente o que é a morte considerada do ponto de vista da medicina legal.

Os sinais da morte são imediatos ou mediatos. Eis os primeiros: parada do coração e da circulação, dilatação da pupila, tela viscosa na córnea, afundamento do globo ocular. Esses são apenas uma probabilidade. Os segundos: rigidez cadavérica, esfriamento, putrefação, que só se produzem depois de decorrido mais ou menos longo tempo, são os

únicos que podem dar a certeza que, no entanto, só será verdadeiramente absoluta com a putrefação.

De fato, a morte se caracteriza essencialmente pelo desaparecimento dos "processus" vitais, mas, nem mesma quando todo movimento respiratório cessou, quando as contrações cardíacas desapareceram totalmente, deixam de persistir os "processus" vitais.

No ser humano e nos animais superiores, a cessação das grandes funções orgânicas não acarreta a cessação imediata das manifestações vitais; os músculos da vida de relação ainda se podem contrair, conforme tão bem o demonstrou Brown Sequard. E, além desses fatos excepcionais, as fibras lisas do intestino denotam uma excitabilidade aumentada, os cílios vibráteis, que formam as mucosas das vias aeríferas, continuam os seus movimentos rítmicos, os leucócitos no sangue executam movimentos ainda durante muitas horas e às vezes durante muitos dias; finalmente as células glandulares continuam a exercer as suas funções químicas.

Como se vê, só do ponto de vista da medicina legal se pode determinar muito aproximadamente o momento da morte, o mesmo já não acontece quando se considera o fenômeno do ponto de vista essencialmente fisiológico e, a este respeito, eis o que nos ensina a tradição ocultista.

Quando soa a hora da morte, os átomos mais grosseiros, que, no decurso da última existência terrena, se mantiveram grupados nas malhas da trama da vida, se desprendem lentamente da matéria física mais densa, levando consigo o sopro da vida.

À medida que este se retira, os membros se esfriam, provocando o que se chama calafrio da morte. Enquanto que todos os átomos do corpo físico se renovaram múltiplas

vezes no curso da vida, o átomo permanente não só se manteve como se conservou, através de todos os veículos físicos de que o ser fez uso no decorrer de suas existências anteriores.

Desde que a teia sutil da vida deixou completamente os membros e os diversos órgãos do corpo e se reuniu em torno do átomo, vê-se, dizem os sábios ocultistas e os videntes, brilhar em torno dele a chama violeta-dourada do sopro da vida; depois essa chama se eleva para a cabeça até o terceiro lóbulo cerebral, para daí galgar lentamente o ponto de junção das suturas parietais e occipitais. É durante a retirada dessa teia vital e enquanto ela se amontoa em torno do átomo que os olhos se tornam vítreos.

Começa então a efetuar-se o desprendimento dos veículos; o corpo etéreo (ou corpo vital), que, na realidade ainda pertence ao mundo físico, se retira pela cabeça e deixa o corpo inanimado. Acompanham-no os corpos astral e mental, os quais, como ele, deixam o cadáver, executando um movimento em espiral, levando consigo os átomos permanentes, não, a bem dizer, os próprios átomos, mas a energia de que eram eles o campo de ação.

Mesmo depois que esses diversos elementos, que são os veículos do princípio espiritual, abandonam o cadáver, ainda se lhe conservam ligados por um cordão delgado, brilhante, prateado, que, aliás, os ocultistas chamam de "cordão de prata", cuja forma no ponto de ligação, lembra dois 6, um direito, invertido o outro, reunidos pelas extremidades de seus anéis. Durante a vida, um deles se acha fixado no coração pelo átomo-germe, sendo a ruptura desse átomo que ocasiona a parada do coração. O cordão esse não se rompe,

antes que o panorama da vida, conservado no corpo vital (ou duplo etéreo) tenha sido passado em revista.

Tendo abandonado o seu invólucro material, o desencarnado recobra grande liberdade espiritual e revê, no éter que lhe reflete o corpo vital, todas as imagens das cenas de sua existência finda, que ficaram gravadas na sua memória subconsciente.

Essas imagens se lhe apresentam à consciência como imenso panorama a se desenrolar em sentido inverso da sucessão real dos acontecimentos, isto é, vêm, em primeiro lugar, os fatos que precederam imediatamente a morte, seguindo-se regularmente os que remontam cada vez mais ao passado.

No meu livro *La villa du silence* (A granja do silêncio), encontrará o leitor uma narrativa tão completa quão possível das modalidades que se revestem as reminiscências do passado. Permitir-me-ei citar aqui apenas o seguinte trecho dessa narração:

"Percebi ao mesmo tempo que cada nova existência se liga à anterior, que, a fim de progredir e elevar-se para a Sabedoria e a Luz, era preciso não ter mais ódio porém apenas amor à lei suprema que governa os mundos."

Por todo o longo tempo que o corpo permanece em contato com os veículos superiores e esses ainda se conservam ligados ao corpo físico pelo cordão de prata, toda dissecação ou qualquer golpe desferido no aludido corpo, o defunto até certo ponto o pode sentir.

O cordão se parte no ponto de junção dos dois 6, ficando uma parte com o corpo físico a fim de evitar muito rápida putrefação, juntando o outro ramo aos veículos superiores.

A partir do momento em que o cordão de prata se rompe, o corpo está completamente morto.

Segundo ensinamentos colhidos em algumas mensagens mediúnicas, essa ruptura do cordão de prata se produziria pela intervenção de uma ou de muitas entidades protetoras.

Pode-se, pois, dizer, de acordo com as diversas observações feitas pelos ocultistas, que a crise da morte se desdobra da seguinte maneira:

1.º - retirada da trama da vida para os arredores do átomo permanente;

2.º - ruptura do átomo permanente;

3.º - retirada dos veículos permanentes;

4.º - ruptura do cordão de prata.

O "processo" da morte, tal como acabamos de esboçar, recorrendo a dados do ocultismo, pôde ser verificado em diversas ocasiões, quer nas suas manifestações primárias, quer pela clarividência.

Em sua obra *On ne meurt pas* (Não se morre), o Sr. Léon Chevreuil reuniu bom número de testemunhos grandemente instrutivos pelas suas concordâncias. Dentre eles podemos citar, como principal, o de um médium vidente instruído, falecido nos Estados Unidos da América em 1910, cuja vidência foi muitas vezes aproveitada no diagnóstico de enfermidades. Eis o que viu:

"Minhas faculdades me permitiram estudar o fenômeno psíquico e fisiológico da morte, na cabeceira de um moribundo. Era uma senhora de cerca de 60 anos, a quem muitas vezes eu dera conselhos médicos. Quando lhe chegou a hora da morte, achava-me eu, por grande felicidade, em estado de perfeita saúde, o que me tornou possível exercitar livremente a minha faculdade de vidência. Coloquei-me de

modo a não ser perturbado em minhas observações psíquicas e me pus a estudar o mistério da morte.

Vi que o organismo físico não mais podia satisfazer às necessidades do princípio intelectual, mas me pareceu que diversos órgãos opunham resistência à partida da alma. O sistema muscular tentava reter as forças motrizes. O sistema vascular se debatia para reter o princípio vital. O sistema nervoso lutava, com todas as forças, contra o aniquilamento dos sentidos físicos e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois cônjuges, resistiam à separação absoluta uma do outro, Esses conflitos internos pareciam, a princípio, produzir sensações penosas e perturbadoras, de sorte que me alegrei quando percebi que essas manifestações físicas indicavam não a dor e a enfermidade, mas simplesmente a separação da alma do organismo.

Nos seres voluntariosos, dominadores, muito materiais, a agonia é às vezes dolorosa. Assim é que se vêem agonizantes que se contraem horripelmente, se agarram a tudo, arranham a parede e não raro arrancam pedaços da pele com as unhas.

Pouco depois a cabeça se cercou de uma atmosfera brilhante e, em seguida, vi, de repente, cérebro e o cerebelo estenderem suas partes inferiores e paralisarem-se-lhes as funções galvânicas. Tornaram-se saturados de princípios vitais, de eletricidade e de magnetismo, de movimentos de vida, de sensibilidade, espalhados por todo o organismo. A cabeça ficou como que iluminada e notei ao mesmo tempo que as extremidades se tornavam frias e escuras, ao passo que o cérebro adquiria especial refulgência.

Em torno dessa atmosfera fluídica que rodeava a cabeça, vi formar-se uma outra cabeça que lentamente, cada vez

mais se desenhou. Era tão brilhante que eu mal podia fixar nela a vista, porém, à medida que essa cabeça fluídica se condensava, desaparecia a atmosfera brilhante. Deduzi daí que esses princípios brilhantes que, de todas as partes do corpo tinham sido atraídos para o cérebro, estavam solidamente unidos, segundo o princípio superior e universal de afinidade, que se faz sentir em cada parcela de matéria.

Com surpresa e admiração, acompanhei todas as fases do fenômeno.

Da mesma maneira que a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, vi formarem-se, sucessivamente, o pescoço, as espáduas e, por fim, o conjunto do corpo fluídico.

Tornou-se-me evidente que as partes intelectuais do ser humano são dotadas de uma afinidade coletiva que lhes permite reunirem-se no momento da morte. As deformidades e os defeitos do corpo físico haviam desaparecido quase completamente do corpo fluídico.

Enquanto esse fenômeno se desenvolvia diante de minhas faculdades particulares, de outro lado, para as vistas materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da moribunda parecia apresentar sintomas de mal-estar e de angústia, mas eram fictícios porquanto provinham apenas da partida das forças vitais e intelectuais, que se retiravam de todo o corpo para se concentrarem no cérebro e depois no novo organismo,

O espírito se elevou em ângulo reto acima da cabeça do corpo abandonado, porém, antes que se desse a separação final do laço que prendera por tão longo tempo as partes materiais e intelectuais, vi uma corrente de eletricidade vital formar-se sobre a cabeça da moribunda e por baixo do novo corpo fluídico.

Isso me deu a convicção de que a morte não é mais do que o renascimento da alma ou do espírito a se elevar para um estado superior e que o nascimento de uma criança neste mundo ou a formação de um espírito no outro são fatos idênticos. Nada falta, nem mesmo o cordão umbilical, ali figurado por um laço de eletricidade vital.

Esse laço, durante certo tempo, subsistiu entre os dois organismos. Descobri então uma coisa de que não me apercebera em minhas investigações psíquicas: que uma parte do fluido vital volta ao corpo material logo que se rompe o cordão ou laço elétrico. Esse elemento fluídico ou elétrico, espalhando-se por todo o organismo, impede a dissolução imediata do corpo.

Logo que a alma da pessoa, que eu observava, se soltou dos laços tenazes do corpo, verifiquei que o seu novo órgão fluídico era apropriado ao seu estado, mas que o conjunto se assemelhava à sua aparência terrena. Foi-me impossível saber o que se passava nessa inteligência que revivia, mas notei-lhe a calma e o espanto que lhe causava a dor profunda dos que choravam junto de seu corpo.

Ela logo se apercebeu da ignorância em que eles estavam a respeito do que realmente se passara."

Por sua vez, o Sr. Ernest Bosc, autor de obras muito apreciadas, escreveu as seguintes linhas, que cito textualmente e que confirmam toda a descrição que acabo de fazer:

"Dizíamos, pois, que o cérebro se torna brilhante, que ilumina a cabeça do moribundo, porquanto, não o esqueçamos, a vida, tendo se retirado até a pescoço, reside então toda na cabeça, em torno da atmosfera fluídica de que vemos um volume considerável de aura. Dessa aura se forma

uma outra cabeça que, muito nebulosa a princípio, se torna pouco a pouco mais distinta, mais nítida, de um desenho afinal preciso e, à medida que essa cabeça se condensa, o brilho luminoso da cabeça do moribundo vai cada vez mais desaparecendo e, dentro em pouco, à nova cabeça formada se juntam um pescoço, espáduas, um tronco, pernas, numa palavra: um fantasma completo que paira acima do cadáver, em posição horizontal.

Evidentemente, tudo o que era vida passou para esse fantasma e o anima, permanecendo ele, entretanto, ligado ao cadáver pelo laço fluídico vital e, enquanto esse não se rompe, o indivíduo não está morto.

Dado nos foi assistir aos últimos momentos de um velho de 78 anos, que dava a impressão de sofrer muitíssimo e que dizia e repetia à sua mulher: "Corta, corta..." A pobre mulher não compreendia o que ele desejava. De súbito, ao nosso espírito se apresentou a idéia de que se tratava de cortar os laços fluídicos e logo o fiz, passando muito rapidamente a mão por cima da cabeça do moribundo. Esse imediatamente soltou um grande ah! de alívio e morreu no mesmo instante. Eu havia desempenhado a função de Parca..."

Conforme o laço fluídico se corte ou rompa mais ou menos longe do corpo, tanto mais ou menos lenta é a decomposição desse por isso que essa porção do laço fluídico é que impede a dissolução e a putrefação do cadáver. Estamos inteiramente convencidos de que o princípio vital se escapa do corpo pela glândula pineal, pois todos os videntes afirmam que a alma ou espírito se evola do alto do crânio.

Eis em que termos um missionário ao regressar do arquipélago de Taiti, na Polinésia, expôs no tocante ao "processus" da morte:

"Eles acreditam que, no momento da morte, a alma se retira para a cabeça a fim de, em seguida, sair e passar por um trabalho longo e gradativo de reabsorção em Deus, de quem ela proviria... É curioso notar que os taitianos crêem na saída de uma substância real, que tomaria forma humana, e professam essa crença em virtude das afirmações de alguns dentre eles, dotados de clarividência.

Segundo esses videntes, desde que o moribundo deixa de respirar, uma espécie de vapor se desprende da cabeça e se condensa acima dele, a pouca distância do corpo. Conserva-se ligado a esse por uma espécie de cordão, formado da mesma substância.

"Afirmam que essa substância aumenta rapidamente de volume e toma, ao mesmo tempo, os traços do corpo de que se desprende. Dizem, finalmente, que, quando o corpo se tornou frio e cessaram as últimas manifestações de vida, o cordão, que o liga à alma, se dissocia e a alma, liberta, se evola, assistida, ao que parece, por mensageiros invisíveis."

Um dos detalhes mais interessantes dessas diversas descrições reside na indicação relativa à ruptura, no momento da morte, do laço (o cordão de prata, a que me referi ainda há pouco) que mantém unidos, durante a vida, o organismo físico e os princípios superiores do ser.

Permito-me fazer notada aqui a analogia que existe entre as manifestações sucessivas da desencarnação e as que presidem a constituição fluídica de uma aparição que chega à materialização completa.

Tendo em minha obra *La villa du silence* (A granja do silêncio) descrito a formação do fantasma, reproduzo aqui esta passagem para mostrar que os fenômenos são sempre sucessivos. E a seguinte:

"A sala ficou de improviso banhada de uma luz singular, a tal ponto que me causou a ilusão de que o sol varara subitamente as nuvens, como não raro acontece depois de violenta chuvarada, mas não tardei a reconhecer o meu erro ao ver que o aguaceiro recomeçara e que cada vez mais sombrio estava o céu.

Demais, a luz, que clareava o aposento, nada podia ter de comum com a luz solar, Era, ao mesmo tempo, suave e forte, como que irisada, rica de cambiantes que admiravelmente se fundiam uns nos outros, de tal efeito que todas os objetos existentes na sala pareciam destacar-se distintamente sobre ela.

Meus olhos contemplavam maravilhados o extraordinário fenômeno, pois logo percebi a razão pela qual tudo sobressaía nitidamente nessa espantosa luminosidade. É que a estranha luz nenhuma sombra produzia. Penetrava igualmente em toda parte e envolvia por completo cada objeto, acentuando-lhe as linhas retas ou curvas dos contornos.

De repente, vi com grande nitidez, compor-se, diante de mim, ligeira mancha luminosa por sua vez, que pouco a pouco tomou a forma humana. Em menos de um minuto, essa forma se fez mais consistente, maior, mais precisa, até finalmente materializar-se. Ali estava o fantasma, com um sorriso algo triste."

Achamo-nos, pois, quando estudamos o "processus" da morte, bem como o de materialização, em face, não de um

ato brusco, conforme geralmente se é levado a crer, mas de um encadeamento de fenômenos. O desdobramento desse, no tempo, se dilata por um período cuja duração varia de acordo com os indivíduos, justificando assim o que foi dito no começo deste trabalho, a saber, que cada um tem a sua própria morte e somos tentados a acrescentar "a morte que merece", segundo a sua vida foi boa ou má, porquanto nada do que a criatura foi ou pensou pode ficar definitivamente perdido. Essa a justiça imanente, a que nenhum ser humano consegue escapar.

Assim esclarecido, tanto quanto pôde ser o "processus" da desencarnação, devemos agora formar opinião sobre os perigos possíveis da incineração do cadáver.

Recorreremos, para isto, a diversas fontes, classificáveis da seguinte maneira:

1.º - opiniões de pessoas que atualmente vivem no plano terrestre;

2.º - esclarecimentos dados por desencarnados, cujos cadáveres não foram incinerados;

3.º - informações prestadas por desencarnados, que tiveram incinerados os seus cadáveres;

4.º - observações feitas por videntes durante a incineração.

Tenho um assinante da revista *Psychica* formulado a pergunta que ela inseriu no seu número de 15 de setembro de 1923 "A incineração prejudica o desprendimento do espírito?", o Sr. André Davenne fez sentir quanto seria de desejar que as pessoas competentes se dignassem de emitir, por intermédio dessa revista, os seus pareceres sobre este palpitante problema.

Muitas foram as respostas à direção de Psychica. Aqui vão as mais interessantes:

Da Senhora Juliette Hyver:

"A incineração nenhuma ação exerce sobre o defunto se a alma já se desprende completamente do corpo físico, mas, se a alma ainda estiver ligada a esse corpo, reações dolorosas podem produzir-se sobre o espírito do morto."

Sou muito da opinião da Sra. Juliette Hyver, porquanto não se deve perder de vista que o desprendimento é mais ou menos rápido, conforme o gênero da morte, a duração da enfermidade, os medicamentos para aliviar o doente e, sobretudo, as idéias deste com relação à sobrevivência.

Insisto sobre este ponto, que mostra quanto o ensino da filosofia espírita é necessário e útil. Se quando vivo o ser humano se instruisse a respeito da maneira por que se opera a desencarnação, nem surpresa, nem perturbação experimentaria ele na sua hora extrema e amplamente justificada se acharia a frase de um poeta da Antigüidade "A morte não existe".

De modo geral, uma morte violenta, colhendo o indivíduo em plena vitalidade, exige desprendimento mais longo do que uma morte que sobrevém depois de demorada enfermidade ou que resulta da ruína produzida pela, idade.

O emprego de estupefacientes retarda o desprendimento, do mesmo modo que as idéias materialistas e o medo do inferno.

Um se desprenderá ao cabo de algumas horas, outro somente ao fim de alguns dias, ou mesmo de meses e anos.

Nos países ocidentais, na França por exemplo, onde se enterram os cadáveres quase sempre no dia seguinte ao da morte, esse lapso de tempo, segundo mensagens recebidas do

Além, é insuficiente em muitos casos. Se se pudesse esperar cinco ou seis dias, a incineração nenhum risco ofereceria, dado que, decorrido esse espaço de tempo, já estarão rotos os laços que prendem o espírito ao corpo, qualquer que seja o gênero de morte ou o estado mental do indivíduo.

O Sr. Charles Lancelin se pronuncia contra a incineração. Por quais motivos?

Ei-los:

“É evidente que o espírito mesmo, por absolutamente imaterial, nenhuma dor experimenta com a incineração, mas, para o intermediário plástico, a incineração é horripantemente dolorosa. No primeiro momento, a morte do corpo físico não é total, nem absoluta. Apenas um órgão essencial deixou de funcionar e fez cessar a vida geral; os outros aparelhos e órgãos, porém, continuam a viver individualmente, pois as células conservam a sua vitalidade peculiar e só morrem umas após outras. Creio mesmo que o duplo etéreo, em relações íntimas e constantes com todas as partes ainda vivas no cadáver, somente no sexto dia depois da morte oficial começa a enfraquecer-se para só se dissolver no ambiente transcorridos meses e meses, quando todas as células já estão mortas.

A cremação, aniquilando brutalmente o organismo, subtrai, quase instantaneamente, ao duplo etéreo o seu apoio e o obriga a uma dissolução, não progressiva, como deve ser, mas quase instantânea e em todo o caso violenta.

Quanto ao corpo astral, detentor da sensibilidade, a questão é muito simples e de toda evidência. Ele sofre quase tão atrozmente quanto sofreria se seu organismo material fosse queimado quando inteiramente vivo. Sua sensibilidade, com efeito, é dupla: parcialmente astral e parcialmente física,

mas é evidente que, ligado como se acha ao duplo etéreo, não lhe é possível ter enfraquecida essa sensibilidade inferior senão quando o próprio duplo etéreo se dissolve e essa perda de sensibilidade só é completa depois que o duplo etéreo se dissolveu totalmente no ambiente, o que quer dizer que, no momento da cremação, a sensibilidade material do corpo astral ainda subsiste quase toda e nenhuma dor lhe é poupada das que o fogo ocasiona. Seu suplício é, pois, integral e, por conseguinte, horrível."

O Senhor Phaneg também se pronunciou no mesmo sentido:

"Sou contra a incineração não somente por causa do sofrimento provável, muito provável, do corpo físico, visto ser ainda bastante desconhecida a maneira por que a dor atua sobre os fluidos, mas igualmente por uma razão mística. Os grandes iniciados, que fizeram as regras da liturgia e do enterramento cristãos, sabiam que as células de nosso corpo físico não haviam concluído, no momento da morte, o desempenho do papel que lhes cabe. E ainda, se o espírito delas evoluiu pela caridade, toca-lhes desempenhar, nos reinos inferiores da Natureza, o papel de iluminadoras. Elas são a única representação de Deus para os minerais e vegetais e o fogo destrói bruscamente o suporte físico dos espíritos e as nossas células."

O Sr. René Warcollier tem opinião mais geral se expressa nos seguintes termos:

"Meu parecer sobre a incineração? Mas é muito simples. Até o momento em que surgiu a ciência experimental, a humanidade progrediu sempre, de modo empírico, em tudo e por tudo, assim na maneira de viver em habitações, de se vestir, de se alimentar, como no tocante à sua vida familiar,

social e religiosa, mas acabou por submeter à experiência tudo o que concerne à vida e assim por adquirir um certo equilíbrio.

Tudo experimentou com relação aos mortos: embalsamamento, incineração, etc. Acabou por se ater, nos nossos centros de civilização, ao que parecia mais simples: o enterramento, porém, como há sempre falta de um dos dados do problema, não estamos mais adiantados do que no tempo do homem quaternário.

“A ciência refaz de novo o homem. Tudo é ou será trabalho recomeçado, inclusive as questões dos mortos; como, entretanto, isso depende do desenvolvimento do psiquismo, a humanidade só terá que esperar com paciência e, enquanto espera, deixar que os vivos enterrem os mortos a seu gosto, ao esperar com paciência que os vivos enterrem os mortos a seu gosto dos que ficam.

Todavia, por uma razão de urbanismo, seria bom se adotasse a incineração não imediata, mas ao cabo de um certo tempo que se determinaria.”

No decorrer de uma sessão espírita realizada a 18 de março de 1926 na "Sociedade Allan Kardec" em Rochefort-sur-mer, ao guia do médium foi perguntado se, na sua opinião, o espírito de Gabriel Delanne sofrera com a incineração de seu corpo material.

Eis aqui algumas passagens da resposta dada pelo referido guia:

"Em geral, quando a desencarnação é lenta, dolorosa, a incineração constitui um sofrimento para o espírito, mas, para seres como Flammarion e Delanne, nenhum sofrimento pôde daí resultar, pelo que respondo à vossa pergunta: o

espírito de Delanne nenhuma dor experimentou durante a incineração de seu corpo.

São, porém, em fraco número as mortes suaves quais as desses mestres. Na maioria dos casos, o espírito ainda conserva, depois de desencarnar, certas ligações mais ou menos profundas, conforme a sua evolução.

O fato de haver, por efeito da morte, ruptura do fluido vital, nem sempre é prova de que a alma se tenha desligado do corpo e desferido rápido vôo para outros planos espirituais. Se sente pesar profundo de deixar a Terra e os que ama, ela se prende ao seu invólucro mortal. Mesmo que não sinta pena de morrer, pode a alma, depois do seu desencarne, ficar ligada ao seu corpo físico.

Para os seres pouco evoluídos, nunca é aconselhável a incineração, porquanto o espírito então sofrerá com esse modo de destruição brutal e muito rápida do seu invólucro carnal. Como regra geral, os espíritos desaprovam a incineração."

Decorridos dois meses do recebimento da comunicação de que acabamos de reproduzir alguns trechos, a 7 de maio de 1926, Gabriel Delanne deu, no mesmo grupo, uma mensagem em que, de maneira mais precisa, assim falou da incineração:

"Não sofri em consequência da incineração de meu corpo. Entretanto, reconheço que tal fato não constitui exemplo a ser seguido, porque quase sempre o espírito sofre com a cremação de seu corpo físico."

A revista inglesa *The Two Worlds*, de 23 de maio de 1924, publicou a seguinte declaração:

"Em conversação que, por diversas vezes, temos tido com os desencarnados, obtivemos algumas opiniões sobre a

cremação, sendo-nos dado falar com três mortos, pelo menos, que passaram pelo forno crematório. Dessas conversas, colhemos que certos elementos da vida subsistem no corpo do defunto, às vezes por longas horas após o trespasse, exceto nos países quentes, onde a putrefação se produz muito rapidamente, Razoável é, pois, que não se mexa com o cadáver durante um espaço de 36 horas, a fim de que a morte seja completa e que os elementos psíquicos se retirem completamente do envoltório carnal."

Quando se examinam as diferentes opiniões a favor e contra a cremação, verifica-se que são os mais opostos os modos de ver, contudo, analisando-se atentamente e comparando-se os argumentos expendidos de um lado e de outro, fica-se logo convencido de que a oposição é mais aparente do real e que pouco falta para que as diversas opiniões se conciliem. Para isso, porém, é necessário se proceda com método. Se se coloca no ponto de vista da higiene, é evidente que não temos dúvidas sobre as vantagens da cremação.

Nas grandes cidades como Paris, por exemplo, essas vantagens se mostram realmente consideráveis, porém absolutamente indispensável se torna que a cremação só deve ser procedida muito tempo após a verificação oficial do óbito.

Conveniente, portanto, seria que os cadáveres fossem conservados em uma espécie de necrotério frigorífico. É uma questão de organização e problemas muito mais complicados se têm resolvido inúmeras vezes.

De outro lado, porém, deve-se levar em conta a oposição de quase todas as religiões e as questões de ordem sentimental.

Para concluir, entendemos que a incineração, tal como se pratica entre nós, é, com efeito, prematura demais.

Quando um dos que nos são caros está a sofrer, enfermo, nós nos esforçamos por aliviá-lo, por lhe poupar toda dor inútil. Não podemos, conseguintemente, de animo despreocupado, infligir-lhe sofrimentos atrozes, mal haja transposto as portas do túmulo.

Tenhamos a coragem de proclamar bem alto o que sabemos e ponhamo-nos em guarda contra os perigos de uma incineração apressada.

Esforcemo-nos por instruir os vivos o mais possível. Repitamos, para que eles o saibam, que a morte lhes pode ser suave se, no decurso da vida atual, houverem cuidado, em todas as circunstâncias, de ser úteis e bons para com os seus semelhantes. Digamo-lhes que todo o esforço feito lhes será contado e que eles experimentarão os seus benéficos efeitos.

Procedendo assim, encaminhá-los-emos para a verdadeira vida e lhes pouparemos, com freqüência, terríveis sofrimentos póstumos.

Na realidade, a Morte abre a porta de um Além maravilhoso, mais maravilhoso, mais grandioso, mais esplêndido do que tudo o que a nossa imaginação possa figurar. Ela é apenas a mudança de um estado de consciência e nada mais. Se lhe soubermos tirar a máscara macabra que os homens, movidos pelo terror, lhe puseram, reconheceremos a exatidão desta verdade profunda: que ela é o limiar da verdadeira vida eterna, universal, que palpita em todos os seres, que se afirma e desabrocha em cada um de nós, fazendo-nos passar, sucessiva e gradualmente, por todos os possíveis estados de consciência.

É nesse Além que também experimentaremos a alegria sem par de nos acharmos, durante séculos, com os seres que mais ternamente tenhamos amado. A eles unidos mais do que nunca pela poderosa lei de atração que uns para os outros nos impeliu, trabalharemos com esses entes queridos numa colaboração íntima e permanente de todos os instantes. E maior ainda será a nossa vontade de com eles convivermos ao compreender as razões profundas de nossa ligação recíproca e ao verificar como duráveis são tais ligações.

Através dos ciclos, que uns aos outros se encadeiam, os espíritos, imortais que são, passam pelos diversos mundos, que lhes formam o campo de ação, divididos em grupos, segundo as suas afinidades e suas afeições, e trabalham todos em comum, na larga série das suas reencarnações sucessivas para elevar-se, mediante uma ascensão lenta e continua para a Divindade.

Paul Bodier

3 - Obra

Francesco Zingaropoli

A Morte Aparente **(La morte apparente)**

I

A morte aparente

Sumário: Os sepultos vivos na história e na lenda - Fatos testemunhados por Karnice - Visões macabras de

romancistas e poetas - Estatística dos enterrados vivos -
Bibliografia da morte aparente.

De todas as torturas inventadas nas épocas mais tristes da História com instrumentos cuja simples vista nos museus nos faz tremer de horror, de tudo que a crueldade dos homens inventou para martirizar os cristãos nos circos de Roma, de todos os mais aperfeiçoados tormentos da Santa Inquisição, de todos os delírios sádicos do romance de Mirabeau *Les jardins des supplices*, certamente o suplício dos supostos mortos merece a maior compaixão.

É de horrorizar ao pensamento a lembrança de que os gemidos desesperados de pessoas a nós caras, no momento de despertarem no trevor do féretro, não cheguem fora da sepultura. Os familiares voltam, ainda cheios de dores, para as suas casas, cumprido o fúnebre rito, e, silenciosos, se assentam talvez junto ao fogão doméstico quando lá no cemitério longínquo se debate, por alguns momentos ainda, profere gritos inarticulados e evoca inútil auxílio o parente vivo que, suposto morto, foi abandonado e fechado no buraco insaciável do túmulo.

Todas as histórias do mundo estão cheias de recordações pavorosas de horríveis agonias sofridas por indivíduos que despertaram lentamente em baixo da terra ou que suportaram o violento fogo circundante das chamas.

Plínio o Moço, no VII livro de sua *Historia rum mundi* (cap. LIII, pág. 52). narra o seguinte:

"Aviola, quando já cônsul, colocado no fogo, ressuscitou e, como não foi possível afastar a chama grande que crescia, foi assado vivo. A mesma coisa se diz que aconteceu com Lucio Lamia, que foi certa vez pretor. Marco Messala Rufo e

muitos outros referem que Caio Elio Tuberone, quando pretor, sendo colocado no fogo como morto voltou vivo para casa."

Sobre a morte de Zenon, imperador bizantino, corre a lenda de que a sua mulher, Arladne, o fez encerrar no sepulcro no dia 29 de abril de 491, durante um gravíssimo ataque epiléptico e que o mesmo foi achado, três dias após, morto de verdade, mas com o braço horivelmente dilacerado pelos dentes.

Na Antigüidade, Platão, Heráclides, Plutarco, Apolônio, Celso, narraram numerosos casos semelhantes.

Bacone de Verulamio escreve que o célebre filósofo Scotto era cataléptico e foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência de seu servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que ele morrera sufocado, tendo mordido, desesperadamente, os lábios.

Essa tremenda surpresa se teve no ano de 600, na exumação do cadáver do grande pregador Padre Segneri, da Companhia de Jesus, e, na dúvida de que o mesmo houvesse morrido desesperado, a Igreja Católica suspendeu o seu processo de santificação que já havia iniciado.

De morte igual faleceram filósofos, médicos, poetas, imperadores e reis, sem falar dos supostos mortos enterrados apressadamente nos tempos das epidemias e guerras e de tantas pobres senhoras torturadas por longas e laboriosas gestações e caídas em desmaio.

Misson, na sua *Storia delle causa celebri* (citada por V. Angelo Corni na sua *Apneologia*, ovvevero morte aparente dell'uomo, Roma 1851), narra o caso da mulher de um cônsul de Colônia, enterrada viva no ano de 1557: "Aproveitou-se da noite o coveiro para roubar-lhe algumas

jóias e ela despertou e segurou, pelo braço, o ladrão que, com o susto, ficou desacordado. A senhora, obrigada pela circunstância, afastou os panos que a envolviam e voltou à sua própria casa. Na Igreja dos Santos Apóstolos, em Colônia, existe um quadro representando esse fato.

É sabido que o Abade Prevot, o autor de *Manon Lescaut*, readquiriu as energias vitais e o conhecimento, sob o escalpelo do cirurgião, durante a autópsia.

O Dr. Ianin refere o caso análogo do Cardeal de Spinoza que, caindo em síncope e suposto morto, os médicos se apressaram em abrir-lhe o tórax para embalsamá-lo, mas, apenas lhe abriram os pulmões, verificaram que o seu coração pulsava e o infeliz, voltando a si, teve forças para levar a mão até o bisturi do operador a fim de repeli-lo, mas era tarde porque o golpe mortal já havia sido desferido.

Karl Marx, em *La commune de Paris*, conta que centenas de comuneiros, recolhidos privados de vida sobre espaldas e pelas estradas de Paris, depois da vitória das tropas de Versalhes, e que foram enterrados vivos aos montes nas praças públicas, se agitaram nas suas covas, revolveram a terra e espalharam, fora dela e confusamente, pernas e braços.

É este o assunto de um livro horripilante de Augusto Agabiti *Tortura sepolcrale* (Edição Voghera, Roma, 1913), procedido de um estudo do Conde Miguel Karnice-Karniki, inventor de um aparelho de salvamento para os sepultos vivos, pelos quais se vê que os casos em apreço são mais freqüentes do que se pensa, a ajuizar pelas estatísticas que foram feitas.

Vou referir-me, sem ordem, a fatos mais recentes e a alguns até dos presentes tempos.

O Dr. F. Galvagno, em seu livro *La morte apparente o pericolo di essere sepolto vivo e i mezzi di evitarlo* (Alba, 1837), relata alguns casos de que foi espectador e testemunha.

Impressionante é o caso de Anna T., da comuna de Serravalle, julgada morta por metrorragia puerperal. Surgindo na mente do Dr. Galvagno a suspeita de morte aparente, ela foi desenterrada e, "espetáculo horrendo, o lençol que envolvia a pobre senhora estava rasgado e descosido em muitos lugares, ao passo que essa jazia sobre o lado direito, e a mão esquerda, suja de um pouco de sangue, segurava, fortemente, a mandíbula inferior. Baldados foram os meios tentados para restituir-lhe a vida, pois a infeliz senhora havia, indubitavelmente, expirado pouco antes de minha chegada." Assim escreve o Dr. Galvagno.

Casos de cadáveres desenterrados e achados no túmulo com as mãos seguras à boca em ato de desespero, com as linhas do rosto contraídas horrorosamente, vêm narrados por Galvagno Agabiti e Karnice, numa infinidade tal que me seria impossível enumerar.

Fatos recentes e notáveis vêm assinalados em jornais de todos os países, entre os quais, por exemplo, o enterro, no cemitério de Rochester (New York), do jovem Wettease, que falecera de febre escarlatina (Correo da México, de 19 de abril de 1900); o sepultamento, em Blagassal (Budapeste, Hungria), do inspetor de mineiros Kransy (Le Journal, de 21 de maio de 1900); três dias após o enterro, um velho, ao passar pelo caminho do cemitério, vendo que a terra, que cobria a sepultura, se movia, chamou os guardas, que se reuniram apressadamente e escavaram o túmulo. O infeliz, ainda vivo, foi transportado para o hospital e salvo.

Le Radical, de 31 de maio de 1901, refere um caso idêntico acontecido em Gand, Bélgica, no dia 27 de janeiro, de uma moça enterrada viva, que não conseguiu romper a pedra cimentada que lhe cobria o túmulo. Seus gritos, partidos do fundo do hipogeu, não foram ouvidos e ela morreu de langor e do fome.

No jornal Il Mattino, de 15 de março de 1931, lê-se a seguinte notícia:

"Londres, 16 - Telegramas de hoje informam de Los Angeles, U.S.A., a extraordinária aventura sucedida a uma velha senhora, Essa já estava morta havia dois dias e na câmara ardente choravam os parentes e amigos da defunta, em grande número. Ontem, três horas antes do tempo marcado para os funerais; e quando, já pela estrada se reuniam os amigos que deviam acompanhar o enterro, os presentes, na câmara ardente, ficaram subitamente aturdidos quando viram a referida senhora tranqüilamente sentada no leito e, sorridente, ao vê-los, pedir-lhes um copo d'água."

Quem quiser ler um grande número de casos semelhantes poderá recorrer aos três primeiros capítulos do livro de Agabiti: "Enterro de vivos - Coléricos dissecados vivos - Soldados caídos em combates - Natimortos - Morte de puérperas."

Já que a maior campanha de toda a Europa é feita, em nossos dias, por Karnice, relatarei alguns casos dos quais foi testemunha e que o levaram à sua santa e nobre propaganda.

O Conde polonês Miguel de Karnice-Karniki, então gentil-homem da Corte da Rússia, possuidor de grandes propriedades, fazia, em certo dia do ano de 1890, uma visita de inspeção às oficinas de Lenoff, quando viu que muitas pessoas corriam ansiosas e impressionadas para um lugar de

enterros e achou-se diante de um túmulo aberto, onde, fatigadamente, alguns trabalhadores levantavam um caixão que foi depois destampado pelos coveiros. Esses, fazendo o sepultamento de uma senhora, tinham ouvido um gemido, como um eco doloroso, à queda das primeiras pás de terra sobre as tábuas do caixão. Era a despertada uma jovem de 18 anos de idade que, despojando-se da cobertura, apareceu às espantadas e comovidas pessoas presentes no seu vestido branco, com os olhos fechados e aflitos. A jovem voltou posteriormente à luz e à saúde.

Este caso não foi o único presenciado por Karnice. Já na infância ele experimentara outra violenta comoção em acidente idêntico sucedido em sua família. Muitos anos antes, quando se usava colocar na igreja, sobre o catafalco, o caixão mortuário aberto, uma criada de sua tia, que morava em Viena, Áustria, voltou subitamente à vida, de modo espontâneo, durante os funerais, se bem tivesse sido declarada morta havia três dias. Não obstante a avançada idade e uma longa enfermidade, ela teve forças para levantar-se do caixão e volver em torno o seu olhar espantado. Muitos das presentes fugiram aterrados, mas outros ajudaram na a sair do lúgubre lugar. Restituída à saúde, viveu ainda 20 anos. O fato se deu numa herdade da província de Vitebsk, Rússia, onde a tia do Conde costumava passar o verão.

Uma Condessa Potocka, de grande família polonesa, morreu no ano de 1892 e foi enterrada no cemitério Powonski, em Varsóvia. Parentes afastados, que moravam em Paris, sabendo que a Condessa andava sujeita a ataques de catalepsia, obtiveram autorização para exumar o corpo e esse, apesar de ter ficado quatro dias na câmara mortuária e

outro tanto debaixo da terra, não apresentava nenhum indício de putrefação. Ele foi então colocado num lugar bem aquecido e, ainda depois de outros tantos dias, continuou a manter-se no estado anterior. O povo do lugar sublevou-se e as autoridades exigiram, sem posterior remorso, o sepultamento da Condessa. Os protestos de Karnice foram em vão. Ele falou a respeito com o coveiro encarregado do segundo enterro e esse homem, velho e experimentado, não hesitou em declarar estar pronto a prestar juramento de que se enterrava uma pessoa viva. Tais fatos levaram o Conde Karnice a estudar a fundo a questão.

Muitos outros acontecimentos entraram, francamente, no campo da realidade romanesca, como o narrado por Corni na obra mencionada. É uma poética história de amor e de morte: Dois mercadores parisienses, ligados por uma estreita amizade, tinham por filhos uma moça e um rapaz que, após algum tempo, manifestaram o desejo de se unirem pelo matrimônio. O seu sonho, porém, não pôde realizar-se porque a moça, pedida em casamento por um rico senhor, foi obrigada por seus genitores a desposá-lo. Eles esperavam que a nova e alta posição social da filha lhe fizesse esquecer o primeiro amor. Cai a jovem em tanta melancolia que, vítima de uma síncope histérica maligna e privada do conhecimento, é julgada morta e enterrada. Espalhada essa notícia, o primeiro namorado corre, em desespero, ao cemitério, ao túmulo de sua amada e obtém do coveiro, por algum dinheiro, permissão para desenterrá-la e revê-la pela última vez, ao ar livre e em plena luz. Sabe-a morta, mas, levado pela paixão que o assalta, afaga-a, sacode-a como se ainda viva fosse e de modo tal que a desperta e a reanima e, com ansiosa solicitude, a retira do abismo da terra.

Ocultamente, ele foge com a sua amada para a Inglaterra, onde, em segredo e desconhecidos, gozam da felicidade que julgavam impossível conseguir no mundo. Passados 10 anos e julgando mais fácil viverem seguramente, voltam para Paris, mas alguém reconhece a moça, sua história é recordada e o marido, ao conhecimento do caso, intervém pedindo que a lei lhe restitua o amor que a morte lhe roubara. Começa então um processo famoso, no qual o jovem enamorado tenta demonstrar a legitimidade da posse da moça que ele havia retirado do túmulo.

O processo vai longe e tudo fazia prever uma sentença contrária aos infelizes esposos da morte, quando eles retomam o caminho do exílio, buscando, no amor, a felicidade de ambos, negada pelos homens e pelos acontecimentos.

Literatos e artistas insignes, como Boccacio, Edgar Poe, Honoré de Balzac, Emile Zola, escolheram muitas vezes, para assuntos de suas criações, estórias de encontro de vivos enterrados como mortos. Mas por que recorrer à poesia quando se está frente à realidade?

Existem na vida, em abundância, acontecimentos mais reais, mais emocionantes, mais incríveis que todos os romances.

Doutores em medicina, anatomistas célebres, professores, filantropos, são às centenas os nomes que se poderia registrar dos que se entregaram anos e anos ao indefeso labor, ao estudo da morte aparente e da inumação prematura e que publicaram obras volumosas a respeito.

Sua bibliografia é riquíssima e me seria impossível, nos limites do presente trabalho, citar todas as obras.

Entre elas citarei as mais antigas, escritas em latim, a título de curiosidade:

Henricus Kormanus – De miraculis mortuorum, Frankfurt, 1610.

M. Tirellus - De causis mortis repentinae, Veneza, 1614.

Paulus Zachias - De mortuorum resurrectione, Amsterdam, 1651.

Balthazar Bebel - Dissertatio de bis mortuis, Iena, 1672.

Johannes Menghin - Dissertatio de incertitudine signorum vitae et mortis, Viena, 1768.

Passando destes autores mais modernos, recordo alguns nomes entre os mais ilustres: Winslow, Ianin, Bruhier, Durande, Chaussier, Pinceau, Lenormand, Haller, Le Guérn e nestes últimos tempos Brouardel, Hartmann, Icard, William Tebb, Charles Richet.

Entre os italianos cito alguns nomes: Giacomo Barzellotti (1868), Giuseppe Bianco (1868), Luigi Chierici (1865), A. Comi (1851), G. D'Ambrosio (1817), Felice dell'Acqua (1897), F. Galvagno (1837), Oscar Giacchi (1899), Pietro Manni (1833), A. Monteverdi (1884), Targioni-Tozzetti (1876), Giuseppe Semola (1912).

Deixo de citar nomes de médicos alemães, ingleses, espanhóis e portugueses.

Refleti:

O Dr. Simon Carleton disse que, em 30 mil inumações, se encontra, em média, um caso de pessoa, enterrada viva. Segundo seus cálculos, do começo da era cristã ao ano de 1931 haveria só na Europa 4 milhões de pessoas enterradas vivas!

Sumário: A propósito dos sinais seguros da morte - Sinais incertos - Sinais prováveis - A morte aparente - O parecer do Dr. Icard - Os sonâmbulos - Os faquires - Sinais remotos - A putrefação - O esfriamento - As conclusões do Dr. Hartmann.

A questão, desde os tempos mais remotos, gira em torno de um só ponto: Quais os sinais seguros para se aceitar a morte?

Entre os autores que enfrentaram e discutiram o problema é de assinalar o Professor Severin Icard, de Marselha, França, autor de 18 volumes sobre a morte aparente, o primeiro dos quais foi impresso em 1896 com o título de "Morte real e morte aparente", começando com as seguintes palavras: "A morte aparente não tem necessidade de definição porque se explica por si mesma: é a vida sob a aparência de morte."

Quando o Dr. Icard diz "aparência de morte" pretende falar de todos os sintomas que a ciência até aqui estabeleceu. E, para não deixar dúvida a respeito, ele passou em resumo todos os sinais conhecidos da morte real e sustenta que os mesmos se encontram, em idêntico grau, na morte aparente.

Os processos de diagnósticos conhecidos, baseados nos sinais imediatos e remotos da morte, são: imobilidade do corpo, flacidez de todos os membros, perda do conhecimento, insensibilidade geral e a falta de sensibilidade especial. Esta última verificação se fazia e até ainda hoje se faz com várias provas: picada de agulha, aquecimento, picada de abelhas, estimulações de todas as espécies, aplicação de fogo ou de ferro aquecido no estado rubro,

incisões, excitação do ouvido por meio de chamados e de gritos, excitação do olfato, do paladar, do tubo digestivo, da vista, etc.

Entre os sinais imediatos ainda: a falta de união do maxilar, o suor frio e horripilante da pele, as pontas dos pés voltadas para fora, a flexão do polegar no côncavo da mão, a imobilidade da pupila sob a ação de vários agentes, a deformação da pupila sob a influência da dupla pressão, o peso e o comprimento do corpo, a prática das trações rítmicas da língua do Dr. Laborde (Laborde *Le signe automatique de la mort réelle*, Paris, 1900).

"Mas todos esses sinais, diz Icard, não possuem nenhuma infalibilidade. Quem não sabe, com efeito, que os hipnotizados, no estado cataléptico, atingem completa insensibilidade e são refratários à ação do ferro e do fogo?"

Ao lado de tais sinais, que seguem de perto a morte, outros são mais remotos como a ausência de contractibilidade muscular sob a ação de agentes diferentes e a rigidez cadavérica. Incertos também os outros sinais: a falta de movimento respiratório (provado comumente com a vela acesa colocada diante da boca e com a verificação com o espelho), a não oxidação de agulha de aço mergulhada nos tecidos e a imigração dos parasitas, etc.

Ora, todos esses sintomas, que se na morte aparente, que não é ainda a morte verdadeira, se verificam nos hipnotizados mergulhados em estado cataléptico.

Cito um caso característico acontecido clínica do Dr. Domenico Antonio Tieri, onde eu experimentava com a sonâmbula Srta. Pina Vandí. Posta em estado cataléptico, submetemo-la a uma forte corrente elétrica e essa não só permaneceu absolutamente insensível, como, tendo eu

tomado contato com ela, nada senti também, o que prova que o corpo da sonâmbula se tinha tornado um isolador.

E que dizer dos faquires que, durante meses e até anos, se fazem sepultar e depois tornam à vida?

"Os sintomas remotos, continua Icard, são o esfriamento progressivo do corpo verificado com o tanatrômetro de Vasse e com o necrômetro de Bouchut, o não aumento da temperatura sob a influência da respiração artificial, a mancha negra na esclerótica, a mancha verde no abdômen, a putrefação."

Esses seriam os indícios, o último, sobretudo, vizinhos da certeza.

Na verdade, também o indício que parece mais decisivo deixa na dúvida alguns ilustres clínicos entre os quais os Drs. Haller e Lignières vindos depois de Icard e Winslow.

Lignières, com efeito, em *Ne pas être enterré vivant*, Paris, 1893, diz textualmente: "A putrefação, segundo o parecer de todos os que fizeram um estudo profundo sobre os sinais da morte, não pode ser considerada como indício positivo da morte senão quando se espalha por uma vasta superfície do corpo, porque, como salienta Haller, um princípio de decomposição pútrida pode manifestar-se, em algumas enfermidades, em muitas partes do corpo animado e os membros dos enfermos exalam então um fedor cadavérico antes mesmo de ter o doente expirado."

Mas, para verificar, de modo não duvidoso, a decomposição de todos os órgãos vitais, se necessitaria abrir o corpo humano, coisa que, na maioria dos casos, equivaleria a um verdadeiro homicídio, pois o paciente, já esgotado pela doença, não resistiria a tão grande operação.

Também o esfriamento do corpo, considerado comumente e por muitos, como prova da morte real, não é infalível e seguro.

Observa, com efeito, o Dr. Bichat (*Recherches physiologiques sur la vie et sur la mort*): "O calor se conserva nos mortos repentinos e nos asfixiados muito mais tempo que de ordinário, enquanto que o esfriamento geral pode existir durante a vida em um grau baixo, como depois da morte, em muitas afecções nervosas e principalmente no último período de histerismo."

O Dr. Hartmann, na sua obra "Enterrado vivo" (1895), depois de haver estudado a fundo todos os sinais da morte e declarado que somente a decomposição evidente dos órgãos vitais é uma prova certa da morte, chega à seguinte conclusão:

"... que nenhum meio é seguro, nenhum meio existe: é preciso matar!

III

Sumário: Meios escolhidos para evitar-se o enterro dos vivos - Homicídio? - As câmaras mortuárias - Debates no Parlamento italiano - O aparelho Karnice - A opinião de Richet - O aparelho do Dr. Collongues - Médicos no bívio.

Diante das conclusões da ciência médica de que não existe nenhum meio para acertar-se com a morte, duas resoluções diversas, porquanto opostas, foram propostas para evitar a mais terrível ignomínia humana: o enterramento apressado de vivos.

Um meio é o de evitar o eventual despertar do suposto morto na prisão de quatro tábuas, debaixo da terra, infligindo ao cadáver um golpe mortal e definitivo.

Hartmann considera que três meios se acham à nossa disposição para pôr termo às funestas conseqüências de inevitáveis erros

1.º - enterro sem caixão, a fim de que o letárgico fique logo sufocado antes de seu despertar;

2.º - sepultamento em um caixão, no qual o ar respirável seja substituído por um gás deletério;

3.º - cremação, com a qual o letárgico, dada a alta temperatura, não tenha tempo de voltar a si.

Outros propuseram fazer no cadáver, antes do enterro, qualquer injeção de remédio deletério e mortal. Na cidade de Gratz, Áustria, se pratica a perfuração do coração (Hertzisch) do letárgico antes do enterro.

É bem verdade que muito se tem discutido sobre as possibilidades dos meios ou das precauções para facilitar o retorno à vida dos infelizes que despertam no túmulo. Tratarei de instituição, em todos cemitérios, de câmaras mortuárias, bem diferentes das câmaras de depósito para breve espera determinada pelas leis vigentes nas polícias mortuárias.

A câmara mortuária seria um lugar em que se depositariam os cadáveres dos letárgicos, catalépticos, etc., quando, não sendo manifestos os sinais indubitáveis da decomposição de todos os órgãos vitais e de maneira que, no caso de despertar do suposto morto, esse encontraria ar e luz e meios de chamar a atenção dos guardas do cemitério.

Recordarei, a propósito, para honra de nossa pátria, que o Senador Negrotto foi o primeiro representante da nação a

sustentar em 1911, repetidamente e com a sua palavra calorosa, no Senado, a defesa dos catalépticos, falando da morte trágica de tantas vítimas de nossas ordenações sanitárias.

Em um memorial dirigido ao Ministro Giolitti se tratou, amplamente, das câmaras mortuárias, mas nada concluiu-se de positivo.

É de notar que se apaixonaram pelo debate, no Parlamento e fora dele, ilustres cientistas e publicistas como Luigi Luzatti, Pompeo Molmenti, Pietro Bertolini, Aprile, Badoloni, Ettore Cicotti, Giovanni Bovio e Giuseppe Semola. Este último especialmente, que foi glória napolitana, reiteradas vezes, no conselho comunal de Nápoles, chamou a atenção dos seus membros para a gravidade do problema, insistindo que a sua solução vai cercada sob um aspecto a um tempo legislativo e prático.

Várias foram as tentativas de aparelho de salvamento, entre os quais o inventado por Karnice e que consiste nisto: um tubo que se faz penetrar na altura do esterno do cadáver. Internamente, no tubo, há uma peça de aço que acaba numa esfera que repousa justamente sobre o esterno a 5 centímetros e do outro lado a 1 metro de altura fora da terra e termina numa caixinha especial. O menor movimento move a esfera e essa faz saltar um mecanismo de mola, mola que abre a caixinha introduzindo luz e ar na sepultura e dando um grande sinal por meio de um disco que se levantar e faz soar uma campainha com movimento de relógio. Dado esse sinal de vida, o guarda do cemitério acorre e, em pouco tempo, pode libertar o enterrado vivo, comunicando-se também, com ele, por meio do tubo que serve de porta-voz.

Numerosas conferências foram feitas pelo inventor em todos os países da Europa. Alguns municípios proviram seus cemitérios do aparelho, médicos ilustres de todas as partes proclamaram que o problema estava resolvido, bastando, entre tantos, o nome de Charles Richet, que, de Paris, em data de 17 de janeiro de 1912, assim escrevia a Karnice: "Se continuardes prosseguindo no vosso trabalho, tereis prestado um grande serviço, porque não posso duvidar de que não existam ainda enterramentos apressados. Também conjeturo que, sendo pouco é ainda muito, e a sociedade não pode carregar o fardo de tão grave delito."

Cito, para a história, outro meio de verificação, esse pouco conhecido até agora, escolhido antes por Karnice e consistente em um instrumento muito simples chamado dinamocópio. Tiro a notícia de artigo do Dr. Nigro Licó publicado na revista *Filosofia della Scienza* (ano 4º, nº 5, de 15-5-1912).

No fim do ano de 1862, o Dr. Collongues observara, em um hospital de Paris, que a extremidade do dedo mínimo, introduzido no conduto auditivo, produzia um rumor especial, rumor esse que cada um podia verificar ao operar, do mesmo modo, em sí mesmo. Tendo ele substituído o emprego do dedo mínimo pelo o de um bastãozinho que se adaptava igualmente no meato auditivo, verificou que o efeito não era igual quando o bastãozinho era colocado no mesmo e que, ao contrário, o efeito era nulo, ou seja, cessava o efeito quando o bastãozinho era apoiado em um corpo inerte, fosse esse uma parede ou um cadáver. Dessa propriedade do bastãozinho se depreende logo como o Dr. Collongues dela se servisse coma dinamoscópio.

Esse instrumento, comparável, pela sua forma, mais ou menos a um pauzinho de jogo, indicava alterações diferentes no corpo dos indivíduos conforme as diversas espécies de som que produzia no ouvido. Servia, sobretudo, para a verificação da morte.

O método de Collongues permitia seguir o desaparecimento gradual das últimas manifestações vitais. Ele verificou que tal desaparecimento se produzia lentamente, de modo variável, da oitava à décima quinta hora posterior ao cessamento da respiração e segundo uma lei, sempre igual, que se verifica não tão bem nos cadáveres quanto nos membros amputados.

Eis essa lei: Na morte em geral, as primeiras partes do corpo, em que a vibração dinamocópica desaparece, são as extremidades, como as das mãos, dos pés e da cabeça. Depois a cessação do rumor se efetua ao mesmo tempo nas faces e nas pernas, no pescoço, nas costas, no tórax e no abdômen. O ruído se concentra, pouco a pouco, na região pericordial.

Tal fenômeno, observa Collongues, merece atrair a atenção dos fisiólogos: ele deve ter uma função importante nos mistérios da vida.

Se as conclusões de Collongues são exatas, se o rumor que o seu dinamocópio produz no ouvido indica a vida ou a morte, conforme essa continua ou termina, então os médicos indubitavelmente terão com esse singelo instrumento um auxílio precioso para distinguir a morte verdadeira da morte aparente.

Visto não se poder encontrar um meio seguro para acertar-se com a morte e não se querendo prolongar o período de espera, nem parecendo oportuna e útil a

construção, em todos os cemitérios, de câmaras mortuárias, se deveria colocar toda a confiança no aparelho de Karnice e, se tal sistema não parecer aplicável, escolher e inventar um outro para que, como disse Richet, a sociedade não carregue o fardo de tão grave delito.

Aconteceu-me recentemente que, na morte de uma pessoa a mim cara, foi chamado um médico, no momento da saída do cadáver da casa, para fazer uma injeção deletéria e mortífera no cadáver, mas o médico, achando certa a morte, negou-se a fazer a injeção ou a picada no coração.

Digo, pois, aos médicos: Se temeis matar é porque temeis que a pessoa não esteja morta; mas então por que a fazeis enterrar? - Se estais certo da morte, por que vos preocupais que se mate um morto?

IV

Sumário: A Fé no Além e a Tortura Sepulcral - Mortos que não estão mortos - Revelações de espíritos comunicantes - Mortos espectadores de seus próprios enterros - O sentido da Morte.

Pensemos na possibilidade de que o suposto morto, já mudo e inerte espectador de seu funeral, sinta que é levado para ser enterrado ainda vivo.

Por força, esse terrível estado de angústia deverá ser mais horrível para o materialista que sente encaminhar-se para o seu último tormento e que, em breve, fará a sua triste volta para o nada. Menos terrível ele será para quem crê que a morte não é senão uma mudança de estado e o começo de

uma vida talvez melhor. Mas, se os que ficam, têm a mesma crença, pensemos quanto deve ser mais forte a sua dor na suspeita de que o morto haja sofrido tal tortura e que a recordação disso se transmita como perene acusação aos seus parentes que o deixaram enterrar vivo e morrer sufocado no túmulo.

Recentes revelações mediúnicas nos levam a meditar sobre um fato ainda mais preocupador: a dúvida de que os supostos mortos vejam, sintam e assistam a tudo quanto em torno dos seus despojos se passe, aos fúnebres preparativos do encerramento de seu cadáver no caixão, para ser levado à sua última morada.

Quem crê na sobrevivência da alma humana não pode ficar indiferente ante certas mensagens mediúnicas de entidades que contam as suas impressões, as suas sensações, no momento da morte. De tais comunicações compôs Ernesto Bozzano uma monografia já publicada em volume sob o título de "A crise da morte". As mensagens concordam entre si de modo admirável, a ponto de não se encontrar-se nenhuma discordância inconciliável com as afirmações dos espíritos comunicantes.

Cito alguns detalhes fundamentais acerca dos quais deve deter-se e meditar o leitor que tenha experimentado uma impressão de perturbação a propósito de meu precedente estudo.

Todos as espíritos afirmam ter-se encontrado na forma humana por ocasião de seu ingresso no mundo espiritual;
ter ignorado, durante certo tempo, que haviam morrido;
ter passado, pouco depois da crise pré-agônica, pela prova da recordação sintética de todos os acontecimentos de sua existência terrena;

ter passado, quase todos, por uma fase de sono reparador.

Concordam mais na narração de ter visto o seu próprio cadáver no leito de morte, citando o fenômeno de seu corpo etéreo condensando-se acima do corpo material ou somático, isto é, do próprio cadáver.

Este último detalhe é importante, porque constitui o fenômeno de desdobramento que se verifica, a miúdo, durante a vida, como nos ditos milagres de desdobramento registrados pela igreja, católica e nos múltiplos casos de fantasmas de vivos narrados pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Esse fenômeno, no dizer de Carl du Prel, seria a "chave do enigma humano". Como, durante a vida humana, pode, temporariamente, o nosso corpo fluídico destacar-se do corpo material, assim, no momento da morte, dele se separa definitivamente: a morte só é uma separação definitiva do corpo espiritual do seu corpo material.

Extraio alguns trechos dessas mensagens com relação ao assunto.

O caso X da citada obra de Ernesto Bozzano é tirado da revista Light, de Londres (ano de 1827, pág. 230). O espírito comunicante foi um notável e alto personagem americano que fez a narração no mesmo dia em que deixou seu corpo no seu quarto em Bankville. Ei-la:

"Fui presa de estranha sensação, que conquanto inteiramente nova para mim, era um tanto semelhante à que uma pessoa experimenta quando desperta repentinamente de um sono profundo. No primeiro momento, nada compreendi, dada a situação em que me achava, Pouco a pouco, porém, fui percebendo o meio que me cercava, como sucede ai quando a gente acorda do sono. Vi-me estendido, calmo, imóvel, no meu leito, circunstância que me encheu de

espanto, longe que estava de supor que havia morrido. Algum tempo após, cada vez mais desperta, percebi que a minha falecida mulher se achava ao meu lado a me sorrir, com uma expressão radiante de ventura. Esse encontro se dava depois de longa separação. Foi ela quem me comunicou a terrível notícia de que eu estava morto e me encontrava também no meio espiritual, Disse-me que, havia muitas dias, velava à cabeceira de meu leito, aguardando o momento de acolher o meu espírito e de o conduzir à morada celeste.

Sentia-me cada vez mais revigorado por uma vitalidade nova como se todas as minhas faculdades entrassem em um período de grande atividade depois do prolongado torpor em que me achara. Era a sensação de uma beatitude difícil de descrever-se... Parecia que me tornara parte integrante do meio que me rodeava. Minha mulher me tomou então pelas mãos e, assim unidos, nos elevamos através do teto do quarto, subindo para o alto, sempre mais alto, pelo espaço em fora. Entretanto, se bem já me houvesse afastado muito do meio terrestre, continuava a ter conhecimento do que ocorria em minha casa. Esse estado da alma parecia deslizar, como nuvem escura, entre ela e mim, insinuando-se no meu ser e nele produzindo um sentimento penoso de torpor.

Desejo saibam que as crises excessivas de dor, junto dos leitos mortuários, constituem imensa barreira interposta entre os vivos, que delas se deixam tornar, e o espírito do defunto por quem eles choram. Trata-se de uma barreira real e intransponível que não nos permite entrar em comunicação com os que se desesperam pela nossa morte. Mais ainda: as exageradas crises de dor retém presas ao meio terrestre os espíritos desencarnados, retardando-lhes a entrada no mundo espiritual.

De fato, se é certo que, com a morte, cessam necessariamente todas as relações entre os espíritos desencarnados e o organismo físico dos vivos, em compensação, os espíritos dos defuntos se tornam extremamente sensíveis às vibrações dos pensamentos das pessoas que lhes são caras. Concito, pois, aos vivos que perderem alguns de seus parentes, qualquer que possa ser a importância da perda e da dor correspondente, a que, a todo custo, se mostrem fortes, abafando toda manifestação de magoa e apresentando-se de aspecto calmo nos funerais. Comportando-se, assim, determinarão considerável melhora na atmosfera que os cerca, porquanto a aparência de serenidade, nos corações e nos semblantes das pessoas que são caras, emite vibrações luminosas que nos atraem, como, à noite, a luz atrai a borboleta. Por outro lado, a mágoa dá lugar a vibrações sombrias e prejudiciais a nós outros, vibrações que tomam o aspecto de tenebrosa nuvem a envolver aqueles a quem amamos. Não duvideis de que somos sensíveis às impressões vibratórias que nos chegam por efeito da dor dos que nos são caros. Nossos "corpos etéreos" estão, efetivamente, sintonizados por uma escala vibratória dos corpos carnis."

De sumo interesse é o caso XV da referida obra, extraído do livro de Natacha Rambova intitulado "Rudy", no qual ela narra a vida de seu próprio marido, Rodolfo Valentino, o célebre artista cinematográfico, fazendo-a seguir de mensagens mediúnicas recebidas do falecido ator, que descreve as impressões sentidas no momento de sua morte. Conta ele:

"Senti uma estranha sensação: parecia que eu afundava no vácuo, fora de todas as coisas. Tinha a impressão de que o

meu corpo se tornara pesado e ao mesmo tempo, a de que havia em mim alguma outra coisa que me parecia cada vez mais leve como se eu houvesse de elevar-me nos ares, de um instante para outro. O tempo se escoava e isso adquiria para mim singular importância. Parecia-me que alguma coisa de desconhecido, de misterioso, se desenhava ao longe, diante de meus olhos. Sentia-me como que imerso numa apavorante sensação de imensidade que me oprimia e me fazia tremer a alma."

No livro *There is no death* (A morte não existe), da Sra. Florence Marryat, colho revelações do capítulo VI que contém mensagens de desencarnados que recordam o momento que, cedo ou tarde, deverá chegar para todos. Eilas:

"É erro supor que o espírito, apenas saído do corpo, dele se afaste, quando fica preso a esse por laços fluídicos e muitas vezes os laços não se rompem senão depois de vários dias ou semanas, depois que o espírito deixou o seu invólucro carnal. O costume de encarregar estranhos de cumprir os últimos deveres é, para os nossos amigos, crudelíssimo! Não imaginais que o espírito saiba e veja, acreditais que ele já foi levado para uma esfera de onde não pode ver, nem ouvir, nem entender. Quando o vosso amigo deixa o seu corpo, ele freqüentemente fica no mesmo aposento em que jaz o cadáver. Embora não volte a esse, vê pelo menos tudo o que se passa ao seu redor e se vê cuidado por estranhos que não têm respeito pelos seus sentimentos ou por pessoas que ele amou na Terra."

Narra a Sra. Florence Marryat esta sentimental estória:

"Eu tinha um amigo, médium, que estava noivo de uma jovem de nome Amy e essa moça morreu repentinamente;

com grande dor sua. Os pais de Amy fizeram expor o cadáver do modo habitual e dispuseram tudo para o funeral. Antes que esse fosse feito, Amy apareceu ao seu noivo e lhe disse que não a enterrasse porque ela não havia morrido, isto é, o seu espírito não estava totalmente separado do corpo, O moço procurou logo o pai da jovem e lhe pediu para adiar o enterro, coisa que, a princípio, recusou fazer, visto o médico haver atestado a morte e a causa da mesma. O noivo, entretanto, insistiu em obter que Amy não fosse sepultada antes de aparecer os sinais da decomposição cadavérica e assim o corpo ficou no caixão, na casa dos seus pais, durante três semanas, sem mostrar o menor sinal de modificação. No fim desse tempo, Amy se manifestou de novo ao seu noivo e lhe disse que finalmente o seu espírito estava liberto do corpo e que esse podia então ser enterrado. Ele levou a notícia à família de Amy e observou que o corpo que havia conservado a sua frescura durante toda esse tempo, começara a decompor-se e o féretro foi então fechado para todo o sempre e enterrado."

Edgar Allan Poe, com a sua intuição de poeta, maravilhosamente perscrutou o mistério da morte e, no "Colóquio entre Monos e Una", discorre sobre o fim da existência corporal e das sensações que a acompanham e seguem.

Monos e Una encontraram-se no túmulo e Manos descreve o momento da separação do espírito do corpo e o período de estupor que segue a desencarnação.

"... e o corpo tombado foi colhido pela mão da insaciável destruidora. E, todavia, a sensibilidade inteira não havia completamente desaparecido, porque a consciência e o

sentimento subsistente cumpriam ainda algumas das suas funções com intuição letárgica.

Compreendendo a espantosa transformação começava a operar-se nas minhas carnes, e a semelhança do homem, que até sobre ele se debruça, assim, minha dócil Una, eu senti, sempre surdamente, que tu estavas ao meu lado. Igualmente, quando chegou a duodécima hora do segundo dia, eu ainda não estava inconsciente de todos os movimentos: tu te afastaste de mim, fui fechado no caixão, colocado no coche, levado ao túmulo, descido no caixão, posto em baixo da terra, que jogaram em cima de mim, deixando-me nas trevas e na putrefação, nos meus tristes e solenes sonhos, na companhia das vermes.

E ai, nessa prisão que tem bem poucos segredos a revelar, os dias passaram e passaram as semanas e os meses, e a alma contava, escrupulosamente, todos os segundos que fugiam, sem dificuldade e sem fim.

Finalmente, como muitas vezes acontece com o homem que dorme (o sono e o mundo dos sonhos são as únicas imagens da morte) finalmente repito, como acontece na Terra ao homem mergulhado em profundo sono quando um raio de imprevista luz o faz estremecer em meio despertar, deixando-o depois vagamente voltar aos seus primitivos sonhos, de modo semelhante, a mim, nesse avizinhar fatal da "Sombra", veio a luz que tinha o poder de agitar e de despertar: a luz do "Eterno Amor!"

Francesco Zingaropoli

4 - Obra Gustave Geley

A Reencarnação (La réincarnation)

A Reencarnação

O inquérito que vossa feliz iniciativa promoveu a respeito da idéia reencarnacionista seria de grande interesse diante da indiferença, da ignorância ou da hostilidade preconcebida que ela encontra muitas vezes, se pudesse ser levado a bom termo.

Seria preciso, para tal, que os sábios, pensadores e filósofos, dos quais pedistes a opinião, se dessem o trabalho de fornecer uma resposta estudada e refletida de uma parte e curta e entretanto completa de outra.

São, infelizmente, condições difíceis: os vossos colaboradores eventuais, que não conhecem, conhecem mal ou desconhecem a doutrina palingenésica, não farão talvez todos o esforço necessário para se documentarem seriamente ou para responderem imparcialmente.

Quanto aos partidários desta doutrina, terão muito trabalho em condensar, sem muito enfraquecer, nos limites forçosamente restritos do inquérito, os argumentos tão numerosos que militam em favor das suas idéias, em todas as formas do conhecimento humano.

Pessoalmente me sinto, vô-lo confesso, particularmente embaraçado, pois a minha opinião já a exprimi em numerosas publicações, entre as quais várias obras de fundo. Não quero certamente hoje furtar-me ao vosso lisonjeador apelo, mas me desculpo desde já pelo fato de me ser

impossível deixar de fazer repetição e de ter pouco a aditar a argumentos conhecidos.

Examinando as diversas perguntas que me fazeis, esforçar-me-ei para não me esquecer de uma só delas, porém abster-me-ei de estudá-las na ordem estabelecida. Peço-vos deixar-me desenvolver livremente o pensamento à minha vontade.

Sabeis, meu caro amigo, que sou reencarnacionista. E o sou por três razões: Porque a doutrina palingenésica me parece, do ponto de vista moral, plenamente satisfatória; do ponto de vista filosófico, absolutamente racional, enfim, do ponto de vista científico, verossímil e, melhor ainda, verdadeira.

É, pois, sob este tríplice ponto de vista: moral, filosófico e científico que devo analisá-la e comentá-la.

A moral palingenésica é muito conhecida para que necessite aqui de uma explanação detalhada.

Ela tem por base a célebre fórmula: justiça imanente.

A justiça imanente é o resultado do jogo normal e regular da vida terrena.

O ser, não sendo senão o que ele próprio se fez, durante a sua evolução, na série das suas existências sucessivas, resulta daí que sua inteligência, seu caráter, suas faculdades, seus instintos bons e maus, são sua própria obra. Traz, pois, ao nascer, infalivelmente, as conseqüências dela provenientes.

Cada um de seus atos, seus trabalhos, seus esforços, suas tristezas, suas alegrias, seus sofrimentos, seus erros e suas faltas, tem uma repercussão fatal, reações inevitáveis, em uma ou outra de suas existências.

Não há, pois, necessidade de julgamento divino, nem de sanções sobrenaturais. Como se diz muito acertadamente, o

indivíduo é recompensado ou punido não porque fez, mas simplesmente pelo que fez.

A sanção natural da palingenesia não é, bem entendida, unicamente pessoal, é também coletiva, estendendo-se a uma família, a um povo, a uma raça, etc., pois que uma solidariedade estreita une, necessariamente, grupos de seres aproximados em uma ou várias existências.

A justiça imanente começa a manifestar-se quase sempre no decurso de uma existência terrena, tomada isoladamente, mas é bem raro que ela seja verdadeiramente equitativa, e, encarada de maneira restrita, parece geralmente falível e eminentemente desproporcionada.

Ao contrário, numa série suficientemente longa de encarnações, ela se torna perfeita, matematicamente perfeita, e os acasos felizes ou infelizes se contrabalançam e não fica mais, como resultado certo, senão o produto de nossa conduta.

A moral palingenésica assenta-se, como se vê, numa admirável base de clareza e simplicidade.

Concebem-se logo as suas conseqüências práticas. Impõe, antes de tudo, o trabalho e o esforço, não o trabalho isolado, a luta pela vida egoísta, mas o esforço solidário, porque tudo que favorece ou retarda a evolução alheia e a evolução geral favorece ou retarda a de um membro qualquer da coletividade.

Os sentimentos baixos e inferiores, o ódio, o espírito de vingança, o egoísmo, o ciúme, são incompatíveis com esta noção de evolução solidária. É, pois, natural que o reencarnacionista generoso evite todo o ato prejudicial a outrem e o ajude na medida de seus meios.

Confiando na sanção natural, ele perdoa, sem trabalho, as maldades de que foi vítima e não verá nos imbecis, nos perversos ou nos criminosos senão seres inferiores quando não enfermos.

Saberá resignar-se às desigualdades naturais e passageiras da vida, resultados da lei do esforço individual na evolução, como fará o possível para conseguir a supressão de desigualdades desproporcionais, de divisões fictícias, de preconceitos nocivos.

Estenderá, enfim, sua bondade e sua piedade até aos animais, aos quais evitará, o mais possível, ocasionar sofrimentos e a morte.

Têm-se feito algumas objeções à moral palingenésica. Estas objeções, fora do ponto de vista filosófico ou científico que examinaremos mais adiante, são as seguintes: Diz-se que o esquecimento das existências anteriores suprimia as supostas sanções.

Como será isto possível? O esquecimento de um fato não suprime as conseqüências desse mesmo fato. De resto, o esquecimento não é completo, nem definitivo, mas bem relativo e momentâneo.

O esquecimento desaparece, verdadeiramente, entre os seres bastante evoluídos, durante as fases do desencarne. Esses têm, então, consciência, mais ou menos nítida, do passado, noção do caminho percorrido e previsão das conseqüências futuras, boas ou más, das suas ações. Podem assim preparar, na medida em que lhes permite o grau de evolução, sua próxima encarnação nas mais favoráveis condições.

Demais, o esquecimento não é definitivo. É atualmente indispensável ao ser como a própria morte, para forçá-lo a

um trabalho constante, a experiências múltiplas, a um desenvolvimento contínuo nas e pelas mais diversas condições.

É também necessário para evitar ao ser a preocupação da memória do passado, como, por exemplo, as recordações de uma existência feliz ou os remorsos de uma vida atormentada ou criminosa.

Conceba-se, ao contrário, que, numa fase superior, o esquecimento, agora inútil e prejudicial, não mais exista. Desde então, o passado, todo inteiro, conservado na consciência superior, se tornará pouco a pouco acessível em toda sua integridade. O consciente e o subconsciente não serão mais isolados e distintos; tudo o que contém este último (memória do passado ou faculdades transcendentais) será acessível ao ser, direta, regular e normalmente.

Uma outra objeção feita à teoria palingenésica se baseia na existência da dor entre os seres menos evoluídos para que possa ela ser considerada como uma sanção. "Que crime, pergunta-se, teria podido cometer, numa existência anterior, um cavalo castigado, com pancadas, por um bruto alcoolizado ou um cão torturado por um vivisector?"

Há, neste raciocínio, um erro fundamental: o mal não é, necessariamente, a sanção do passado. É, ao contrário, bem mais freqüentemente, no estado evolutivo atual, a consequência do nível inferior geral deste estado evolutivo. Ver, sistematicamente, no sofrimento de um ser qualquer, a consequência de atos anteriores, seria então, para os reencarnacionistas, uma grosseira falta de lógica. O que se pode afirmar, ao contrário, é que a sanção verdadeira, a da justiça imanente, é sempre rigorosamente proporcional ao

grau de livre arbítrio, isto é, ao nível da elevação intelectual e moral do ser.

Esta sanção só pesa sobre os seres suficientemente adiantados. Pesa tanto mais quanto mais evoluídos são, pois que, com toda a certeza, sua conduta refletida terá, na proporção de sua elevação, uma, influência cada vez maior sobre o seu progresso, sobre a sua condição de vida.

Passo agora ao exame da filosofia palingenésica.

Esta filosofia, menos familiar e mais abstrata que a moral, é mais freqüentemente desconhecida. Não é, entretanto, menos satisfatória.

Pode-se condensá-la numa frase, dizendo que ela suprime todas as dificuldades opostas ao idealismo pelo materialismo, todas as objeções feitas, em nome da lógica, à noção de sobrevivência.

A primeira grande objeção feita, em todos os tempos, às esperanças do idealismo tradicional, repousa na verificação do mal.

Conta-se que os japoneses respondiam assim aos primeiros missionários cristãos que se esforçavam por convencê-los: "Como creremos nós no que nos dizeis dos atributos da divindade? De duas uma, ou bem Deus não quis impedir o mal ou bem não o pôde. Se não o quis, é porque não é soberanamente bom; se não o pôde, é porque não é todo poderoso." Este raciocínio natural é, na realidade, irrefutável, a despeito de todas as subtilezas do espírito teológico.

O problema do mal sempre foi uma fonte de embaraços inexplicáveis para as doutrinas deístas e providenciais. Todas elas, em vão, têm tentado solucioná-la, desde a concepção

ortodoxa e infantil ao pecado original até a concepção herética e audaciosa do criador malfazente dos maniqueus.

Estas doutrinas caíram de modo lamentável.

Para a filosofia palingenésica, ao contrário, o problema é de excepcional simplicidade. Não mais coloca, na base da evolução, a soberana justiça, e a soberana vontade, incompatíveis com a existência do mal universal, não mais coloca aí a soberana inteligência que não saberia encontrar na lentidão infinita, nas apalpadelas, nos erros evidentes, acumulados, para chegar a um resultado ainda medíocre e imperfeito. Não faz mais, então, da soberana inteligência, da soberana justiça e da soberana vontade, uma síntese divina, intrínseca e criadora. Ela não concebe esta síntese senão como o coroamento esplêndido de uma lenta e dolorosa evolução.

Assim, a idéia divina, potencial em todas as manifestações físicas e psíquicas da vida universal, se tornaria, durante a evolução a se realizar, primeiramente latente, depois esboçada e obtusa, depois cada vez mais evidente e ativa.

O mal não tem então sua origem na vontade, impotência ou imprevidência de um Criador responsável.

O mal é simplesmente a medida de inferioridade dos seres e dos mundos ou a sanção do passado.

Nesses dois casos, ele é fadado a diminuir à proporção do progresso evolutivo e, proporcionalmente, a esse progresso. Em ambos os casos, é útil é o principal fator de nosso adiantamento. O mal é o aguilhão que nos impede de imobilizar-nos no estado presente e que, por reações dolorosas, nos conduz ou nos coloca no bom caminho.

Mas, observação capital; o mal, assim compreendido, não tem mais do que um caráter relativo, transitório e sempre reparável.

Se estas concepções são verdadeiras, não há mais mal real no sentido absoluto que damos a esta palavra, mais injustiça no universo, porém, em toda a parte, realizado ou em vias de realização, um ideal superior de bondade, de justiça, de solidariedade e de amor, ideal que traz, para todos os indivíduos, a certeza da felicidade futura no desenvolvimento infinito da consciência eterna.

As outras objeções filosóficas feitas ao espiritualismo dogmático não têm mais valor, em face da doutrina palingenésica, que a objeção do mal.

Caem por si próprias:

1.º - Objeção baseada na concepção extraordinária e absurda de uma alma imortal, tendo, entretanto, tido um começo, saída do nada e destinada, após curta existência, a recompensas ou a castigos eternos.

Para a palingenesia, a alma não é imortal: é eterna e fadada a uma evolução indefinida.

Para a palingenesia, não há castigos sem fim: só há sanções fatais e passageiras, asseguradas por leis inexoráveis da evolução.

Para a palingenesia, enfim, a felicidade suprema não será o privilégio de raros "eleitos": será o apanágio de todos. Não será o efeito de uma graça sobrenatural, nem de vãs práticas rituais: consequência inelutável da diminuição progressiva do mal coincidindo com o aumento indefinido do campo de consciência, mas deverá ser conquistada pouco a pouco, numa luta cada vez menos penosa.

2.º - Objeção baseada na idéia, não menos extraordinária e absurda, de uma alma imaterial.

Para a palingenesia, a inteligência, a força, a matéria, não são concebíveis isoladamente: só são modalidades da substância universal em vias de evolução.

3.º - Objeção baseada na concepção grosseira, tão bem explorada pelo materialismo, do geocentrismo e do antropocentrismo tradicionais.

A palingenesia está de acordo, neste ponto de vista, como a astronomia, que nos mostra a Terra como um astro medíocre, sem importância especial, e tende a admitir a pluralidade inumerável dos mundos habitados.

Ela está de acordo, igualmente, com a anatomia e a fisiologia comparadas, que provam que nada distingue, essencialmente, o homem dos animais e que a idéia de uma alma reservada só ao homem é, cientificamente, insustentável.

A imortalidade não deveria, evidentemente, ter começado em uma fase particular da evolução: a da aparição do gênero humano. O processo da encarnação e da desencarnação não é privilégio do homem, é a consequência de uma lei natural e geral, abrangendo tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que existe.

Por isto é que a oposição feita à doutrina palingenésica, por certos representantes da filosofia monística, é irracional e insustentável.

Sem querer desenvolver, aqui, concepções de alta metafísica, ainda evidentemente prematuras, não me posso impedir de assinalar o acordo possível e fácil da palingenesia com o monismo naturalista, que ela completa com felicidade.

A alma, isto é, o que existe de "essencial" no ser, seria uma mônada individualizada do princípio único. Parcela divina em vias de conquistar a sua divindade, isto é, a consciência perfeita de si mesma e de tudo, ela se elevaria através dos reinos inferiores para adquirir, pouco a pouco, o seu máximo desenvolvimento nos estados humanos e super-humanos que ainda ignoramos.

O universo manifestado só seria assim composto de mônadas eternas e de agrupamentos efêmeros de mônadas eternas. Os processos de encarnação e da desencarnação corresponderiam à constituição ou à ruptura de agrupamentos efêmeros.

É em e por esses agrupamentos sucessivos que se faria à evolução solidária, evolução que tem por conseqüência a passagem de energias potenciais em energias realizadas, a aquisição e o desenvolvimento da consciência que resume e condensa todas as potencialidades.

Como se vê a doutrina palingenésica suprime todas as diferenças opostas ao idealismo, quer em nome da moral, quer em nome da filosofia.

Chego agora ao ponto de vista científico.

É, evidentemente, o mais importante.

Por mais belas e satisfatórias que sejam as concepções palingenésicas, elas não poderiam prescindir, para satisfazerem à consciência moderna, do apoio de provas científicas.

O que constitui, na realidade, o principal atrativo da idéia reencarnacionista é que ela não é considerada, ou pelo menos não deve ser considerada hoje, como o produto de uma revelação ou de um ensino a priori, mas como o resultado de uma probabilidade científica, probabilidade essa que, cedo

ou tarde, disto estou certo, se tornará em uma magnífica certeza.

Como fiz com as presunções morais e filosóficas, condensarei, primeiramente, em uma frase as provas científicas.

A palingenesia é, provavelmente, verdadeira porque:

1.º - está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum;

2.º - dá a chave de uma imensidade de enigmas de ordem psicológica;

3.º - apoia-se em demonstração positiva.

Estudemos, sucessivamente, estas três afirmativas:

1.º - A filosofia palingenésica está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais.

Não insistirei neste ponto. Já demonstrei o acordo desta filosofia com a astronomia, a história natural, a geologia, a paleontologia, a anatomia e fisiologia comparadas, etc. Procurar-se-ia, em vão, na massa de nossos conhecimentos um argumento sério para se lhe opor.

Mas o que há de mais estupendo nesta verificação é o acordo da palingenesia com o evolucionismo. Este acordo é de tal modo perfeito que muitas dificuldades inerentes ao transformismo serão verdadeiramente resolvidas, como estou certo, pelo conhecimento da teoria reencarnacionista.

Já os naturalistas se vêm forçados a admitir que há, na evolução, fatores desconhecidos, mais poderosos do que a seleção natural e a influência do meio.

Estes fatores essenciais nos serão revelados pelo estudo da evolução orgânica, pelo conhecimento da verdadeira natureza do ser e dos seus princípios constitutivos ainda ocultos.

2.º - A filosofia palingenésica dá a chave de uma multidão de enigmas de ordem psicológica.

Os enigmas principais são:

- a inanidade das principais faculdades e capacidades;
- o talento e o gênio;
- as desigualdades psíquicas consideráveis existentes entre seres vizinhos pelas condições de nascimento e vida, especialmente entre compatriotas, parentes, irmãos, até mesmo entre gêmeos nascidos e educados em condições idênticas;

- As diferenças enormes, paradoxais, entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica, etc.

Que explicações tentou dar destes enigmas a psicofisiologia clássica? Explicações irrisórias que se reduzem a meias hipóteses, que não suportava mesmo um começo de demonstração. Ela invocou variações, declaradas imperceptíveis e inapreciáveis, do tecido cerebral; causas despercebidas, influências diversas, patológicas ou outras durante a vida intra-uterina, condições ignoradas da geração ou da hereditariedade; formações genealógicas complicadas, etc. Em suma, nada pode preciso, nada de positivo. É a bancarrota da biologia clássica. Com a teoria palingenésica, a obscuridade desaparece instantaneamente.

Os enigmas supracitados têm a sua explicação na pluralidade das existências.

As idéias e as faculdades inatas são aquisições do passado, aquisições acessíveis ao ser mais ou menos bem ou mais ou menos cedo evoluído.

A hereditariedade psíquica talvez exista, mas não é senão uma conseqüência, muito atenuada, da hereditariedade física. Na realidade, o caráter e as faculdades, que o ser traz ao

nascer, são, antes de tudo, o produto de sua própria evolução. Compreende-se, desde então, como, às vezes, as faculdades e as idéias inatas podem manifestar-se muito cedo, mesmo antes do desenvolvimento completo do órgão cerebral.

Explicam-se logo as crianças prodígios. Bem sei já se objetou que as crianças prodígios eram quase sempre prematuros e davam, como adultos, o que prometiam na infância. Isto é perfeitamente exato, mas nada prova. As crianças prodígios não são, necessariamente, crianças de gênio, mas a noção das aquisições anteriores se manifestam plenamente, repito-o, antes do desenvolvimento completo do cérebro e isto torna a explicação mais simples, senão a explicação exclusiva de sua precocidade. De resto, se a precocidade nem sempre é prova de gênio, e, entretanto, às vezes, indicação dele: Mozart e Pascal, para não citar senão os mais conhecidos exemplos, foram crianças prodígios antes de se tornarem homens de gênio.

Escreveu Chateaubriand no seu “Gênio do Cristianismo”

"Houve um homem, que, aos dois anos de idade, com linhas e círculos, criou a matemática, aos seis fez o mais sábio tratado de seções cônicas que se viu desde a Antigüidade, aos dezenove reduziu à máquina uma ciência que existia, toda inteira, no entendimento, aos vinte e três demonstrou os fenômenos do peso do ar e destruiu um dos grandes erros da física antiga, que, nessa idade em que os outros homens começam apenas a nascer, tendo acabado de percorrer o círculo dos conhecimentos humanos, se apercebeu do seu nada e voltou os seus pensamentos para a religião, que, desde esse momento até a sua morte, aos trinta e nove anos, sempre enfermo e sofrendo, fixou a língua que falaram Bossuet e Racine, deu o mais perfeito modelo de

bom humor como do mais forte raciocínio, enfim, que, no curto intervalo dos seus males, resolveu, por abstração, um dos mais altos problemas da geometria e lançou no papel pensamentos que têm tanto de Deus quanto do homem. Este extraordinário gênio chamava-se Pascal."

Os psicólogos oficiais, por mais que prossigam com as suas pequenas hipóteses fisiológicas, que invoquem as "causas despercebidas" e as "influências obscuras", não chegarão a explicar o "assombroso gênio" de Pascal, nem o gênio em geral.

Pois mais que façam apelo às "causas mórbidas", não conservarão mais do que o opróbrio de terem introduzido ou tolerado, na ciência contemporânea, a mais vã, a mais louca e a mais monstruosa das hipóteses.

Ainda, por mais que pesquisem as condições hereditárias, quase sempre desproporcionadas, incontráveis e realmente ausentes, só farão divagações.

Em nome do bom senso, em nome da evidência, nós lhes respondemos: "A existência e a importância de vossas pretensas "influências obscuras" se acham tão pouco demonstradas que não podeis mesmo defini-las com exatidão!

A hipótese da morbidez só vos faz aumentar essa contradição insustentável de declarar a força física função da saúde e a força intelectual função da doença!

Quanto à hereditariedade, o seu papel é tão apagado e secundário na psicologia quanto importante e predominante na fisiologia. O gênio e as altas faculdades intelectuais não provêm mais dos ascendentes como não se transmitem aos descendentes.

Estes fatos são fatos de observação diária e é em vão que vos insurgis contra eles.

Repelindo, preconcebidamente, a hipótese palingenésica, só a podeis substituir por um formidável ponto de interrogação:

3.º - Resta-me discutir o terceiro argumento de ordem científica, que é o das demonstrações positivas.

Essas demonstrações a doutrina as tomou, com as presunções precedentes à psicologia, mas à psicologia resultante de descobertas e pesquisas mais recentes, abrangendo, conjuntamente, psicologias normal, anormal e supranormal.

A psicologia integral prova duas coisas:

- a) - a possibilidade teórica das reencarnações;
- b) - a probabilidade delas.

A possibilidade teórica das reencarnações surge, com evidência, dos modernos trabalhos sobre a subconsciência e a criptomnésia.

Conhecia-se, há muito, a importância do subconsciente nas mais elevadas manifestações intelectuais. Conhecia-se, do mesmo modo, a existência da criptomnésia, sabia-se que numerosos fatos, aparentemente esquecidos, não estavam, entretanto, apagados e podiam, bruscamente, reaparecer debaixo de influências diversas (emoção, perigo, doença), porém recentes descobertas psíquicas provaram que a importância do subconsciente e da criptomnésia era infinitamente maior do que se pensava. As pesquisas sobre o mecanismo do gênio, o estudo dos casos de personalidades múltiplas no mesmo indivíduo, demonstraram a espantosa complexidade do inconsciente.

Depois, o estudo do hipnotismo e do sonambulismo, sobretudo dos fenômenos mediúnicos, estabeleceram o seu papel predominante nas psicologias normal, anormal e supranormal.

Demonstrou-se, atualmente, que uma porção essencial do ser pensante, porção que parece cada vez mais vasta e complicada, escapa, na maior parte, na vida normal, à consciência e à vontade e fica latente e oculta.

Desde então cai, por si mesma, a objeção capital que se fazia outrora à palingenesia: a objeção do esquecimento. Que a criptomnésia se estenda, além da existência atual, nada mais fácil agora de compreender-se. Que esse subconsciente, tão misterioso e tão profundo, encerre em si a lembrança e as aquisições das vidas passadas, nada de mais lógico e de racional.

Ser-nos-á, desde agora, fácil estabelecer que a palingenesia não é apenas possível, mas provável. Digo provável, por meio de uma demonstração direta e suficiente da realidade das existências anteriores.

As experiências feitas por de Rochas sobre a regressão da memória, foram um encorajamento à continuação das pesquisas neste sentido, mas não concludentes. Não se soube, com efeito, eliminar a parte da sugestão mental do operador defronte da sensitiva ou da auto-sugestão deste último.

Das experiências de de Rochas, há, pelo menos uma verificação precisa a registrar: é a unanimidade dos sensitivos em afirmar a reencarnação. Todos, quaisquer que fossem a sua origem, a sua educação, o seu nível intelectual, os seus princípios religiosos, declararam, espontaneamente, a sua passagem por outras existências. Construíram quase

sempre, sobre esta probabilidade, romances de valores diversos, geralmente inverificáveis, mas o fato da unanimidade e da espontaneidade de suas afirmativas referentes à pluralidade das existências não é um fato que se despreze. Prova, pelo menos, a realidade de um instinto profundo, de uma intuição que repousa, sem dúvida, numa base séria.

Excetuentes as experiências sobre a regressão da memória, observações tendentes a provar a reencarnação foram recentemente publicadas. Conhecem-nas bem os leitores das revistas metapsíquicas e algumas delas são bem impressionantes, mas são ainda pouco numerosas para convencerem. Uma reserva mais forte ainda deve ser feita no que concerne aos fatos do "já visto", às impressões pessoais, às vagas reminiscências que muitos sensitivos pretendem ter conservado de existências anteriores...

Essas reminiscências têm certamente a sua importância para aqueles que as experimentam, mas o seu valor objetivo e demonstrativo é evidentemente nulo.

Na falta de uma demonstração direta, que será obra do futuro, a palingenesia tira o seu caráter de probabilidade de provas indiretas, provas essas solidamente estabelecidas. Pode-se resumi-las assim:

O estudo da psicologia integral e especialmente do metapsiquismo demonstra a presença, no ser, de princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior ao mesmo tempo subconscientes e exteriorizáveis. Esses princípios se mostram nitidamente como que independentes do funcionamento orgânico.

Eles formam uma síntese complexa cujos elementos constitutivos só provêm, em mínima parte, das aquisições da

personalidade consciente e da existência atual. Os elementos constitutivos têm a sua origem, verossimilmente, numa dupla evolução:

Uma evolução terrestre, em existências sucessivas, evolução correlativa à evolução orgânica, desenvolvendo as faculdades ditas normais.

Uma evolução extraterrestre para as fases da desencarnação, desenvolvendo as faculdades supranormais, leitura do pensamento, clarividência, etc., essas últimas ficando geralmente latentes nas fases da encarnação. É a hipótese dita da consciência subliminal ou do ser subconsciente.

Não posso deixar de recordar aqui, mesmo sucintamente, as bases lógicas desta teoria, nem em refazer a sua demonstração. Contentar-me-ei enviando o leitor aos trabalhos originais, em dizer que esta concepção é lógica, decorre naturalmente de fatos não contraditórios, apresenta a seu favor uma série de provas muito importantes e impressionantes, basta para explicar todos os fenômenos obscuros da psicologia integral, enfim, que não foi ainda refutada.

O Professor Morselli, embora hostil à teoria, não teme declarar, nos *Annales des Sciences Psychiques*, de maio de 1947, o seguinte:

"Esta hipótese (do ser subconsciente) está edificada com uma grande habilidade dialética; é certamente a tentativa mais séria que conheço, que se tentou neste sentido."

Fica-se, desde então, autorizado a perguntar por que o ilustre psicólogo não ensaiou mesmo refutar, ponto por ponto, esta tentativa tão "séria" de explicação. Sua refutação não consiste em afirmar, a priori, a origem orgânica das

forças inconscientes e exteriorizáveis, quando os fatos, o raciocínio lógico e as induções racionais protestam contra essa asserção gratuita. Em suma, a ciência oficial, pelos órgãos dos seus representantes, se comporta ainda para com os fenômenos obscuros da psicologia anormal do mesmo modo que para com os fenômenos obscuros da psicologia normal. Atem-se a meias hipóteses, a meias suposições vagas, imprecisas e indemonstradas.

Morselli nos fala mais de "forças ainda ignoradas, de poderes ainda indeterminados do organismo humano, de faculdades ainda indefiníveis e incompreensíveis, etc."

Estas teorias nebulosas, outras ainda, puramente verbais, não poderiam ser opostas, a menos que por uma refutação prévia, em regra, à teorias límpidas, precisas, documentada e completa da consciência subliminal ou do ser subconsciente.

Ser-nos-á, pois, logicamente permitido concluir: Existe uma hipótese que, de acordo com todos os dados da ciência, contemporânea e na condição única de ser aceita integralmente, explica todos os fenômenos obscuros da psicologia normal, da psicologia anormal, da psicologia supranormal e mesmo da psicologia patológica. Esta mesma hipótese suprime, por acréscimo, todas as dificuldades de ordem moral e mesmo de ordem metafísica que se levantam ante a consciência e a inteligência desde a origem da humanidade.

Ela é, pois, seguramente fecunda e provavelmente verdadeira, ao menos em suas grandes linhas gerais, conforme o critério de Sir Alfred Russell Wallace. Não existe prova mais convincente da verdade de uma teoria geral do que a possibilidade de fazer-se incluir nela fatos

novos e de interpretar se, por seu intermédio, fenômenos considerados, antes, como anomalias inexplicáveis.

Que os psicólogos oficiais não admitam a teoria palingenésica, revolucionária apesar de sua luminosa simplicidade, que se mantenham sob reserva, isto se compreende, é natural, é humano, mas que, não obstante trabalhos conscienciosos que se fizeram a seu respeito, do feixe sólido de provas estabelecidas por esses trabalhos, a desdenhem, sistematicamente, e se recusem discuti-la, como hipótese de estudo, é verdadeiramente inadmissível. Isto, aliás, lhes será impossível segundo uma célebre fórmula: a verdade está em marcha e nada a poderá deter.

Uma última questão me resta a tratar. Perguntais aos vossos colaboradores qual a opinião deles sobre a importância social da doutrina palingenésica nas suas relações com o espírito religioso, no seu papel provável da evolução futura da humanidade. Antes de responder, parece-me indispensável uma breve exposição histórica. O conhecimento do seu papel no passado é necessário para compreender bem o que lhe reserva o futuro.

A história da doutrina se resume assim nas suas grandes linhas: a idéia reencarnacionista, de acordo com documentos que possuímos, é geral no início da evolução humana; é a doutrina natural da humanidade na sua infância, logo, porém, essa idéia se obscurece, se perde, não é mais conservada do que por uma pequena minoria. Mais tarde ela reaparece, chamada, sem dúvida, a se tornar predominante na humanidade altamente evoluída. A teoria dos "extremos" se verifica assim uma vez mais.

O ciclo evolutivo é muito fácil de se compreender:

A admissão da idéia reencarnacionista, mais ou menos precisa ou mais ou menos deformada por superstições diversas, pela humanidade na infância (e ainda em nossos dias pelos povos selvagens), é a conseqüência de um instinto correspondendo, na realidade, a reminiscências ainda não perturbadas por concepções teológicas ou filosóficas.

Sinto, obscuramente, que vivi sempre.

E que transmigrei em formas sem numero dizia o poeta Jean Lahor.

O que um poeta altamente evoluído pode pensar por intuição, os homens primitivos o pensavam por instinto.

Sua candura psicológica lhes permite sentir, sem trabalho, que eles viveram sempre e transmigraram em formas sem conta.

Mas a idéia reencarnacionista é, ao mesmo tempo, simples na sua moral e muito complexa na sua filosofia para a humanidade em via de desenvolvimento mental.

Com efeito, a sua filosofia integral está, há muito tempo, inacessível à massa e à perspectiva, mal considerada, de uma evolução sem fim, de esforços ilimitados, não satisfaz ao homem medíocre ou médio.

A sua moral, de outra parte, não lhe oferece senão um apoio precário, porque a simples noção da justiça imanente não serviria de freio suficiente a paixões desordenadas e poderosas.

O misticismo e as teorias sobrenaturais têm então mais atração. A concepção de um além misterioso, com as suas sanções de felicidade perfeita ou de sofrimentos eternos, tem mais influência, tanto que elas são consideradas como uma verdade indiscutível e indiscutida.

Por estas duas razões, filosófica e moral, é que os fundadores de religiões, os instrutores da humanidade, os profetas, se afastaram, rapidamente, por reflexão consciente ou por intuição subconsciente, da idéia palingenésica. Quando não a proscreveram, evitaram, pelo menos, ensiná-la à multidão e a substituíram pela concepção grosseira, porém mais chocante, da criação ex-nihilo, dos deuses ou de um deus todo poderoso, do juízo final, do paraíso e do inferno.

Não se deve ter medo de dizer: esses instrutores, nas suas épocas, não andavam erradas. A idéia reencarnacionista, repito-o, exige, para ser bem compreendida, para adquirir todo o seu valor prático, um desenvolvimento elevado da consciência e da inteligência.

Não existe aí, salientamos bem, uma simples sagacidade do espírito, mas um fato de experiência. Um exemplo muito simples fará com que o meu raciocínio seja compreendido.

Um reencarnacionista elevado não admitirá mais as divisões factícias da humanidade e não verá mais nelas senão manifestações, destinadas a desaparecer, de uma civilização rudimentar. Para ele, o mal será, antes de tudo, o resultado, como disse antes, da inferioridade evolutiva geral dos seres e dos mundos. Ele se esforçará então, por toda a parte que lhe seja possível, suprimir ou atenuar o mal.

O reencarnacionista primitivo, ao contrario, tirará, à sua vontade, de sua doutrina, uma conclusão diferente.

Ele julgará que, se tal homem ou tal grupo de homens sofrem, quer por uma condição política e social defeituosa, quer por uma prova qualquer, é unicamente em consequência de faltas cometidas numa ou noutras existências antigas. Não procurará então em fazer cessar essa situação dolorosa,

considerada por ele temo um castigo merecido, inevitável e útil.

Compreende-se, agora, por que os reencarnacionistas hindus mantêm, asperamente, o odioso regime das castas e se eternizam na ignorância e na miséria.

O exemplo da Índia é típico e serve para mostrar a inferioridade relativa da idéia palingenésica entre pessoas de um nível inferior ou médio. Vivem lá mais de trezentos milhões de indivíduos da mesma raça, submetidos às mesmas condições ambientes, mas de religiões diversas. Ora, segundo relatórios unânimes de antigos governadores ingleses, não é duvidoso (para não falar senão das duas religiões dominantes) que a massa dos hindus muçulmanas não seja bem superior à dos hindus bramanistas. A moral destes últimos não é senão uma caricatura desfigurada da verdadeira moral reencarnacionista e a sua filosofia está obscurecida e velada pelas práticas mais supersticiosas e tolas que se podem imaginar.

Este exemplo é típico e concludente.

As religiões reveladas têm então, com toda a evidência, desempenhado um papel indispensável na evolução: as suas concepções simplistas e crédulas eram necessárias na longa fase pré-científica desta evolução.

Não se deve, pois, ficar espantado com o obscurecimento progressivo da idéia palingenésica durante as primeiras grandes etapas da civilização humana. Admitida ainda, como doutrina secreta, pelas principais religiões da Antigüidade pagã, ela parece apagar-se com o advento do Catolicismo e do Islamismo.

Permaneceu, entretanto, como privilégio de um pequeno número de pessoas, mas privilégio absolutamente oculto. Os

pensadores isolados que quiseram, apesar de tudo, ensiná-la no Ocidente, foram ou bem incompreendidos ou bem martirizados, como Giordano Bruno.

A doutrina não foi mais, desde então, transmitida a não ser pela iniciação, mais ou menos deformada ou adulterada, encaixada em ensinamentos parasitas ou ocultos sob símbolos misteriosos: era a doutrina predominante das sociedades secretas.

Mas a evolução, seguindo o seu curso, as primeiras generalizações da filosofia científica e os progressos da consciência humana vieram, em nossos dias, abalar os dogmas e mostrar a inanidade deles.

O materialismo parecia dever triunfar. Então a idéia palingenésica reapareceu com toda a publicidade, sendo logo adotada por uma elite. No decurso do século XIX, antes mesmo de toda tentativa de uma demonstração positiva, numerosos pensadores eram reencarnacionistas. Muitos deles, por razões pessoais, evitavam anunciá-lo ao público, mas outros tiveram mais coragem. Fourier, Pierre Leroux, Esquiros. Godin, Pezzani, Charles Bonnet, Jean Reynaud, Schopenhauer, entre os filósofos; Henri Martin, Michelet, Georges Sand, Lamartine, Théophile Gautier, Balzac, Gérard de Nerval, Victor Hugo, Sardou, entre os escritores e outros ainda, cujos nomes me escapam no momento, acreditavam na reencarnação e não a ocultavam.

Desde o começo das investigações metapsíquicas, o número dos partidários da doutrina cresceu de uma maneira regular e contínua (deixo de citar nomes conhecidos de todos). Estamos, com efeito, na aurora da terceira fase evolutiva, a fase da filosofia científica.

A palingenesia, com o seu cortejo bem compreendido de conseqüências metafísicas, morais e sociais, repousará, no futuro, em bases sólidas e desde então inabaláveis.

Mas o que é preciso proclamar bem alto é que, sob a pena de um recuo cujas conseqüências para a humanidade seriam absolutamente nefastas, ela deve subtrair-se, sem reservas, à tirania de pretensos ensinamentos, baseados em supostas revelações ou em pretensas iniciações.

Ela triunfará tanto mais cedo do materialismo e do dogmatismo porque só requererá o método positivo e este é o único capaz de realizar a união indispensável, harmoniosa e fecunda entre a intuição de um lado, a observação, a experimentação e a razão de outro. Não é demais insistir, com efeito, na necessidade de não se separarem, na pesquisa da verdade, estes fatores essenciais de todo o progresso, assim no domínio moral como no domínio material.

A observação, a experimentação e as deduções racionais são geralmente de valor medíocre quando não guiadas por uma idéia intuitiva ou associada a ela. A maior parte das descobertas estiveram no entendimento do homem antes de serem realizadas. As grandes hipóteses sempre precederam as demonstrações e as verificações.

Isto é verdade, mas, de outra parte, a intuição sozinha é inteiramente impotente. Quando ela pretende passar sem o auxílio da razão e da experiência, está fatalmente condenada a permanecer vã, sem influência ou alcance, ou a mergulhar-se em contradições. Os abusos da intuição são mais graves e menos facilmente reparáveis do que os abusos da razão. Devem-se-lhes a diversidade e, por acréscimo, a inanidade dos sistemas filosóficos edificados a priori, a diversidade e a inanidade das doutrinas ocultistas.

O método intuitivo, sistematicamente isolado, conduz pura e simplesmente ao misticismo, ou melhor, a despeito de paradoxos brilhantes e ruidosos, não se distingue dele.

Ora, certas escolas reencarnacionistas, preciso é dizê-lo, estão ainda lamentavelmente impregnadas desse misticismo, imbuídas das velhas tradições de grimórios de magia ou de espírito atávico do método teológico.

Elas têm ainda as suas doutrinas secretas, os seus dogmas, os seus pontífices e os seus iniciados. Têm mesmo, no Além, os seus "senhores do Carma", os seus "semideuses:" e os seus anjos mais ou menos laicizados!

Uma dessas escolas, pela boca de sua grande profetiza, chegou a anunciar, solenemente, ao mundo, a vinda de um novo messias!

Desta vez excedeu-se a medida permitida e nosso direito e nosso dever é de gritar: Alto lá!

Em risco de contristar a crentes eminentemente respeitáveis dessas neo-religiões e fazendo abstrações de amizades e de simpatias pessoais, tenhamos a coragem de lhes dizer: Nada de equívocos, nem de comprometimentos. Não há conciliação possível entre o vosso método e o nosso. As extravagâncias, de que sois culpados, só poderão retardar, se a propaganda insensata dos vossos "mestres" tiver algum sucesso, o futuro da filosofia palingenésica, que nos é igualmente cara.

A era das revelações, a era das profecias, terminou para sempre. Não há lugar, na consciência moderna, para um misticismo fora de moda, tornado agora exclusivamente prejudicial.

A obra definitiva de emancipação intelectual e moral não poderá mais depender senão de pesquisas, estrita e

exclusivamente científicas, sobre a verdadeira natureza do ser e o seu destino.

A filosofia do futuro será clara, simples e magnífica, a filosofia da ciência.

Gustave Geley

Francisco Klors Werneck

Apêndice

Já tendo indicado, para proveitosa leitura, três importantes obras relacionadas com os assuntos tratados - Vida, Morte e Reencarnação - ou sejam: "O que é a morte", de Carlos Imbassahy; "A crise da morte", de Ernesto Bozzano e "A reencarnação", de Gabriel Delanne, achei-me na obrigação de tratar um pouco do palpitante problema da morte aparente. Não há de que se assustar, pois, todas as noites, ao dormir, não se morre aparentemente? Só não falta romper o cordão de prata? E tal já não tem acontecido? Não há pessoas que morrem dormindo? Por que então temer a morte aparente, se ela virá de uma forma ou outra? Que relação pode ela ter com o Espírito e o Espiritismo? Veremos mais adiante, citando casos do gênero.

Como inclui, nesta coletânea, importante pronunciamento do Dr. Gustavo Geley sobre a doutrina palingenésica ou reencarnação, vou transcrever suas reminiscências a respeito. Ele estava firmemente convencido da evolução humana por meio das vidas sucessivas. De sua

volta à Terra guardava uma profunda lembrança que confiou, em documento datado de 3 de outubro de 1916, ao Prof. Rocco Santolíquido, então Ministro de Higiene da Itália e Presidente do Comitê do Instituto Metapsíquico Internacional, que, no ensejo da sessão comemorativa da trágica morte, em 19 de junho de 1924, do saudoso ex-diretor desse mesmo Instituto, Dr. Gustave Geley, o leu e se acha reproduzido por extenso no prefácio da 3ª edição de sua obra *Essai de revue générale et d'interprétation synthétique du Spiritisme*, de onde o transcrevo:

Sonho ou recordação

"Minha primeira infância foi obsecada por uma visão tendo todos os característicos de uma lembrança. Essa visão ainda que atenuada mais tarde, nunca se me apagou do espírito e, ainda agora, tem para mim o valor de um fato. Antes de descrevê-la, devo dizer que ela está intimamente ligada a uma recordação, esta autêntica, das seis primeiras semanas de minha vida.

Durante essas seis semanas, meus pais habitavam a cidade de Montceau-les-Mines, perto da estrada de ferro que passava diante de nossa casa, tendo deixado essa cidade para irem morar em Genebra, quando eu tinha apenas mês e meio.

Ora, quando alguns anos mais tarde, passava diante de uma via férrea, a recordação da estrada de ferro, vista durante os primeiros anos de minha vida, voltava, irresistivelmente, muito rápida.

Contei esta reminiscência a meus pais. Ficaram surpresos com ela e apenas puderam confirmar o fato de que a nossa casa, em Montceau, se achava situada, como eu dizia, junto à

via férrea, mas, quando lhe contei a visão ligada a esta recordação, afirmando-lhes que ela era anterior à minha estada nessa cidade, responderam-me, e com toda a aparência de razão, que era absurdo.

Para mim, entretanto, a visão era clara e precisa. Impunha-se-me ao espírito como uma recordação indiscutível, ainda que fosse incapaz de explicá-la ou de compreendê-la.

A visão, pois, permaneceu um enigma para mim, enigma sobre o qual meditava muitas vezes até o dia em que comecei a estudar os fenômenos psíquicos. Adquiri, repentina e espontaneamente, a convicção singular de que a visão era a recordação de meu nascimento, lembrança que havia ficado gravada em meu espírito.

Sei tudo o que se pode objetar a esta idéia. A mim próprio eu faço objeções de todas as espécies. O raciocínio lógico leva a declarar que não se pode tratar senão de um sonho, talvez provocado não sei por qual incidente esquecido. Seja, mas a minha impressão íntima, irresistível, é inteiramente outra: creio, apesar de tudo, na realidade de uma recordação.

Dito isto, eis o fato:

1.º - Vejo-me, nitidamente, como prestes a partir para uma longa viagem. Estou cercado de amigos que me dizem adeus. Não tenho recordação alguma das feições desses amigos, nem de suas personalidades, nem dos pensamentos trocados. Estão todos de branco e eu também. Estamos em plena luz. Mas é preciso partir: todos se agrupam ao meu redor.

2.º - Depois, bruscamente parece-me que caí em um precipício todo negro, em plena obscuridade. Sinto-me

arrastado como por um turbilhão. Caio e vou rolando, irresistível e dolorosamente.

3.º - Depois, bruscamente, luz, mas uma luz vaga, confusa. E experimento uma sensação de abatimento, de pesar, de sofrimento. Depois, o esquecimento, por completo, do que se segue. Essa terceira cena é muito mais breve e menos nítida do que as outras.

Completo a narração da Geley, partindo do ponto em que seu espírito desceu do Além para reencarnar-se na Terra.

Vamos ver o estado do espírito durante a formação de seu novo corpo terreno, no seio da gestante.

A união entre o espírito e o corpo começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento.

Um laço fluídico liga o espírito ao germe e essa união se vai apertando cada vez mais, torna-se a cada momento mais íntima até o instante em que é completa, isto é, quando a criança nasce.

No intervalo da concepção ao nascimento, as faculdades espirituais são pouco a pouco aniquiladas pelo poder, sempre crescente, da força vital que diminui o movimento vibratório do perispírito até o momento em que o mínimo perceptível, não sendo mais atingido, o espírito fica inteiramente inconsciente. A essa diminuição de amplitude do movimento fluídico é que é devida a perda da memória.

O estado do princípio inteligente, nos primeiros tempos, é semelhante ao de um espírito encarnado durante o sono do corpo; à medida que a hora do nascimento se aproxima suas idéias se apagam assim como o conhecimento do passado, do qual não tem mais consciência, uma vez, novamente, na Terra, isto é, desde que nasceu.

Este é o ensino dos espíritos, que pode ser encontrado em "O Livro dos Espíritos", capítulo "União da alma e do corpo", correspondendo às seguintes perguntas e respectivas respostas:

344 - Em que momento a alma se une ao corpo?

R. - A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.

351 - No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, goza o espírito de todas as suas faculdades?

R. - Mais ou menos, conforme o ponto em que se ache dessa fase, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, começa o espírito a ser tomado de perturbação que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um espírito encarnado, durante o sono. A medida que a hora do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam como a lembrança do passado, da qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida terrena. Essa lembrança, porém, lhe volta, pouco a pouco, ao retornar estado de espírito.

352 - Imediatamente, ao nascer, recobra o espírito a plenitude das suas faculdades?

R. - Não; elas se desenvolvem, gradualmente, com os órgãos. O espírito se acha numa existência nova; preciso é

que aprenda a servir-se dos instrumentos de que dispõe. As idéias lhe voltam, pouco a pouco, como a uma pessoa que desperta e se vê em situação diversa da que ocupava na véspera.

Vamos narrar agora os mais variados casos de morte aparente por trabalho feito, por provação, por operação, etc.

O caso de trabalho feito, como se diz em magia, eu o colhi na pág. 48 do inquérito promovido, em 1925, pelo jornal carioca "A Noite", inquérito vasto e popular feito pelo jornalista Leal de Souza e publicado sob o título de "No Mundo dos Espíritos". Narrou-o, no salão de conferências do Abrigo Teresa de Jesus, o Sr. J.P. Brigagão. Ei-lo na íntegra:

"Há poucos dias, na vizinha cidade de Niterói, uma linda moça, na flor da idade, cheia de sonhos azuis e ilusões douradas, adoeceu de enfermidade misteriosa. Foram chamados bons médicos e a enferma não melhorou. Antes, piorou. Novos doutores foram consultados, porém a donzela, agravando-se rapidamente o seu estado, foi julgada sem salvação possível. Em desespero, seu pai, um comerciante abastadíssimo, ouviu os conselhos de um amigo e solicitou os socorros ao centro espírita N. S. da Piedade, onde se manifestam espíritos de caboclos, porém, mal acabara de pedir tais auxílios, quando recebeu a notícia do desenlace fatal: sua filha falecerá às 5 horas da tarde. Voltou o pai, em pranto, para o seu lar abalado. Veio um médico, examinou a moça e lavrou o atestado de óbito. Lavou-se e vestiu-se o corpo, Foi colocado, sob flores, na mesa mortuária, entre velas bruxuleantes. Um sacerdote fez a encomendação. Às 8 horas da noite, ao iniciar a sua sessão, o centro espírita N. S. da Piedade, não tendo sido avisado do falecimento, fez uma prece pela saúde da moça já morta. Manifestando-se o

espírito do guia e protetor do centro, disse: "Um grave perigo ameaça a moça por quem orais. Continuai as vossas preces com fervor e sem interrupção até que eu volte, pois vou sair para socorrê-la."

Os espíritas do centro N. S. da Piedade, orando com fervor, esperaram cerca de duas horas e, ao término delas, manifestando-se de novo, o espírito de seu guia disse-lhes": Está salva a moça. Espíritos maus, convocados por motivo de ordem pessoal, haviam envolvido a jovem em fluidos venenosos, que a estavam matando. Não se quebrara, porém, o fio que liga o espírito ao corpo.

Às 8 horas da noite, continuou o narrador, a moça permanecia na mesa funerária, com todos os sinais da morte. Às 9 horas, uma demonstração de vida animou-lhe a face e, percebendo-a, seu padrinho preveniu-lhe o pai. Retirada da câmara mortuária e reposta em seu leito, a moça reabriu os olhos e, momentos após, erguia-se curada, completamente boa. Os espíritos de caboclos, em combate travado no espaço, tinham vencido os espíritos maus."

Neste caso a seguir, a pessoa foi enterrada aparentemente morta, mas morreu mesmo, por provação, para resgate de uma dolorosa dívida contraída na anterior existência. Para os que ainda não o conhecem, transcrevemo-lo da pág. 382 de "O céu e o inferno", de Allan Kardec, muito preciosa obra cuja leitura recomendamos aos espiritualistas em geral.

É uma manifestação de Antônio B., enterrado vivo. Eis o caso em todos os seus detalhes:

"Antônio B., escritor de estimadíssimo merecimento, que exercera, com distinção e integridade, muitos cargos públicos na Lombardia, Itália, pelo ano de 1850, caiu aparentemente morto, de um ataque apoplético. Como

algumas vezes sucede em casos tais, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestígios de decomposição notadas no corpo. Quinze dias após o enterro, uma circunstância fortuita determinou a exumação do corpo a pedido da família. Tratava-se de um medalhão, por acaso, esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir este, notaram que o corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços e, coisa horrível, que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto. Ficou, então, patente que o infeliz Antônio B. fora enterrado vivo e deveria ter sucumbido de desespero e de fome. Evocado na Sociedade Espírita de Paris em Agosto de 1861, a pedido de parentes, deu as seguintes explicações:

1 - Evocação - Que quereis?

2 - A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quiserdes responder-nos. - R. Sim, desejo fazê-lo.

3 - Lembrai-vos dos incidentes de vossa morte? - R. Ah! Certamente que me lembro. Mas por que avivar essa lembrança do castigo?

4 - Efetivamente fostes enterrado por descuido? - R. Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os característicos da morte real; eu estava exangue. Não se deve, porém, imputar a ninguém um aborrecimento que me estava predestinado desde que nasci.

5 - Incomodam-vos estas perguntas? Será mister lhes demos fim? - R. Não. Podeis continuar.

6 - Por que deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos fosseis feliz. - R. Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos

responder e, se não puder fazê-lo, fa-lo-á um dos vossos guias por mim.

7 - Podeis descrever-nos as vossas sensações daquele momento? - R. Que dolorosa provação sentir-se encerrado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido! Gritar? Impossível. A voz, por falta de ar, não tinha eco. Ah! que tortura a do infeliz que, em vão, se esforça por respirar num ambiente limitado. Eu era qual condenado à boca de um forno, abstração feita ao calor. A ninguém desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um fim tal. Oh!, cruel punição de uma cruel e fera existência! Não saberia dizer no que então pensava, apenas revendo o passado, vagamente, entrevia o futuro.

8 - Dissestes: cruel punição de uma fera existência. Como se pode conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada? R. Que vale uma existência diante da eternidade?! Certo, procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitara um tal epílogo anteriormente, isto é, antes de encarnar. Ah!... Por que interrogar-me sobre esse passado doloroso que só eu e os bons espíritos enviados do Senhor conhecíamos Mas, visto que assim é preciso, dir-vos-ei que, numa existência anterior, eu enterrara viva uma mulher, a minha esposa, e por sinal num fosso! A pena de Talião devia ser-me aplicada, Olho por olho, dente por dente.

9 - Agradecemos a vossa resposta e pedimos a Deus vos perdoe o passado em atenção ao mérito de vossa última encarnação. - R. Voltarei mais tarde e o espírito de Erasto completará esta minha comunicação.

Nos esclarecimentos dados sobre o caso de Antônio B., Erasto, o guia do médium, após dizer que desfechos como

estes são raros, visto como se de tal modo terminou essa existência, foi tê-la solicitado o próprio espírito, disse mais as seguintes palavras: "As penas não existem para desenvolver a humanidade, mas para punição dos que erram. De fato, a humanidade não pode ter interesse algum no sofrimento de um dos seus membros. Neste caso, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos? Por que morrem esses queimados, enquanto que outros padecem as torturas de longa agonia entre a vida e a morte? Ah! Crede-me: respeitai a soberana vontade e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência! Deus é justo e só faz o bem."

Mas vamos ainda narrar alguns casos de morte aparente, em que os supostos mortos retornam à vida.

O seguinte caso, acontecido com o médico Dr. Wiltse, rigorosamente estudado pelos cientistas ingleses Prof. Dr. Frederick W.M. Myers, de Cambridge, e Dr. Richard Hodgson, ambos da Sociedade Real Inglesa, permite ver, em mais este caso de morte aparente, quanta coisa pode acontecer a um espírito, no Além, antes de seu retorno ao corpo físico, do qual foi afastado por um súbito ataque de catalepsia.

Trata-se de um observador inteligente, que, após longa crise comatosa em que ficou como morto, contou, logo que voltou a si, tudo o que com ele se dera, convindo notar que os seus ouvintes assinaram, perante um tabelião, uma declaração jurada do que ouviram.

Conta o Dr. Wiltse:

"Fiquei cerca de quatro horas sem pulso e sem que se percebessem as pancadas do coração, assim me disse o Dr. Raynes, que se tinha conservado à minha cabeceira. Num

dado momento, várias pessoas presentes me julgaram morto e, como a notícia se espalhasse, os sinos da aldeia tocaram a finados...

Creio que permaneci em absoluto estado de inconsciência. Naturalmente não tentarei dizer quanto tempo durou ele, porque um minuto ou um século, naquele estado, pareciam idênticos. Entretanto, voltando a mim mesmo, percebi que ainda me achava no corpo, embora tivesse a impressão de que entre o meu corpo e o meu "eu" nada mais havia de comum. Admirado e contente, pela primeira vez eu contemplava a minha verdadeira pessoa, isto é, o meu "eu" real que, por todos os lados, se achava circundado pelo "não eu", o qual o prendia como num sepulcro de argila.

Com todo o interesse de um médico profissional, esquadrihava eu as maravilhas anatômicas de meu corpo, desse corpo inanimado de que eu era a alma viva e no qual achava agora inteiramente encaixado, como que colado a cada tecido. Apercebi-me de que o tecido cutâneo marcava os limites exteriores do tecido, por assim dizer, anímico. Compreendia, perfeitamente, a minha situação e, com uma calma absoluta, assim raciocinava: "Estou morto no sentido que o uso consagra a semelhante palavra, apesar disso eu me sinto mais homem do que nunca e veto que vou separar-me do corpo.

Seguia, atentamente, o interessante processo da separação do espírito do corpo. Graças a uma força aparentemente extrínseca, o meu "eu" se sentia lateralmente atraído e repellido para cá e para lá, como o movimento de um berço. Devido a esse movimento foi que se foram gradualmente rompendo os laços que o uniam ao corpo. Passado certo tempo, cessaram os movimentos laterais e

senti simultaneamente na planta dos pés, nas suas extremidades digitais e depois nos calcanhares como que o rompimento de inúmeros fiozinhos. Comecei depois a sentir-me lentamente puxado dos pés para a cabeça tal como se eu fosse uma corda de borracha. Recordo-me perfeitamente de ter tido esse pensamento quando atingi a altura dos quadris:

"Agora já não há vida para baixo do fêmur". Não me lembro do tempo em que também deixei o abdome e o peito, mas vivamente daquele em que meu "eu" se condensou na cabeça, momento em que fiz esta reflexão: Eis-me agora todo inteiro na cabeça; mais um nadinha e me verei completamente livre.

Depois foi como se todo eu me achasse na periferia do cérebro e como se eu tivesse ficado vazio por dentro; daí há pouco já era como se eu tivesse comprimido as membranas em todas as direções e, logo depois, como se eu me tivesse infiltrado pelas suturas do crânio como se eu fosse um corpo membranoso cujas paredes se houvessem afinado para passarem por uma fenda. Lembro-me perfeitamente de que a mim mesmo me parecia com qualquer coisa semelhante a uma medusa, tanto pela forma como pela transparência... Erguendo a cabeça, vi-me impelido para cima, de lá recalcado para baixo e depois comprimido dos lados, tal como a bola de sabão que ainda pende da campânula... Finalmente, eis que me vi a surgir do corpo e a descer suavemente para o solo, onde me fui, pouco a pouco, desenvolvendo até que cheguei às proporções de um homem.

Inteiramente despido, eu me via de cor azul transparente. Para evitar os olhares das senhoras bem como das outras pessoas presentes, para a porta que estava aberta, mas, lá chegado, subitamente me vi vestido. Tranqüilizado esse

ponto, voltei para trás para ficar no grupo dos que me eram íntimos. Nesse movimento, dei com o cotovelo esquerdo no braço de um homem que se achava no limiar da porta. Com grande surpresa minha, passou o seu braço através do meu, sem resistência, ao passo que as duas metades do meu se reuniam do outro lado, sem que eu desse por isso, como se fossem aeriformes. Fitei, imediatamente, o homem, cara a cara, para sondar se ele tinha percebido o meu contato. Ele, porém, não deu sinal algum e contemplava tristemente o leito que eu abandonara naquele momento. Como ele, também dirigi o meu olhar para o mesmo ponto e lá vi o meu corpo jazendo, o qual estava um pouquinho virado para o lado direito, com as pernas esticadas e os braços cruzados sobre o peito. Impressionou-me a palidez de meu rosto. Fazia já alguns dias que não me via no espelho... Não supunha que pudesse estar assim tão pálido.

Vi, ao redor de meu cadáver, várias pessoas sentadas e outras de pé e notei particularmente duas mulheres que choravam, ajoelhadas à minha esquerda. Soube logo que uma delas era a minha esposa e a outra minha irmã, mas naquele momento eu não tinha nenhuma concepção exata do que fosse individualidade: mulher, irmã, amigos, tudo era a mesma coisa para mim. Não me lembrava de haver graus de parentesco ou, pelo menos, não pensava em tal. Só podia discernir os sexos, nada mais. Como me sinto! pensei. Agorinha mesmo sofria terrivelmente. A mudança, que tanto apavora e a que dão o nome de morte, veio libertar-me do sofrimento. Acresce que a própria sensação de mudança também passou e agora vejo em mim o homem que eu era dantes, vivendo e pensando, Pensando, sim, porém com mais lucidez do que antes o fazia, sem mais ficar doente e,

portanto, livre de morrer outra vez... Percebi então que um tenuíssimo cordel partia de meu occiput e, semelhante a um fio de aranha, ia ligar-se ao corpo, na base do pescoço...

Daí por diante, o Dr. Wiltse passou a contar como foi que ele saiu do quarto, em espírito, e como foi que se transportou para longe, tendo dessa forma, assistido a visões simbólicas, até finalmente descrever sua volta ao corpo físico ao qual se achava preso, como referido acima, pelo tenuíssimo fio de aranha, que, nem mais nem menos, é o "cordão de prata".

A respeito deste caso, podemos acrescentar que o Dr. Wiltse era médico em Skiddy, Kansas, EE.UU. da América e que o mesmo foi narrado no Journal of the Society for Psychical Research, vol. III, pág. 180, e ainda publicado no Journal de Médecine et de Chirurgie, de Saint Louis, Lousiana, número de novembro de 1889 e no Mid-Continental Review, número de fevereiro de 1890.

Vamos ainda a um caso em que o suposto morto narra as impressões de sua morte. Trata-se do Dr. George Lindsay Johnson e a narrativa está no número de agosto de 1937 da revista The Two Worlds, de Manchester, Inglaterra, sob o título de "Já estive afogado. Impressões da morte".

Conta o Dr. Johnson o sucedido nas seguintes palavras:

"Já estive afogado, entretanto, afortunadamente, o meu cordão psíquico não estava ainda partido e, conseqüentemente, após ingentes esforços no sentido de fazerem funcionar os meus pulmões, fui de novo restituído à vida Não obstante, estive completamente morto e, se ficasse entregue a mesmo, nunca mais despertaria.

Aqui é necessário uma pequena explicação. Que quis eu significar quando disse que meu cordão psíquico não estava

partido? Posso apresentar abundantes provas não só pessoais, como também de estranhos, da existência de uma íntima ligação de nosso corpo físico ao nosso duplo (corpo astral ou etéreo). Esse duplo é uma cópia exata de nosso corpo físico, célula por célula, exceto no que diz respeito às moléstias e más conformações, enquanto essa adesão não é rompida, a pessoa não morre. Se meios adequados e suficientes forem empregados, o corpo aparentemente morto pode ser novamente restituído à vida.

O que digo não é uma nova idéia que apresento: esse fenômeno era conhecido dos Antigos há mais de três mil anos. Assim é que lemos no Eclesiastes, cap. 12, vrs. 6/7. "Antes que se rompa o cordão de prata e se retire a fita de ouro, e se quebre o cântaro sobre a fonte, e se desfaça a roda sobre a cisterna. E o pó se torne à terra donde era, e o espírito volte para Deus que o deu."

Na versão dos Quatro Evangelhos, conhecidos como Evangelhos dos Santos Apóstolos, observa-se que, referindo-se a Lázaro, que Marta e Maria julgavam morto, "Jesus, pois, tornando a bramir em si mesmo (já supondo que Lázaro estivesse morto), veio ao sepulcro, e esse era uma gruta e, em cima dela, se havia posto uma campa. Disse Jesus: "Tirai a campa" e, levantando os olhos ao Céu, exclamou: "Pai, eu te dou graças porque me tens ouvido; eu, pois, bem sabia que sempre me ouves." E depois disto, ordenou em voz alta: "Lázaro, levanta-te." E no mesmo instante saiu o que estivera morto, ligados os pés e as mãos com ataduras, e o seu rosto estava envolto num lenço. Disse Jesus aos presentes: "Desatai-o e deixai-o ir. Quando o cordão astral está partido, a alma não volta, mas, quando está perfeito, há esperança." Então muitos dentre os judeus, que tinham ido visitar Maria

e Marta e que haviam presenciado o que Jesus fizera, creram nele."

As provas da existência do cordão astral são numerosas, mas não podemos relatá-las, como desejaríamos.

Quando eu era um pequeno estudante em Somersetshire, costumava, com os meus colegas, banhar-me nos lagos naturais de água quente, ali existentes. A piscina maior era dividida, em dois compartimentos, por uma divisão de madeira, que se estendia cerca de dois pés abaixo da superfície das águas. Sendo jovem e peralta, fiz um mergulho debaixo da divisão de madeira, mas, antes que eu pudesse emergir do outro lado, um dos meus companheiros me agarrou pelas pernas. Fiquei, portanto, em condições de não poder movimentar-me.

Lutei furiosamente, todavia, mas em vão. Finalmente não pude mais reter a respiração e abandonei-me ao destino. Imediatamente a água me invadiu os pulmões e senti uma terrível sufocação que me pareceu durar muitos minutos, mas que, na realidade, durou apenas um segundo.

Depois a sensação desapareceu e sobreveio certa calma mental. Não sentia mais dor, nem coisa alguma, a não ser uma suave semiconsciência muito agradável.

Quando despertei, senti muitas pessoas ao meu redor, movendo-me vigorosamente os braços e aplicando-me a respiração artificial. Alguns diziam: "Ele está voltando a si", Gradualmente abro os olhos e percebi o que se passara.

Minha convalescença foi rápida, mas contaram-me mais tarde que eu parecia completamente morto quando fui retirado d'água. Meu coração não pulsava mais e meu pulso não era sentido. Embora sendo tido por morto, o assistente

aplicou-me o método de Silvestre, método que me trouxe de novo à vida"

No caso que acabamos de transcrever, o suposto morto não chegou a ser enterrado e, como podemos ver, são muito comuns os casos de mortos por afogamento que retornam à vida.

O que vamos transcrever agora é um que foi por mim traduzido da revista espírita londrina *The Greater World* e reproduzido no número de fevereiro de 1938 da *Revista Espírita do Brasil*, de que eu era secretário, sob o título de "Maravilhas do mundo espiritual vistas num caso de morte aparente". Ei-lo tal qual foi narrado pelo seu protagonista o Sr. George H. Brouwn:

"Quando eu tinha 18 anos, experimentei uma permanência de 49 horas no Mundo Espiritual. O Dr. Norrie havia declarado que eu estava morto. Depois de achar-me reintegrado no meu corpo físico, estive 6 semanas de cama com grande enfraquecimento, Tenho hoje 66 anos de idade e desde então nunca mais tive de consultar médico algum. Consagrei-me ao serviço de nosso Mestre Jesus Cristo e do Mundo Espiritual, empregando todas as minhas forças nesta propaganda.

Remeto-vos agora um recorte do número de 8 de Maio de 1931 do jornal *Newcastle Evening Chronical*, com uma notícia a respeito. Este jornal dá pormenores da ocorrência a que acrescento ainda outros quando sobre o mesmo faço alguma conferência. Trata-se, com efeito, de uma extraordinária experiência, pelo que este jornal conta o que a seguir transcrevemos:

Aos 18 anos, residia eu na Rua Peacock n.º 47, em Milfield e trabalhava nas docas de Sunderland como pintor

de mastros. Ora, em certo sábado, eram 13 horas quando fui a minha casa para almoçar, sentindo-me de saúde perfeita. A dona dela, a Senhora Gray, disse-me que o almoço ainda demorava, Encostei-me então no canapé, esperando que a refeição fosse servida. Logo a seguir tive a impressão de me estar precipitando na escuridão e senti como que desdobrar-me e estar olhando para o meu próprio corpo deitado no móvel, Vi depois o Dr. Norrie, que estava me observando e que, tendo-me ascultado, declarou que eu havia morrido.

Vi a filha da Senhora Gray fechar-me os olhos, colocando nas pálpebras duas moedas e passando um lenço debaixo de meu queixo. Ouvia quanto se dizia e vi distintamente o que se estava passando no quarto onde me encontrava, mas, apesar de todo o esforço, não podia articular uma única palavra, nem dar qualquer sinal de vida. Tudo o que eu havia observado me confirmaram depois.

Não sei verdadeiramente quanto tempo assim estive no meu "corpo psíquico", porque me sentia novamente mergulhado em trevas. Parecia que estava sendo arrastado por uma corrente, primeiro horizontalmente e depois subindo, Distingui uma luz que se ia tornando mais clara à medida que me aproximava até que tomou o aspecto de um espírito que eu julguei ser o meu guia. Disse-me então: "Segui-me sem olhar nem para a direita nem para a esquerda" e o repetiu por diversas vezes.

Obedeci e fiquei admirado da solidez que tinham as coisas que me rodeavam e podia apalpar. Não pude deixar de ceder ao desejo de olhar em volta. Tive então a surpresa de verificar que estava cercado de grande quantidade de espíritos, entre os quais reconheci antigos amigos da Terra.

A intensidade da luz aumentava à medida que nos íamos aproximando de uma vasta planície verdejante cheia de árvores e de flores e atravessada por um ribeiro de água corrente. Respirava-se ali um ar deliciosamente aromatizado, o que me impressionou ou o olfato. Sentei-me na margem de um regato de água pura, e notei que a luz era ali mais brilhante do que a do meio dia, apesar de não haver sol. Não sentia fadiga alguma e chegavam-me ao ouvido acordes de harmonia.

Avistei as muralhas de uma cidade onde se elevavam torres e zimbórios grandiosos. Meu guia fez-me um sinal para que entrasse na cidade por uma pequena porta aberta na muralha. Informou-me ele que essas maravilhosas edificações não foram feitas pela mão do homem, mas pelos seus pensamentos, e boas ações. Sua beleza excedia tudo quanto se possa imaginar.

Uma multidão se comprimia no interior da cidade, mas, não obstante, eu notei logo meu pai e minha mãe apesar de não os ter chegado a conhecer na Terra, pois nasci em um domingo, meu pai morreu afogado na quarta-feira seguinte e minha mãe faleceu no sábado posterior.

Tornei a entrar no meu corpo físico na segunda-feira, às 14,30 horas, depois de haver permanecido 49 horas no mundo espiritual. Parece que o Rev.º Thomas Mason, cura da igreja de Deptford e um dos meus melhores amigos, que se achava à cabeceira do leito em que me achava, notou um estranho movimento das minhas veias e que debaixo da orelha esquerda a pele recuperava um pouco sua cor a natural. Tendo ele trocado impressões com a dona da casa, decidiram mandar chamar o Dr. Norrie.

Tendo depois recuperado os sentidos, achei-me de mãos postas no peito e vi o meu caixão que as pessoas presentes se apressaram em esconder debaixo do tapete.

Fui acometido de um choro convulso durante duas horas, pois que o cenário que acabava de deixar era tão belo que não desejava de modo algum voltar a terra”.

Este não é o único caso existente de um suposto morto que volta à vida terrena, e ele já aconteceu com pessoas que estiveram em estado de coma e em operações demoradas.

A Senhora Joy Snell, clarividente desde a sua infância, como enfermeira profissional que era na Inglaterra, teve numerosas oportunidades de observar operações de doentes e afirma que muitas mortes nas operações se deram pelo fato de os médicos operadores geralmente não conhecerem os fenômenos psíquicos.

Houve, porém, um médico norte-americano, o Dr. Rillet Brisbane Hout, que publicou diversos volumes em que deixou assentada sua capacidade de trabalho, sua cultura científica e sobretudo um fato principal que, longe de ocultar, expôs em todas as ocasiões que julgou oportunas; a sua qualidade de clarividente e a sua clarividência.

Por meio dela, ele pôde ver a separação gradual do espírito, durante a agonia e depois da morte, de um enfermo a que assistia. O Dr. Hout descreveu tudo tão magistralmente que despertou a atenção de todos pela exatidão lógica de suas palavras, em uma revista de natureza científica, abstrata e sempre disposta a repelir tais fatos, ora expostos de modo incontestável.

O referido facultativo decidiu cultivar sua vidência a fim de aprofundar-se mais no estudo do corpo imaterial e positivar algo a respeito do espírito, tendo ele descrito,

depois, o que viu no decurso de três intervenções cirúrgicas praticadas em Chicago.

O primeiro caso foi o de uma senhora a quem se ministrou anestesia geral. O Dr. Brisbane Hout dela se aproximou no momento exato da aplicação e assim pôde ver, durante a intervenção, a formação do espírito acima de corpo da paciente. O espírito separou-se lentamente do corpo, até chegar à altura de cerca de sessenta centímetros, sempre em posição horizontal, como o corpo físico, e, nessa posição, permaneceu flutuando durante todo o tempo em que durou a operação. Estava unido ao corpo material por meio de um cordão fluídico que tinha muita semelhança com o cordão umbilical que nos une à placenta durante a nossa vida fetal e que é cortada na ocasião, permitindo-lhe a vida e o desenvolvimento primário.

O corpo astral da referida senhora apresentava a fisionomia serena das pessoas profundamente adormecidas e não manifestava a menor contração, nem sinal de sentir as incisões e suturas que, mais em baixo, eram feitas na mesa de operações. Quando tudo terminou, o cordão fluídico deixou de flutuar e desapareceu finalmente, como se houvesse entrado no seu corpo físico, e a enferma voltou a si, sem o menor sinal de contrariedade e foi conduzida ao seu leito.

Na segunda ocasião, o mesmo médico assistiu à operação dos vasos biliares de uma senhora idosa. Nesse caso, o Dr Hout viu algo completamente distinto, pois, embora o corpo astral da paciente flutuasse horizontalmente como no caso anterior, parecia, não obstante, estar desperto e consciente de tudo o que acontecia. Em dado momento, o corpo astral desceu até quase ajustar-se novamente ao corpo da anciã,

porém deteve-se observando, com muita atenção, o desenvolvimento da operação e parecia dar sinais de aprovação aos detalhes da mesma, ao mesmo tempo que conservava uma postura extática com movimentos extraordinariamente lentos e cuidadosos.

Ao mesmo tempo, o Dr. Brisbane Hout via em torno do cirurgião várias entidades etéreas que se interessavam vivamente pela operação, como se fossem uns assistentes do operador e outros mestres atentos ao progresso do discípulo. Terminados os efeitos do anestésico, o espírito foi como que atraído pelo corpo da velha e nele penetrou definitivamente no instante em que a, operada voltava a si.

Como no caso anterior, nada de anormal aconteceu à referida senhora que teve alta dias após, em ótimo estado de funcionamento biliar.

O terceiro caso foi realmente o mais interessante pela posição e pelas circunstâncias que vamos expor. Um jovem de robusta complexão física ia ser operado de apendicite. Praticadas as diligências preliminares, foi colocado na mesa de operações e, devidamente anestesiado, não tardou em perder os sentidos, porém aqui está o interessante: seu corpo astral ou espírito estava alerta e completamente consciente. Além disto, em vez de ficar na posição horizontal como os outros, tomou a posição vertical e pôs-se a passear na sala de operações. Foi visto pelo Dr. Brisbane Hout a pouca distância do operador, observando, com a maior atenção, os menores movimentos e detalhes de sua própria operação.

Em certo momento, começou a percorrer a sala examinando os instrumentos cirúrgicos e os diversos instrumentos que via. À proporção que a operação chegava ao termo final, o corpo astral perdia sua atividade e

animação até que, terminada a operação, desapareceu definitivamente no corpo físico do paciente no momento em que este voltava a si.

Como sabemos, o corpo físico está unido ao corpo espiritual por um laço fluídico chamado "cordão de prata" e, como o rompimento desse liame é que causa a morte física, vamos dizer da importância do conhecimento desse cordão, bem como do que ele representa.

Os nossos leitores não devem imaginar que se trata de um cordel físico ou que tenha qualquer semelhança com o cordão umbilical que liga a parturiente ao recém-nascido, logo após a sua chegada a este mundo. O cordão umbilical, como sabem, consiste numa espécie de corda fibro-gelatinosa de 20 polegadas de comprimento aproximadamente, que leva ao feto o sangue oxigenado que de novo volta à mater para ser vivificado. Ora, o cordão astral não tem a menor semelhança com o cordão umbilical, exceto no que diz respeito à sua integridade, que é essencial à vida do nascituro, pois o cordão astral é dotado de uma rapidíssima vibração do éter (semelhante à vibração da luz), cujas correntes passam do duplo psíquico para alguma parte do corpo físico.

Presentemente ainda somos muito ignorantes para explicar a sua origem, mas supomos que ele esteja ligado a alguma parte do sistema nervoso. E o mesmo pode-se dizer da outra extremidade desse cordão psíquico no duplo etéreo, isto é, no corpo psíquico, astral ou alma que todas as coisas vivas possuem.

Podemos também presumir que uma corrente inversa de vibrações etéreas parta simultaneamente do corpo físico ao corpo astral. Podemos então compreender o que é a morte. É

o rompimento desse laço de união entre o corpo físico e o espírito e ela não ocorre logo depois de cessarem os movimentos respiratórios e o ritmo cardíaco, pois, do contrário, ninguém seria trazido novamente à vida por meio da respiração artificial, como já tem acontecido em casos de afogamento.

Além disso, as células do corpo físico vivem individualmente um tempo considerável depois da morte de uma pessoa, pois sabe-se que a barba de um morto cresce ainda durante algumas horas depois do seu falecimento. Apesar disso, a pessoa continua morta: desde que cessam as altas funções vitais, ela não pode pensar, sentir ou ter a menor consciência de sua vida física.

A morte, portanto, não é, como todos os fisiologistas ensinam, causada pela parada do coração, dos pulmões ou do cérebro, mas devida inteiramente à interrupção das ondas vibratórias entre o espírito e o corpo físico. Por isso é que lemos no Eclesiastes (XII, 6/7): "Antes que se rompa o cordão de prata... e o pó se torne à sua terra donde era e o espírito volte para Deus que o deu."

Mas que outras provas há da existência do cordão astral? Muitas, podemos responder. Poucos casos bastarão para atestá-la, entre esses os de desdobramento ou bilocação.

O cordão psíquico, não sendo composto de matéria, mas sim de vibrações etéreas, obvio é que essas vibrações podem atingir o corpo não obstante a distância em que se encontre, assim como a distância de um astro não impede que a sua luz nas alcance.

Ora, há um grande número de pessoas que, consciente ou inconscientemente, são capazes de deixarem os seus corpos físicos e se dirigirem a longas distâncias e verem o que se

passa, sem serem vistas pelos outros, ou então se materializarem e aparecerem aos outros, conversarem e depois desaparecerem, voltando ao corpo físico, tudo isto se realizando graças à elasticidade desse chamado cordão de prata.

Para os que queiram aprofundar o assunto, recomendamos duas obras de minha tradução e autoria do Professor Ernesto Bozzano; "Comunicações mediúnicas entre vivos", publicada pela Edicel, e "Fenômenos de bilocação", editada pela Calvário.

Francisco Klors Werneck

FIM